

Introdução

Todos os dias, abrimos¹ a Internet e vamos diretamente aos sites de notícias antes ou depois de checar as mensagens da caixa eletrônica, ou dispomos no conforto da nossa poltrona, todas as manhãs, ou na mesa do café, o jornal entre as mãos. Para a maioria da grande população adulta, o jornal diário, mesmo em novos suportes, é um vaticínio do nosso dia-a-dia, cuja máxima da obsolescência é o seu paradoxo. Tão logo acessado, tão logo lido, vira matéria perdida. Tem toda a importância por reunir versões acessíveis dos principais acontecimentos da vida social, e importância alguma, porque tem prazo de validade. No entanto, não pode ser excluído como umas das principais pontes entre o mundo, os fatos e os acontecimentos sociais. Tão diário, tão corriqueiro, tão presente, que passamos pelo jornal sem perceber a sua configuração, suas nuances, seu jeito de ser, de se fazer e se mostrar, pois importa ao leitor apenas o escrito, dito, mostrado.

No entanto, seria errôneo julgar que este leitor que tem o jornal entre as mãos é um acomodado, que a leitura é um processo simples de decodificação. A própria forma do jornal exige que o leitor se mova, exige a sua inteligibilidade, porque o jornal provoca, segundo Guimarães:

A começar pelo manejo do papel que serve de suporte para a mídia impressa – ele deve ser seguro, erguido à altura dos olhos, desdobrado, folheado – e, principalmente, pelo esforço de resistência à redução da tridimensionalidade: a página impressa nunca se submeteu integralmente à sua natureza bidimensional, desde que se descobriu que a composição gráfica pode contribuir para organizar, dirigir e acrescentar valores à informação do texto (GUIMARÃES, 2003, p.67)

Por isso, debruçar-se sobre o jornal é recuperar em mais átomos de segundo do que se trata um jornal e de como se compõe. Seria como se numa dessas manhãs, por capricho, ou até tomados por uma curiosidade, pensássemos mais no que vai além da superfície do diário, para além daquele dia; e para além do trivial comentário de que o assunto não muda, ou que o mundo está muito pior. Mas sem perder de vista esta razão do jornal de ser, de ser diário, de ser efêmero de precisar ir ao lixo para outra edição se fazer. Sempre a recomençar, uma edição após a outra.

¹A opção pela primeira pessoa do plural e da primeira pessoa do singular, como se verá em alguns pontos deste texto, é intencional e proposital. Embora precise se distanciar do seu objeto, o pesquisador também é parte do objeto. Portanto, quando há o envolvimento do autor como sujeito presente, será feita a opção.

Lançar-se ao paradoxo de ler o jornal é entender que o jornal é um todo único que se forma em papel e cadernos e que se decompõe em seções, reportagens, notas, notícias. Que tem um espaço físico em colunas, que é também impresso em imagem (fotografias e as ilustrações), e pintado a cores. Que é também conteúdo informativo, como se verá, e que se distribui numa estrutura pré-determinada: o seu projeto gráfico e editorial. Que é também o jornal, uma linguagem, e que está impregnado do cotidiano. E que, ao final, o jornalismo no jornal, apesar desta fixidez, é um jornalismo mutante, indefinido, plural, portanto, um fenômeno paradoxal e complexo, como se verá no caminho desta abordagem sobre o tema. Abordagem que procura estes pontos singulares que compõem o jornalismo cultural, numa atitude que é descompor as parte do todo (em empréstimo à romancista inglesa Virginia Woolf ao “biografar”² Orlando):

Talvez; mas, o que parece certo (pois agora estamos na região do ‘talvez’ e do ‘parece’), o eu de que ela mais necessitava se mantinha a distância, porque ela – a julgar pelo que se ouvia – ia mudando de eus como a mesma velocidade com que dirigia o automóvel – havia um novo eu em cada esquina – como acontece quando, por alguma razão inconfessável, o eu consciente, que é o mais importante, e tem o poder de desejar, não deseja senão ser um eu único. Isto é o que alguns de nós, comandados pelo eu-capitão, o eu-chave, que a todos os outros amalgama e controla. (WOOLF, 1972, p.396)

Segue-se, portanto, na procura destes “eus” do jornalismo cultural, em que pese julgar por justificável toda tentativa de estudar a mídia e, neste caso, o jornalismo cultural impresso, a questão latente perpassa a maneira de fazê-lo. Silverstone (2005) nos pergunta “por que estudar a mídia?”, quando a dúvida cabal é mesmo “como estudar a mídia?”, a par de tantas escolas teóricas, métodos, teorias híbridas e casamentos afins entre áreas, como antropologia e comunicação, comunicação e política, comunicação e filosofia, etc., que imperaram, sobretudo, no período conhecido como o período dos estudos clássicos em comunicação, que chamamos aqueles anteriores aos anos 1960, pautados por teorias como a teoria hipodérmica, teoria da informação etc., e dos estudos semióticos à prevalência e permanência dos estudos culturais nos anos 1980.

² A autora justifica na abertura do livro que se trata de uma “biografia” de Orlando, no entanto, biografia é o relato da vida de um personagem real (GARCIA, 2006). Orlando é um personagem fictício, e Virginia Woolf, romancista, trata-se, na verdade, de um romance.

Levantamentos históricos sobre pesquisa em comunicação, a exemplo do trabalho de Mauro Wolf (2005), Mattelard (2005), entre outros, procuram encontrar ligações e dissidências entre as teorias, chegam a dispô-las em série ou grupos para melhor classificar e entender. O professor Bruno Olivier³ considera que os estudos da comunicação, na verdade, devem responder a uma ou a duas, ou a três dimensões básicas de alcance: por tratarem do discurso e da imagem, há uma dimensão semiótica; por se tratar de um processo, de uma produção, há uma dimensão técnica; por estar inserido no tempo e no espaço, tem uma dimensão social. Marcondes Filho (2002) partilha do mesmo sentimento, ao considerar insuficiente compreender a comunicação por uma única perspectiva teórica:

os estudiosos da comunicação ora se dedicam à pesquisa eminentemente lingüística, ora à pesquisa dos sistemas de comunicação enquanto grandes complexos de transmissão de informação, ora se voltam para as comunicações espontâneas ou inconscientes. Mas todos estes modelos são parciais e, devido a esse mesmo motivo, enganosos por suporem – com isso – dar conta do processo comunicacional (MARCONDES FILHO, 2002, p.10).

O problema da comunicação está, ao se prender o pesquisador num único modelo teórico, em simplificar o problema da comunicação, incorrendo em reducionismo, quando pretende traduzir a verdade, pretensão que, dirá Marcondes Filho, “beira ao ridículo. Por que uma área do conhecimento tem de se pretender absoluta matriz para todas as outras?” (MARCONDES FILHO, 2002, p.11). A equação esquadrinha-se, neste estudo, na união destas dimensões fracionadas, que permitam alcançar a comunicação como essência da vida social, construção da realidade e assim objeto da cultura (BAITELLO JR, 1997).

Para Baitello Jr. (1997) é a cultura (sistema semiótico e comunicativo) que ordena a atividade criativa do homem. A cultura é uma segunda realidade, por ser recriação. A primeira realidade seria a físico-biológica, das satisfações para a sobrevivência, como alimentar-se; a segunda realidade, oriunda desta primeira, como o ócio que o sono

³Minicurso ministrado pelo professor Bruno Olivier, As Ciências de informação e comunicação como interdisciplina frente à globalização e à Web 2.0: construção de pesquisas e metodologias. Minicurso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, PPGEM, Natal/RN, 24 a 26 de maio de 2010.

permite libertando-o para o sonho, é a fonte da construção desta segunda realidade, expressa em signos e realizada em texto. Portanto, linguagem; e linguagem, obedece a princípios e regras. O texto, unidade mínima da cultura, seria outro aporte. Outros seriam: o sistema de transmissão de notícias, resultado do desenvolvimento dos mecanismos de textualização; a mídia como suporte que demarca o tempo; e as sociedades midiáticas centradas no presente – pontos que se coadunam com a reflexão que se pretende sobre o jornalismo e a sua produção de sentido. Jornalismo, portanto, aqui será entendido como linguagem com princípios e regras que traçaremos. Uma linguagem que se expressa na página impressa, em que não só o texto-texto constrói a realidade, mas outros suportes tão pertinentes quanto importantes como o texto-imagem e a distribuição destes textos na página.

Jornalismo cultural, portanto, é o tema desta dissertação. Vamos explorá-lo no lugar onde se encontra, nas páginas do jornal diário impresso. Não é a concepção de cultura para o jornalismo cultural, não é a análise de um produto cultural exposto pela mídia especializada em cultura. É o “eu-capitão” e todos os outros “eus” (“eus” que seriam os elementos que o compõe: as seções, os gêneros, a informação e a opinião, a fotografia, a ilustração, o projeto gráfico) que compõem a entidade jornalística chamada jornalismo de cultura, jornalismo cultural; a abordagem, as suas questões pertinentes, *savoir-faire*, *modus operandi*, na própria compreensão e forma em que estes “eus” convivem. Virgínia Woolf:

esses eus de que somos constituídos, sobrepostos uns aos outros como pratos empilhados na mão do copeiro, têm suas predileções, simpatias, pequenos códigos e direitos próprios, chamem-se como quiserem (...) pois cada pessoa pode multiplicar com a sua própria experiência as diferentes condições que impõem os diferentes eus (WOOLF, 1972, p.395).

Uma justificativa de pertinência se apresenta para este estudo. A que pese também a escassez de estudos sobre jornalismo cultural, livros, teses e pesquisas sobre, o que por si só, já justifica a relevância do seu estudo – ainda mais, quando se percebe que os estudos culturais no Rio Grande do Norte ainda são incipientes nas artes plásticas, na arquitetura, no *design*, gastronomia e, sobretudo, no jornalismo cultural –, percebe-se que há um alastramento na produção, criação de revistas especializadas, *blogs* e portais

dedicados ao jornalismo em cultura e, na própria produção cultural, mais artistas em exposição, designers desenvolvendo produtos, grandes obras de arquitetura em construção, desfiles e coleções de moda, expansão do mercado da gastronomia. Em contrapartida, também se percebe que não há estudo sistematizado e crítico ou levantamento sobre esta produção cultural e sobre o registro jornalístico nas novas áreas exploradas pelo jornalismo cultural (que são a arquitetura, o *design*, a gastronomia e a moda).

A própria definição de jornalismo cultural e dos temas de cultura é puramente técnica e empírica lançada por jornalistas que escrevem sobre jornalismo e tomadas de empréstimo nos livros e estudos acadêmicos. Até onde se pode averiguar, a literatura resume-se a um trabalho-chave, *Jornalismo Cultural*, de Daniel Piza, que discute não só a produção jornalística a partir das polaridades cultura popular e erudita, o nacional e o internacional, mas também a apresentação do jornalismo, em notícia, reportagem, entrevista, ensaio, artigo de opinião, crítica, resenha, comentário, nota – que são os gêneros jornalísticos – e apresenta os temas, que são as sete artes consagradas pela estética, pintura, escultura, arquitetura, teatro, dança, música, cinema (SUASSUNA,1996), e as novas searas do jornalismo cultural, que são o *design*, a gastronomia e a moda (PIZA, 2004).

O livro de Piza pode muito mais se classificar como um manual ou roteiro que apresenta o jornalismo cultural para o jornalista do que um estudo sobre o assunto. O mais são trabalhos pontuais sobre *modus operandi* do jornalismo, a reportagem, a notícia, a crítica cultural (muito mais difundida e divulgada nas próprias áreas de interesse, a crítica de arquitetura, que é feita exclusivamente por arquitetos, a que pese algumas exceções, o mesmo com as artes plásticas e a literatura, feita por artistas e escritores, respectivamente...) etc. sobre o jornalismo impresso, o jornalismo de revista, comemorativos como os 50 anos do *Ilustrada* (GONÇALVES, 2008), que é o caderno da cultura e entretenimento do jornal *Folha de São Paulo*, ou coletânea de opinião, como o livro resultado das conferências do projeto do Itaú Cultural (LINDOSO, 2007) que discute a prática e a produção do jornalismo cultural no Brasil e no mundo.

No *locus* da academia, artigos, dissertações, teses, pesquisas, os estudos tecem crítica ao jornalismo atual, descrevem e classificam o jornalismo produzido no caderno de cultura

dos jornais, expõem as suas peças (partes) em matéria de capa com destaque para o assunto do dia, ou da semana, presença de coluna social e coluna de tevê, horóscopo, tirinhas em histórias em quadrinhos, sinopse e horário dos filmes em exibição nos cinemas e na tevê; seção fixa e semanal com comentário sobre cinema, resenha de livros, cronistas e ensaístas, colunas de opinião. Soma-se ao material de suporte, a necessidade de apresentar o que também se lê sobre o assunto no Observatório da Imprensa, nos editoriais das revistas, destaque para revista cultural Bravo!, e nos artigos de opinião dos jornalistas, quando refletem sobre a sua prática, espaços em que os jornalistas exorcizam a sua atividade quando anunciam o cenário do jornalismo e elaboram pontos de vista e opinião sobre o jornalismo.

A par da impossibilidade de selecionar, catalogar e analisar tudo que se diz e se publica sobre jornalismo cultural, o material que se juntou é fruto de uma coleta de artigos no Observatório da Imprensa, colunas do *ombudsman* da Folha de São Paulo, e a opinião dos jornalistas, seja em depoimentos publicados em livro, seja na coluna diária, como é o caso do jornalista potiguar Woden Madruga, seja em entrevistas publicadas na própria imprensa, caso do jornalista Emanuel Barreto. Quando o editorial e o artigo e a coluna tratam de questões relevantes à discussão, são trazidos à tona. E assim se justifica a aperiodicidade da coleta: a pertinência.

O objeto, portanto, são artigos jornalísticos e acadêmicos, reportagens, colunas do *ombudsman*, notas, editoriais, cadernos de cultura da Folha de São Paulo, Tribuna do Norte, Jornal de Hoje, Novo Jornal, livros e pesquisas acadêmicas que expõem o jornalismo cultural e são responsáveis pela construção do seu discurso. Artigos e comentários do Observatório da Imprensa, que é o espaço em que a imprensa reflete sobre a sua atividade de forma crítica. A Folha de São Paulo que se escolheu por se tratar de um jornal de circulação nacional e de maior alcance, mesmo fator que fez recair a escolha para o jornal norte-rio-grandense, Tribuna do Norte, o maior em circulação na capital; e, como contraponto, o Jornal de Hoje, também um jornal tradicional como a Tribuna; e o Novo Jornal, por ser um jornal novo com uma proposta arrojada, que não apresenta um caderno de cultura, mas páginas de cultura.

Em resumo, o objetivo geral é investigar o processo de produção de sentido gerado pelo discurso jornalístico em jornalismo cultural (o que é jornalismo cultural para o

jornalismo) através do material publicado em jornais e revistas e na bibliografia selecionada; e dentre os objetivos específicos, tratar do discurso jornalístico em torno do jornalismo cultural, mapear a produção jornalística nos jornais, perceber aspectos da produção de sentido – como a prática atual de imbricação dos gêneros jornalísticos. No material reunido se encontram colunas dos *ombudsmans* do jornal Folha de São Paulo, artigos do Observatório da Imprensa, colunas do jornalista potiguar Woden Madruga que, volta e meia, comenta a atividade da imprensa. Tudo isso serve de subsídio para pensar o jornalismo cultural pela visão dos seus praticantes.

Este trabalho também é uma leitura do jornalismo cultural produzido, porque a todo tempo estarão presentes comentários, artigos, resenhas, entrevistas, de maneira que o trabalho é plural, polifônico como o próprio jeito de ser do jornalismo. As vozes dos articulistas, colunistas, críticos, repórteres, nos mais diversos instrumentos, o artigo, a coluna, a crítica, a reportagem. Uma pretensão, desta dissertação, em propor o diálogo destas diversas vozes, valendo-se, a todo tempo, do artigo, da coluna, da resenha, da crítica e da reportagem como exemplo do jornalismo que está no jornal e como argumento de reflexão sobre o jornalismo.

A proposta é estudar o jornalismo cultural pela expressão do jornalismo cultural no seu espaço de ação que é o editorial, as colunas culturais, e o espaço do caderno, que servem para apontar e desvendar que jornalismo cultural é este que diariamente é impresso, como o jornalismo cultural se pretende, como se configura, e para tanto não seria possível fazê-lo sem tratá-lo como argumento e justificativa para a sua prática, serão estes os seus “eus” que dirão de quem se trata o “eu-capitão”. Uma proposta que também se reflete na forma em que este trabalho foi redigido em busca de uma ciência mais acessível, desprovida de jargões, menos conceitual, menos categórica e mais livre na sua forma de dizer.

Nas páginas do jornalismo cultural, nos deparamos com uma proposta pertinente para enfrentar o tema do jornalismo cultural, em matéria no Ilustríssima, caderno de artigos da Folha de São Paulo, publicado aos domingos, considerações sobre as pesquisas em humanas, um estudo do doutoramento de Luís de Gusmão, que preconiza um retorno a um ensaísmo desprovido de jargões, menos conceitual, menos categórico e menos classificatório, a favor também de uma escrita mais livre sem pretensão de ser decisiva

ou definitiva sobre o tema em estudo. Gusmão chama “jaleco retórico” esta prisão a modelos e aportes conceituais que as ciências sociais se socorrem para garantir o seu título de ciência, que redundaria num “fetichismo do conceito”: “a troca da pesquisa empírica por ilações dedutivas a partir de conteúdos conceituais pode nos levar a ‘substituir o socialmente real por fantasmagorias de realidade duvidosa’ e mais, “abusos dedutivos que impõem esquemas gerais a fatos particulares, deturpando-os”⁴

O que resiste ao tempo e se firma no cânone são as obras que têm forte suporte empírico, desprovidas de abusos teóricos, que adquirem relevância e mantêm o frescor, não apenas tratados e estudos acadêmicos de história, de sociologia, comunicação etc., mas também uma literatura ainda desprezada como material relevante de pesquisa, até pouco tempo atrás desprezado pela academia. O não-acadêmico, como biografias, ensaios, livros jornalísticos, artigos de opinião, resenhas, era considerado fonte secundária e duvidosa, frente à ironia de uma produção acadêmica, dita fonte segura, que maculada pelo fetichismo do conceito. Pilhas e pilhas de monografias, dissertações e teses não sobrevivem como relevância científica, atinente com uma observação ligeira mais extremante válida até hoje, a relevância de uma pesquisa e a sua operação, para se questionar. Susan Sontag, em seus Diários:

Ora, hoje eu estava dando uma olhada nas publicações do Departamento de Inglês na biblioteca – monografias extensas (centenas de páginas) sobre assuntos como: O uso de ‘tu’ e ‘vous’ em Voltaire; A crítica social em Fenimore Cooper; Uma bibliografia dos textos de Bret Harte em revistas e jornais da Califórnia (1859-91)... (SONTAG, 2009, p.46).

Produzir um trabalho acadêmico prescinde estar atento para estas questões, que não são objeto próprio do trabalho, mais que pertencem ao seu espaço de produção, sobretudo, quando se faz também uma escolha por um material de pesquisa considerado precário pela ciência, que é o editorial da revista, a entrevista e o artigo de opinião do jornal, o comentário jornalístico do *ombudsman* e dos críticos da imprensa no Observatório da Imprensa. Não poderia ser diferente quando o objeto é o jornalismo cultural, tão vário, tão múltiplo, em sua expressão no caderno, em gêneros, em formatos (quadros e blocos de diagramação) e matéria efêmera e perdida, por ser jornalismo impresso e diário,

⁴ CARIELLO, Rafael. Fetiches Conceituais: hora de pendurar o jaleco retórico. Folha de São Paulo, São Paulo, caderno Ilustríssima, p.3, 27. mar. 2011

dispensável após a leitura. Portanto, é o jornalismo cultural nas páginas do jornal refletindo sobre a sua própria prática e a opinião dos seus analistas que é a matéria deste trabalho.

No primeiro e no segundo capítulo apresentação e discussão de temas pertinentes ao jornalismo impresso e ao jornalismo cultural impresso. São feitas considerações acerca dos caminhos do jornalismo e dos estudos sobre jornalismo que traçam um diagnóstico do jornal que hoje se produz no Brasil sob uma perspectiva crítica. Destaque para aspectos do jornalismo cultural e as discussões pertinentes ao jornalismo literário no jornalismo cultural na visão da imprensa; o impresso e o *online*, a força da reportagem, entre outros temas, a visão do jornalismo cultural pelos jornalistas, a profissão de jornalista, a produção do jornal diário, pauta, redação, a linguagem jornalística, a comunicação, o discurso e a escrita.

Em seguida, abriremos as páginas do jornal diário: o jornalismo cultural impresso, a composição do caderno de cultura, textos, imagens o uso da cor, o projeto gráfico dos jornais – estrutura editorial. Ao jornalismo cultural cabe esta liberdade de torcer as amarras do jornalismo, não só, a fotografia, as ilustrações e o próprio design gráfico dos cadernos e páginas de cultura permitem a ousadia, como também o jornalismo explora outras linguagens, outras formas de comunicar por meio destes suportes, fotografia, ilustração e design, crítica, artigo e opinião também. A forma e os espaços do jornalismo no jornal, a reforma dos jornais e o novo projeto gráfico, um passeio pelas redações da Tribuna do Norte, Folha de São Paulo, o Globo e o Estadão via o relato que tecem em suas páginas sobre o novo jornalismo que julgam praticar, alicerçando o que chama de “jornal do futuro”.

O tema é jornalismo cultural, e não a cultura popular nas páginas da Tribuna do Norte durante a cobertura da semana do folclore, ou, como se configura a crítica de cinema sobre filmes de guerra nos jornais Tribuna do Norte e Folha de São Paulo no período de tal a qual. Então, se vai falar do que é o jornalismo cultural na sua composição texto-texto e texto-imagem. Se vai descortiná-lo nos seus “eus”. E assim se fará utilizando-se do que é considerado “não-acadêmico” como acadêmico, e serão fontes tão fidedignas e tão importantes quanto os tratados teóricos para entender o jornalismo cultural, a coluna do jornal, o editorial, a crítica do *ombudsman*. Isso não quer dizer que não se fará uma

investigação científica, questões como a idéia e o conceito de comunicação, texto e imagem e cor como informação perpassam uma leitura fundamentada em pesquisadores caros a estas questões como Marcondes Filho (2002), Flusser (2007) e Guimarães (2000; 2003), entre outros.

A intenção é observar a estruturação dos objetos empíricos (os jornais, onde está o jornalismo cultural), e o discurso que implica em texto; a presença de diversos discursos e seus formatos (reportagem, notícia, nota, legendas, títulos, fotos, ilustrações, diagramação, projeto gráfico). Confrontar a instituição jornal e sua filosofia de ação, princípios, normas, metas; confrontá-lo com o discurso que o jornalismo produz sobre o jornalismo, sobretudo, em veículos de crítica jornalística, o jornal dos jornais, Observatório da Imprensa. A forma que tomará esta dissertação é uma tentativa de utilizar o jornalismo cultural impresso como suporte à sua própria apresentação, por isso foi feito das páginas dos jornais...

Jornalismo e Jornalismo Cultural, sua configuração

A leitura diária dos jornais, revistas, *blogs*, sites e portais culturais aponta um novo cenário de produção em jornalismo cultural, que transpassa a visão crítica dos analistas em pesquisas, artigos científicos, teses e livros – Vargas (2004) Gadini (2006), Faro (2006) e Piza (2004) entre outros. Um discurso que acusa o jornalismo cultural contemporâneo de privilegiar a informação factual e promocional calcada na agenda cultural; que aponta certo esvaziamento de temas culturais, substituídos pelo entretenimento; que reconhece a predominância do texto informativo e a ausência de reflexão e de contextualização dos fenômenos culturais. Um novo jornalismo cultural em nome da objetividade jornalística com características comuns no modo e na forma de produção, uniformizado em seu discurso.

Estrutura fixa de Norte a Sul do país, apresenta-se em um modelo único: matéria de capa geralmente presa ao factual e, cada vez mais, longe da reflexão e da crítica cultural (GADINI, 2006); Presença de colunas de tevê e social de pequenas notas esparsas, horóscopo, sinopse e horário dos filmes em exibição nos cinemas; seção fixa, quando há, e de comentário, e não crítica, de cinema e resenhas de livros, de divulgação semanal. Desapareceram as crônicas, os ensaios, os perfis, as colunas de opinião; desapareceram também, os contistas. O jornalismo cultural do século XXI estaria alicerçado sobre uma nova estrutura de sustentação que privilegiaria a informação descontextualizada e unilateral. Ao fenômeno se atribuem uma série de práticas envolvidas no seu *savoir-faire* e nas características econômicas do empreendimento.

Fatores de ordem econômica como o enxugamento das redações, o acesso às agências de notícias e o aproveitamento de *releases* na íntegra, ou adaptados como matéria, são apontados como sinais que contribuem para estas mudanças. Fatores de ordem cultural como o despreparo dos jornalistas em face da complexidade dos temas culturais e desaparecimento, de suas páginas, da crítica especializada, servem a essa transmutação de caderno de cultura para caderno de entretenimento, ou de agenda cultural. O desinteresse do leitor, na onda da pressa do mundo moderno, e o acesso a outras fontes de informação, como a Internet, seriam também fatores elencados para feição deste novo jornalismo cultural.

Um novo discurso midiático se constrói nas redações pela soma e interferência dessas e outras variáveis condicionantes do seu fazer, cada vez mais próxima da técnica do lide⁵, dos formatos fechados e redondos dos gêneros (notícia, reportagem, entrevista, nota), enquanto a universidade e as feiras literárias resgatam a possibilidade de se produzir jornalismo cultural à Capote, à Talese, de se ousar no estilo, de se desprender das amarras telegráficas do lide, assumindo as interferências subjetivas (escolhas) na produção da notícia, das reportagens, na condução de entrevistas. Um novo jornalismo cultural que se aponta como a tábua de salvação, uma chance para novamente se ousar, uma forma para reconquistar o leitor perdido, o leitor sem tempo.

O jornalismo cultural vive um momento de reflexão sobre a sua prática, seus objetivos e alcance. O debate sobre jornalismo cultural no III Encontro Potiguar de Escritores, promovido pela seção local da União Brasileira de Escritores, em outubro de 2010, não fugiu as proclamações corriqueiras sobre o *status quo* do jornalismo cultural. Em matéria do Novo Jornal, o jornalista Marcelo Godeiro reportou o que foi discutido no encontro:

Opiniões e críticas à literatura, música, poesia, teatro, artes plásticas, entre outros, já não figuram mais entre as principais editoriais dos jornais impressos do Rio Grande do Norte. A partir dessa perspectiva, os comunicadores debateram junto ao pequeno público presente, o tema ‘Jornalismo cultural: ontem e hoje’. A discussão de ontem do III Encontro Potiguar de Escritores, pontuou críticas ao colunismo social, à falta de espaço para opiniões sobre cultura em jornais e o desprestígio governamental por parte do poder público com a cultura.

(...)

Dentro do debate, o jornalista Sérgio Vilar, lembrou a efervescência da imprensa alternativa nos anos 80, que tiveram vez e voz. Sobretudo, ao rápido prestígio logo deu lugar (sic) à decadência e hoje vivemos a incerteza de um futuro estável para o jornalismo impresso no mundo. A respeito do que circula sobre a cultura entre os veículos de comunicação, o jornalista afirmou que o melhor conteúdo se encontra publicado em blogs e sites da internet. ‘O jornalismo cultural no estado é uma tragédia. A nível nacional é que encontramos alguma coisa de qualidade’, comentou.

(...)

Vilar pontuou a diferença de estrutura e pessoal que as editoriais de cultura possuem em estados vizinhos comparadas ao RN. Nos jornais impressos potiguares o que se noticia relacionado ao tema é muito inferior. ‘Conheço jornais em Recife que tem doze jornalistas

⁵O manual de redação da Folha de São Paulo (MANUAL DA REDAÇÃO, 2007) adota a grafia “lide” para o termo de inglês lead; praticamente, é o que se verifica no uso corrente dos autores consultados, lide e lead são utilizados como sinônimo e significam a mesma coisa: técnica utilizada na introdução de matérias jornalísticas, notícia e reportagem.

escrevendo apenas sobre cultura, aqui temos apenas um em cada periódico. Não temos como ser especialistas em tudo. Não dá para saber tudo de música, artes, poesia', disse.⁶

O jornalismo procura a sua identidade. O *boom* da internet, o *blog* como informação, o *blog* como jornalismo, o *blog* como puro diletantismo; a migração dos leitores de revistas e jornais para os grandes portais de notícias *online*; a contradição entre a diminuição do número de leitores do impresso e a proliferação de jornais populares e tablóides; a equação inversamente proporcional entre o preço dos jornais e revistas e a renda da população; a segmentação do mercado de revistas, o esvaziamento das redações e o inchaço das assessorias; a não obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão; as péssimas condições de trabalho dos jornalistas, baixos salários, informalidade, sindicatos relapsos, enfraquecimentos da categoria profissional; as discussões sobre a base curricular ideal; o fortalecimento dos cursos de pós-graduação em comunicação. Faces de uma mesma moeda que sinalizam os dilemas, avanços e retrocessos do jornalismo no Brasil e, mais do que isso, que sinalizam que é preciso se discutir jornalismo em todas as suas vertentes. No Observatório da Imprensa, a constatação de algumas destas transformações:

Uma pesquisa recente do jornal The New York Times mostrou que é cada vez maior o número de leitores que acessam diretamente as páginas de blogs especializados, que de alguma forma poderiam ser equiparados às seções ou editorias nas redações convencionais. A diferença é que as editorias sempre foram decididas pela chefia de redação enquanto no caso das publicações online, a definição fica por conta da demanda do público. (CASTILHO, 2011)

Em entrevista ao jornal potiguar Novo Jornal, o jornalista Carlos Eduardo Lins e Silva comenta o espaço do jornal impresso na mídia, sua articulação com a blogosfera e a vocação para o jornal impresso:

O importante não é o jornal em papel ou o jornal eletrônico. O importante é o jornal. Eu acho fundamental que continue existindo um jornal que tente ser apartidário e se dirige a grupos diversos de pessoas na sociedade. Eu, particularmente, acho muito importante que continue existindo jornal impresso. Por outro lado, eu entendo que por razões econômicas, não faz mais sentido você ter circulações imensas

⁶GODEIRO, Marcelo. Colunismo mundano devora a cultura, evento, encontro de escritores coloca em discussão jornalismo cultural de sua origem aos dias atuais, Novo Jornal, Natal/RN, Cultura, p.14, 28 de out. de 2010

de jornais se se pode ter acesso ao mesmo conteúdo na internet. O jornal impresso não pode oferecer no dia seguinte o que o leitor já leu e viu na véspera. Ele tem que ter assuntos da véspera. Se não fizer isso, ele vai perder não só circulação como influência, que é o mais grave.

(...)

Tem que cobrir menos coisa. Tem que escolher menos assuntos e tratar desses assuntos melhor. Não vejo mais muito sentido um jornal ficar noticiando na segunda-feira como é que foram todos os jogos de futebol do domingo. Tem que escolher um dos jogos e dar um tratamento diferenciado aquele jogo. A notícia picada, a notícia curta de assuntos que não são muito importantes deve ser simplesmente esquecida.

(...)

Opinião é o que não falta na blogosfera. Acho que o que as pessoas precisam é de uma opinião embasada em fatos. Mais do que opinião: as pessoas precisam de uma interpretação. Essa é a palavra-chave do jornalismo impresso. Você tem todas as opiniões que quiser achar na blogosfera, mas poucas são resultado de uma apuração consistente da realidade, com elementos substantivos. A opinião é adjetiva, mas a opinião não substantivada não é nada.”⁷

Discutir jornalismo implica ater-se ao cotidiano, às mudanças que envolvem o cenário de produção do jornalismo atual no Brasil, ao jornalismo que se produz diariamente, sob uma perspectiva crítica. Os jornais não atraem mais, sinalizam as pesquisas de opinião. O fenômeno é mundial – no relato da própria mídia e da literatura especializada (MEYER, 2007). O modelo estaria fadado, acusam, porque os jornais perderam o encanto e perderam conteúdo. Correr as suas páginas, passar por suas editorias, evidenciaria estes sinais: a pauta é sempre a mesma e o enfoque idem; as informações veiculadas no jornal do dia seguinte, já foram exaustivamente abordadas pela Internet e pela tevê; há o predomínio da notícia, em detrimento da reportagem; e mais: superficialismo, proliferação de anúncios, uma série de vícios que contribuem para a necessidade de mudar. Problemáticas a que os cadernos de cultura também não estariam imunes (PIZA, 2004).

Em que pese a novidade, o acesso e a presença do jornalismo na Internet, a presidente da Associação Nacional dos Jornais, Judith Brito, em artigo, reforçou a importância ainda do impresso como fonte de informação primordial:

⁷FERREIRA, Luana. Eu acredito no jornalismo impresso. Novo Jornal, Natal/RN, Cultura, p.25, 02 de dez. de 2009

Dois estudos norte-americanos recentes fornecem elementos importantes para a compreensão da dinâmica da mudança em curso no mercado de comunicação social, provocada pela revolução digital. O primeiro é um levantamento do instituto Pew Research Center, que demonstrou serem os jornais responsáveis por cerca de metade da produção de conteúdo jornalístico novo. As demais mídias tradicionais juntas (tevé, rádio e outros) produzem quase todo o restante e somente 4% das informações inovadoras originam-se nas novas mídias (plataformas de busca, agregadores, blogs, etc). O segundo levantamento, feito pelo Fair Syndication Consortium, atestou que cada matéria de jornal é reproduzida sem licença em média 4,4 vezes na internet, chegando a 15 vezes nos casos dos títulos de maior credibilidade. (BRITO, 2010, p.2)

Também referendada em artigo de Carlos Castilho no Observatório da Imprensa:

A instituição jornal ainda é uma das mais valorizadas na escolha de uma fonte informativa, da mesma forma que a atualidade, originalidade e contextualização da notícia continuam sendo fatores que entram na composição das opções informativas do público. O mesmo acontece com as grifes jornalísticas, que seguem sendo uma referência importante na aferição de credibilidades. (CASTILHO,2009)

Para o jornalismo cultural, o *blog*, alternativa à grande imprensa dos jornalões, por um lado, responde ao desejo do jornalismo cultural, de crítica, análise e exposição de um conteúdo consistente, No viés da crítica que se faz a tabula rasa que se tornaram os cadernos e as páginas de cultura, não espanta que também coadune com o discurso que levou à reforma dos grandes jornais, sobretudo a Folha de São Paulo, que entende ser esta a tônica do jornal do futuro, na mesma toada de Noblat (2007), Meyer (2007): um jornal que seja analítico. O *blog* alternativa ao impresso foi a proposta do jornalista potiguar Tácito Costa (na sua trajetória profissional, Tácito percorreu a redação de jornais como Tribuna do Norte entre outros) com o Substantivo Plural, em entrevista a Daniela Pacheco do Jornal de Hoje, Tácito Costa consegue expor, como se verá, a idéia do seu *blog* o Substantivo Plural:

O JORNAL DE HOJE – Tácito, você mantém o blog cultural há quanto tempo? E, o que o levou a essa empreitada?

Tácito Costa – Em junho de 2011 o blog completou quatro anos. Eu vinha do pique de editar por quatro anos, a revista cultural Preá, da Fundação José Augusto, durante o primeiro mandato de Wilma de Faria. Com a saída de François Silvestre da presidência da FJA a revista perdeu o seu maior entusiasta e foi se esvaziando. Eu percebi isso e pedi para sair. Foi aí que começou a germinar na minha cabeça

a idéia de criar um blog voltado para o jornalismo cultural. O que daria, de certa forma, uma sequência ao trabalho que já vinha fazendo.

O JORNAL DE HOJE – Você saberia dizer qual é o perfil dos visitantes do seu blog?

Tácito Costa – Por ser um blog onde o foco principal é cultura e arte, então a maioria dos leitores são escritores e estudantes, artistas, professores, poetas e intelectuais interessados em textos analíticos e que provoquem a reflexão. Porque uma das características do SP [Substantivo Plural] é publicar muito artigo e ensaio. Também abrimos espaço para a publicação de poesia. Não nos interessa muito a agenda cultural ou o factual em si, isso os outros veículos já divulgam, privilegiamos o debate e a discussão, que às vezes pode ser decorrência dessa agenda ou do factual.⁸

O *blog* é um aspecto dessa realidade do jornalismo. A cultura, uma das suas searas consagradas, *a priori*, no impresso. No Brasil, a maior parte dos grandes jornais dispensa à cultura um caderno diário que abrange fatos relacionados às diversas searas – artes plásticas, música, cinema, teatro, dança e televisão, entre outros. Figuram como principal fonte de informação para tudo que é atinente à análise, crítica e debates de idéias acerca da produção cultural. O jornalismo cultural é considerado uma das especialidades do jornalismo: “o profissional que trabalha nessa área reúne conhecimento e experiência suficientes para elaborar reportagens especiais e críticas de livros, filmes, músicas, peças de teatro e outras manifestações culturais” (JORNALISTA, 2006, p.51). Os textos escritos para esta editoria caracterizam-se por proporem reflexão e aprofundamento sobre os movimentos culturais que, quando ousado, chegaria a ultrapassar o objeto de análise, se dispondo a ler algum aspecto da realidade. O caderno de cultura é justo o espaço para crítica, para provocar e despertar o leitor, para instigá-lo. No entanto, é tratado, pelos próprios jornalistas, como matéria menor (PIZA, 2004).

Outra característica deste jornalismo é o seu pendor para os floreios literários, no emprego do estilo. O jornalismo literário tem um retorno tímido, mas efetivo ao impresso pelas portas do jornalismo cultural. Em que pese, a acusação da efemeridade da Internet, brevidade e obsolescência, o jornalismo cultural apresenta-se mais uma vez como a porta de entrada para o novo jornalismo. A reportagem com toques da literatura ganha terreno, a *New Yorker* é sempre o referencial, o jornalismo norte-americano, portanto, continua a ser o modelo respeitado e ideal, e o jornalismo especializado é a

⁸PACHECO, Daniela. Uma entrevista com o criador do ‘Substantivo Plural, Jornal de Hoje, Cultura, p.19, 3 de jan. de 2011

fonte mais segura para a urdidura de um texto completo e rico a ser ofertado ao leitor que merece no impresso uma notícia trabalhada, bem trabalhada, da apuração à redação, no vaticínio de Noblat (2007) e Meyer (2007) sobre o jornal do amanhã.

A revista cultural brasileira Bravo!, edição de junho de 2010, anuncia o retorno deste jornalismo literário, às expensas de Proust, que dizia que a riqueza de um fato está nos detalhes, e os detalhes seriam o *modus operandi* do jornalismo literário no jornalismo cultural, “a boa narrativa – precisa, bem urdida, empolgante – é a base do jornalismo. Toda reportagem é, em última análise, uma história contada em riqueza de pormenores” (LIMA, jun.2010). Bravo! reproduziu em junho/2010 uma matéria da *New Yorker*, do jornalista especializado em assuntos jurídicos Jeffrey Toobin, o perfil do diretor de cinema Roman Polanski, o gancho, o lançamento do filme de Polanski no Brasil, intitulado “O escritor Fantasma”. E assim a consagração de uma fórmula cara ao jornalismo cultural, o seu requinte, e assim Bravo! anuncia “um texto em forma de thriller, que enumera ‘os detalhes, os detalhes – inclusive os mais sórdidos – de um episódio do qual todos ouviram falar, mas poucos conhecem a fundo: o dia em Polanski deu bebidas e barbitúricos a uma menor de idade, e abusou sexualmente dela”(LIMA, jun.2010).

No Brasil, a onda do jornalismo literário chega ao jornalismo cultural em meio à presença nas feiras literárias em lançamentos e relançamentos de uma série de livros na categoria, e da procura nos cursos de comunicação e nos ensaios pela imprensa cultural do modelo literário como meio de suporte. Bravo! celebrou o que considera uma boa nova em editorial explicando aos leitores a importância do jornalismo literário via a presença de Gay Talese no Brasil (seu maior expoente) nos festejos literários de Paraty em 2010, no contexto que considera de mudança na produção jornalística elevando Bravo! a laboratório experimental: “num mundo em que jornais, revistas e internet disputam leitores, sobressaem-se os veículos que publicam reportagens de apuração exhaustiva, a partir de um olhar surpreendente e redigidas de forma criativa e autoral” (LIMA, abr/ 2010).

Novos experimentos entre o impresso e o *online* procuram alternativas ao que parece já sedimentado, uma tentativa de diálogo entre as páginas dos jornais e revistas na Internet e a edição impressa. As formas de diálogo são a mera reprodução do conteúdo impresso

no *online* (e vice e versa). O mesmo conteúdo em dois espaços distintos, o que revela um prejuízo de linguagem, porque é sabido que a leitura no impresso e a leitura no *online* são diferentes em razão do seu próprio formato e do espaço em que se situam; produção de conteúdos diversos respeitando as linguagens de cada mídia; e uma terceira via, mais disposta ao *online*: dispor seu conteúdo editorial, inclusive o já publicado ao internauta, à edição colaborativa dos leitores.

A reportagem seja qual o meio se expresse, seja o impresso ou seja o *online* é o primo rico do jornalismo. Espaço de exercício pleno do jornalismo cultural que desconfia dos arroubos da crítica. É patente no discurso sobre o jornalismo cultural que a crítica perdeu o seu lugar de soberania nas páginas de cultura. Uma crise maior, que atinge a atividade da crítica e o papel do intelectual objeto de reflexão de Sarlo (2005) e Sontag (2005) em seus ensaios. O jornalismo cultural é um misto de gêneros que se encaixam para o exercício da sua diversidade na revista e no jornal. Para o bom equilíbrio do seu espaço a reportagem deve conviver com a resenha, a crítica e o ensaio. A apuração precisa e boa apresentação da matéria são mais que uma exigência, é vital no jornalismo de cultura. Deve equilibrar o que está em cena, o jornalismo quente (uma exposição em cartaz, um fato inédito), com a análise dos objetos culturais consagrados, sobretudo, quando permite uma releitura.

Este jornalismo para ser preciso e dizer-se completo, segue a linha da apuração pelo jornalista especialista, que na esteira da urdidura da turma do *new journalism*, que passava meses apurando uma matéria, faz disto a qualidade para sua exigência. Em Bravo!, a exemplo, o editor mostra o processo que redundava em ganhos para o leitor, quando (fevereiro/2010) pautou o compositor e cantor Caetano Veloso:

Barbara Heckler, responsável pela área de música na revista, e que é formada em antropologia e jornalismo, foi a campo com essa tarefa [entender Caetano e sua relação com os artistas jovens]. Além de entrevistas várias pessoas, leu livros num espectro que vai de Verdade Tropical, obra autobiográfica de Caetano, a Conversa Sobre o Tempo (...) Ela também ouviu os 42 álbuns lançados pelo artista ao longo da carreira” (LIMA, fev.2010)

Lustosa (1996) aponta que a especialização do trabalho jornalístico é resultado da divisão do trabalho dentro das redações a partir das reformas implementadas nos

grandes veículos de circulação nacional, como o Jornal do Brasil, na década de 1960, tomando por modelo a sistemática do jornalismo norte-americano em criar departamentos nas redações, as chamadas editorias especializadas, responsáveis por cobrir áreas ou setores específicos, sob o comando de uma redação central, representada pela figura do editor-chefe. Um veículo pode contar com quantas editorias quiser, conforme suas áreas de cobertura. As tradicionais são: Geral, Política, Economia, Esportes e Cultura. Em algumas redações cinge-se na figura, em cada editoria, do redator final, responsável pela uniformização das notícias produzidas, a imprimir a linguagem do jornal. No entanto, redações como a da Folha de São Paulo e do Correio Braziliense já sinalizam a imprescindibilidade do repórter completo, que apura, redige e edita (MANUAL DA REDAÇÃO, 2007; NOBLAT, 2007).

O jornalismo cultural, neste contexto de contradições, mudanças e indagações exige uma reflexão sobre a sua prática, que revele a lógica de produção, o discurso e, do discurso, a construção de sentido. É sabido que os cadernos de cultura contemplam as artes em geral nas categorias tradicionais: artes plásticas, literatura, teatro, música, cinema e dança; e, que, atualmente, foge dessa classificação ortodoxa, há uma abertura para novos ramos alçados à pauta do caderno: gastronomia, moda, *design*, arquitetura e decoração, saúde, lazer e comportamento (PENA, 2006). Resultado da produção massiva e da diversificação do consumo cultural (MORIN, 2007). Didonê (2010) aponta como se se está produzindo este jornalismo, ao relatar as condicionantes:

A ânsia por informação reduz o tempo de produção dos textos, liquida páginas de cadernos culturais e transforma reportagens em guias de serviço. Para completar os repórteres pouco saem das redações. Assim abrem-se portas para que anônimos e jornalistas desejosos de um espaço livre criem seu blog e twitter (espécie de microblog em que os usuários digitam mensagens até 140 toques) e façam seus próprios textos e críticas – muitas vezes, bem melhores do que se vê circular pela imprensa. Enquanto instituições culturais produzem sites e revistas. (DIDONÊ, 2010)

Contrário ao discurso consonante da literatura, o que se percebe é diversificação da pauta, com atenção especial à moda, à gastronomia e à qualidade de vida, em publicações impressas e *online*, na mídia tradicional (jornais e revistas) e na mídia vanguardista (*blogs*, páginas e portais na internet). A cultura contemporânea está atrelada ao consumo cultural e à mediação dos veículos de comunicação na escolha dos

temas culturais e na sua divulgação. Ao consumo cultural, por, *a priori*, verificar-se diariamente nas páginas dos cadernos de cultura, cada vez mais, a notícia e a reportagem que tratam da agenda de festas, shows, eventos, lançamentos; à mediação, porque o processo de comunicação é uma atividade mediada. Entre o acontecimento e a formação do discurso, há a reconstrução da realidade, como aponta Charaudeau (2007).

Movida pela idéia de tornar a cultura mais acessível, numa missão exposta pela sua linha editorial de produzir um jornalismo cultural informativo, acessível e crítico, como na edição de Bravo! (junho de 2011), em que se reitera o compromisso da revista com o leitor, e a ampliação do leque de temas abordados, quando entende que o *design*, moda, a arquitetura e a gastronomia também são assuntos da seara do jornalismo cultural. No editorial de Bravo (jun/2011), o editor João Gabriel de Lima aponta a tendência:

Existem diferentes maneiras de os editores e repórteres de uma revista conhecerem seus leitores. Por meio de pesquisas. Em debates e bate-papos, como os que Bravo! promove em parceria com livrarias e instituições culturais. Navegando nas redes sociais. Ou lendo a correspondência encaminhada à redação. Segundo esses indicadores, os interesses dos integrantes da comunidade Bravo! extrapolam as seis áreas tradicionalmente cobertas pela revista – literatura, cinema, artes plásticas, música, teatro e dança. Eles gostam também, entre outras coisas, de moda gastronomia, arquitetura e design. Frequentemente alimentam sites, blogs ou fotologs sobre esse assunto, cujos links enviam até nós, alimentando as pautas da revista, principalmente na seção *Primeira Fila*. Por causa disso, estilistas, chefs, arquitetos e designers frequentemente aparecem em vinhetas como *Nossa Aposta*, *Volta ao Mundo* e *Confessionário*.

Para atender um leitor com interesse cada vez mais múltiplo, Bravo! resolveu publicar, ao longo deste ano, três reportagens especiais. Elas têm o formato de dossiês, de acordo com o modelo popularizado pela publicação britânica *The Economist*. A coordenação é da editora Gisele Kato, com projeto de arte de Thiago Melo. A primeira reportagem especial da série, apurada pela e editada pela jornalista Mariana Delfini, aborda a situação da arquitetura e do design no Brasil. A segunda sairá em agosto e terá a moda como tema. E a terceira, prevista para novembro, falará de gastronomia. Todos esses assuntos abordados sob a ótica da cultura. (LIMA, jun.2011)

O jornalismo será lido por seus profissionais e por seus intérpretes (aquele que se dispuseram a refletir sobre o seu exercício), por um lado, como uma atividade de heroísmo e vaticínio; enquanto, por outro lado, será criticado por estar sujeito aos ditames da empresa jornalística, o jornal, e aos interesses de seus proprietários,

anunciantes e *publishers*. ROSSI (1986), ao traçar um quadro do jornalismo empresa, que passou a ser a constante com a modernização dos jornais, aponta que repórteres e redatores, por não se sentirem responsáveis pelo que estão produzindo, acabam por funcionar guiados por certo automatismo, mais voltado para uma linha de montagem industrial do que para a concepção de jornalismo como trabalho intelectual.

Modernização que resultou também em uma renovação tecnológica e estilística trouxe um novo padrão para o jornalismo brasileiro, próximo do modelo norte-americano. Os jornais abandonam os afamados “artigos de fundo”, e abraçam as pautas pré-determinadas e o modelo do lide. As reformas instituíram a Era da notícia objetiva, direta, impessoal. O jornal-empresa descobriu novos artifícios para atrair os leitores: folhetins, quadrinhos e horóscopos. No entanto, a notícia termina sendo a matéria-prima principal, conformando-se a padrões industriais através da técnica de produção, de restrições do código linguístico e de uma estrutura relativamente estável. A nova imprensa conta, escreveu Nilson Lage, ao abordar a linguagem jornalística, com

projetistas gráficos, repórteres fotográficos e redatores [que] não são artistas ou intelectuais: são trabalhadores de uma indústria de prestação de serviços que opera com bens simbólicos. Não se espera que, ao ver a notícia de um acontecimento qualquer, alguém diga ‘que notícia bem escrita!’, ou ‘layout espetacular!’; o redator ficará gratificado se o leitor se motivar pelo acontecido, entender o que aconteceu e tiver condições de formar juízo adequado a respeito. (LAGE, 2001, p.9)

Um jornalismo ideal passa a ser almejado, a espelho dos que fizeram o *New Journalism*. Independente, distante das padronizações, da notícia instantânea, concentrado na reportagem, na análise das perspectivas, o que se espera do jornal impresso, do jornal diário. Um jornalismo ideal que se identifica no discurso daqueles que refletem sobre o exercício do jornalismo e que tomam a experiência diária como pressuposto. Noblat (2007) aponta os rumos para a prática de um bom jornalismo. E este bom jornalismo, para o jornal impresso, vem em forma de reportagem. O novo jornal atenderá aquilo que o seu leitor espera: uma pauta renovada e interessante, com mais informações desconhecidas em que os temas serão abordados pela ótica dos leitores; neste jornal os leitores serão ouvidos – o *ombudsman* será imprescindível – e haverá mais espaço para manifestar a sua opinião –; este jornal se preocupará em antecipar o por vir, traçando prognósticos. As reportagens serão o seu diferencial; os

repórteres terão mais tempo para a apuração e escrita de suas reportagens; o jornalismo será independente e tomará partido da sociedade.

Visão tanto do ser, como do dever ser, que também tem respaldo nos relatos do dia-a-dia das redações, depoimentos de jornalistas que lidam com o jornalismo cultural, como expõem Lindoso (2007) e Gonçalves (2008). O primeiro, ao reunir reflexões sobre a prática do jornalismo cultural, em artigos de pesquisadores como Cremilda Medina, Teixeira Coelho e Andrés Szanto, e jornalistas experientes como Humberto Werneck; o segundo, ao trazer à tona 50 anos de atividade do *Ilustrada*, caderno de cultura do *Jornal Folha de São Paulo*, em registros das opiniões dos jornalistas Pepe Escobar, Caio Túlio Costa, Matinas Suzuki Jr, Ruy Castro e Rodrigo Naves entre outros. Visão compartilhada pelas pesquisas de Vargas (2004) Gadini (2006) e Faro (2006), que alcançaram, em suas análises, um jornalismo cultural de amarras, preso a agenda de espetáculos e aos *releases* das assessorias de imprensa.

Um diagnóstico que a literatura em jornalismo, a partir de depoimentos de jornalistas que militam nas redações, e de professores e pesquisadores que se dispõem a refletir em artigos, dissertações e teses apresentam ao descrever o *status quo* como sombrio, mas que, no entanto, é passível de uma guinada, e neste ponto, apresentam as possíveis “reformas” que dariam conta de elevar o padrão do jornalismo da pauta à edição. Um jornalismo que poderia se compreendido, nas razões que expõe Morin (2007) sobre a cultura de massas, e Ortiz (1999) sobre a sociedade brasileira, resultado da fomentação de uma nova sociedade que se formou dentro das engrenagens da indústria cultural; tendência que pode ser contornada, no entendimento de Noblat (2007) e Kotscho (2005), que julgam se ser capaz, hoje em dia, de se praticar um jornalismo criativo e reflexivo, inovador, que fuja da mesmice. Um jornalismo de envolvimento que aposte na narrativa jornalística, Muniz (1986); e na reportagem, Lage (2005). Distâncias entre o ser e o dever-ser que Charaudeau (2007) identifica como contradições entre a prática midiática e o jornalismo que se poderia considerar ideal, que deve ser pensado a partir da análise da produção do seu discurso, forma de compreender a estrutura midiática.

O novo jornalismo espera um novo jornalista, porque os parâmetros são outros, que não os do *new journalism*, porque o novo jornalismo deve ser outro, na opinião balizadora de André Deak, integrante do curso *Digital Journalim* da *Keio University*, atenta em

descortinar qual seria a nova configuração do jornalismo, em artigo no Observatório da Imprensa:

Reinventar o jornalismo. Usar ferramentas de outros campos, fundir as mídias, experimentar a interatividade, o poder das redes de colaboração. Criar algo que nunca existiu. Uma nova linguagem, um novo jornalismo. Ninguém sabe, ainda, o que será isso. (...) Talvez porque não haja mais espaço para um Talese ou um Capote – meia dúzia de nomes que reinventaram o jornalismo. Ou talvez porque, agora, todos nós possamos fazer isso (DEAK, 2010).

A produção do jornal diário impresso é consciente na redação da antecipação dos fatos pelo rádio, pela televisão e pela internet (NOBLAT, 2007), por isso, a vocação do impresso torna-se cada vez mais analítica e contextual. A relevância do jornal e a sua permanência são tributadas a esta sua reconfiguração. Entre o fato e o jornal pronto há uma série de etapas a serem seguidas e cumpridas, por isso o trabalho diário nos jornais começa pelo planejamento da pauta, uma reunião diária em equipe em que se discute o desempenho do dia anterior, e se estabelecem os principais acontecimentos a serem cobertos e noticiados, quando também acontece a distribuição das tarefas entre os jornalistas. Tudo sob o comando do editor. O editor é peça chave no processo hierárquico e organizacional das redações. E as suas atribuições distribuir as atividades entre os repórteres, acabar e aprimorar o texto que será publicado pela sua editoria.

A pauta é o ponto de partida da atividade jornalística. Nas grandes redações, a figura do pauteiro é essencial na colheita das sugestões das reuniões diárias. É o responsável pela pré-pauta, que dará origem, posteriormente, à pauta, com as indicações de apuração que devem ser seguidas pelo repórter de texto e pelo repórter fotográfico. Cabe ao pauteiro estar atento ao espaço destinado à matéria na página do jornal, número de laudas, quantidade de fotos necessárias, etc. Cabe também aos repórteres a missão de sugerir pautas à sua editoria. A hierarquização e a seletividade são elementos essenciais à formulação da pauta; é, também, segundo o Manual da Folha de São Paulo, “um forma de organização das notícias, de criação de nexos entre elas e de estabelecimento de parâmetros para o leitor sobre o que é relevante ou necessário ao seu conhecimento do cotidiano” (MANUAL DA REDAÇÃO, 2007, p.21).

A Tribuna do Norte, na edição comemorativa dos 60 anos do jornal, em caderno especial, na matéria intitulada “A redação, onde a Tribuna ganha vida”, reportou o dia-a-dia do trabalho na redação:

Uma das primeiras coisas a aprender no ofício de jornalista é que aqui só temos hora para chegar. Para sair, tem sempre uma outra história para apurar”, vaticina um diretor de redação, Carlos Peixoto.

A imagem mais apropriada para o trabalho da redação, lembrada por Peixoto, é a de um rio. “Sabe aquela parábola de Heráclito, do rio sempre em mudança? Esse é um espírito com que se trabalha em uma redação: um fluxo contínuo de informações que se renovam, que precisam ser retrabalhadas. Claro, chega a hora que é preciso parar esse fluxo, decidir fechar o jornal com o que se conseguiu até ali... mas o ideal de toda redação é alimentar e prolongar o máximo possível esse fluxo de informações”.

Os pauteiros, chefes de reportagem e repórteres são os primeiros a impulsionar esse fluxo de que fala Peixoto. O trabalho é sempre em equipe. Os assuntos a ser levantados para que virem notícias são organizados em “pautas” - um resumo com informações básicas e fontes sobre o assunto - , já preparadas, em parte, no dia anterior. Como a realidade é dinâmica, essas pautas sofrem interferências durante o dia. E mesmo durante o levantamento que o repórter está fazendo sobre o assunto. Não é raro uma “pauta” mudar completamente o foco que se pensou dar a determinado assunto.

“Essa possibilidade de sempre encontrar uma novidade em qualquer assunto que se vai reportar é bem interessante no trabalho de jornalista”, avalia a repórter Carla França, há três anos na profissão (ela começou na TN como estagiária). “Mas, o que é legal mesmo é você tem a oportunidade de ser útil ao leitor e para isso nem precisa ser através de uma grande reportagem, às vezes uma simples nota já cumpre esse objetivo”, acrescenta Carla⁹.

As redações eram diferentes. O jornalista Emanuel Barreto também traça o cenário da Tribuna do Norte na década de 1970, em entrevista:

A Redação da época, que funcionava na rua Tavares de Lira, era tão pobre que todos os jornalistas trabalhavam sobre uma única mesa grande sobre a qual havia mais máquinas de escrever quebradas do que funcionando. O problema era tão frequente que precisávamos sempre recorrer a um profissional conhecido como “Pilão”, responsável pela reposição de tipos. Ele aportava no jornal trazendo uma parafernália de tipos em chumbo e fazia o reparo ali mesmo. Era uma época difícil, andávamos de ônibus para cumprir as pautas. Só depois ganhamos uma Kombi, que fazia o transporte coletivo. Além da redação, haviam pequenos cubículos mais reservados onde trabalhavam Woden Madruga em um, Ticiano Duarte em outro, e Macedo em outro. Moacir Oliveira, grande diagramador, ocupou o

⁹ “A redação, onde a Tribuna ganha vida”, Tribuna do Norte, Natal/RN, caderno especial 60 anos, p.6, 24 de mar. de 2010

último cubículo disponível. Telefone, havia um único para toda a redação, com um fio, que tinha talvez oito a dez metros, para atender toda a Redação. Trabalhavam na época ali umas 20 pessoas. Todos gostaram muito quando foram transferidos para onde hoje funciona a Redação da TRIBUNA.¹⁰

A hierarquia é a obediência ao grau de relevância dos temas dispostos na pauta, do mais urgente e relevante para o menos urgente e relevante; as notícias de utilidade pública, por exemplo, ocupam o grau de hierarquia máxima e são sempre priorizadas. Consideram-se de interesse geral e utilidade pública notícias que tratam de acontecimentos relacionados a fatos que podem modificar as estruturas políticas, econômicas e culturais, que afetam a vida cotidiana nas cidades, como uma epidemia, mudança na taxa de juros, alterações na legislação etc. Em seguida os acontecimentos de comoção pública, e assim por diante.

A contextualização, outro elemento essencial ao jornal diário consiste na conexão entre o fato tratado na matéria, seus possíveis desdobramentos, estabelecendo nexos históricos, sociais, culturais relevantes à melhor compreensão do fato. Segue-se então para o processo de apuração da pauta que envolve a saída do repórter à rua para apurar as informações, colher dados das fontes para compor a matéria. “A rigor tudo começa pela pauta”, assevera o repórter Israel Tabak:

Ela não precisa se materializar em algum papel ou tela de computador. Pode ser, por exemplo, apenas uma idéia na cabeça de um jornalista. A pauta é uma tentativa de organizar a desordem que se instauraria numa redação caso ela não existisse. (...) Todos os dias desabam sobre as redações centenas de emails, faxes, pedidos por telefone, releases, todos com sugestão de pauta, ou seja, de matéria. Em geral, 90% desses pedidos vão para o lixo, por serem desinteressantes, ou melhor, por interessarem basicamente aos que mandaram as sugestões e não ao leitor (TABAK, in: CALDAS, 2002,p.64)

Em alguns jornais e revistas, segundo Lustosa (1996) existe o redator final, responsável pela “elaboração do texto final a partir de matérias encaminhadas pelos repórteres sobre o mesmo assunto, no mesmo dia” (LUSTOSA, 1996, p.110), que também deve respeitar a linguagem de cada editoria, pois cada uma delas exige uma forma própria de formular o texto. Quando se trata da notícia, deve-se levar em conta que o leitor final é um leitor variado e indistinto, a massa: “a produção do texto da notícia tende a respeitar certo

¹⁰ BARRETO, Emanuel. Entrevista. Tribuna do Norte, caderno especial 60 anos, p.3, 24 de mar. de 2010

padrão de discurso, uma forma que assegure sua decodificação por pessoas de diferentes repertórios ou culturas” (LUSTOSA, 1996, p.113). Por isso, há uma padronização na forma (o lide) e uma diversidade no conteúdo. O fato é único, a forma de narrá-lo tem amarras (o lide), mas não deve perder de vista que há um componente há mais que é a ideologia do repórter e do jornal, que vem expressa na linguagem da matéria. Reportagem publicada no Estadão, a partir de elementos textuais, denota o tom ideológico que cerceia a produção jornalística.

O processo sucessório na Academia Brasileira de Letras-ABL, reportado pelo jornal Estado de São Paulo¹¹, trata do falecimento do bibliófilo José Mindlin e, conseqüentemente, da cadeira vaga na ABL, e do processo de sucessão aberto para preenchê-la. O tom da matéria explora o mundo de vaidades e peculiaridades da academia. No título “todos querem um assento na academia”, já se assinala, para além do fato de se tratar de uma eleição, e por isso envolver disputa, que há algo mais nesta disputa por um assento, porque cerca a ABL uma áurea de prestígio, vaidade e jetons. A matéria perpassa, revalida, o discurso fundado, quando se trata da Academia, de certo desprezo pela instituição: os velinhos que vão tomar chá, presença de escritores não são tão consagrados, um clube, um grupo; e todo o procedimento, esdrúxulo, para se alcançar a imortalidade. Textualmente, a jornalista afirma: “vale muito mais amizade e simpatia do que capacidade intelectual”.

Dito isto passa a ditar as relações de poder dos candidatos e seus méritos intelectuais, pré-requisitos. O primeiro, em razão das convenções; o segundo, do regimento. Quando fala de Eros Graus, candidato, “é autor de livros jurídicos e de apenas um romance”, o que denota a idéia disseminada que academia de letras é coisa para ficcionista, e alfineta ao apontar o tema do romance: “que chamou mais atenção pelas descrições eróticas do que pelo estilo do autor”, mais uma idéia disseminada de que a prosa ou poesia mais vale pelos seus atributos retóricos. E o tom de deboche se renova, sobretudo, por se tratar de um jurista renomado e respeitado, ministro do Supremo Tribunal Federal. Mesma toada ao falar de Muniz Sodré, autor de livros (regimento), amigo dos acadêmicos (prestígio). Martinho da Vila idem (autor de livros infantis, convidados para o chazinho da Academia). E a excentricidade: “De fato é um ritual *sui generis*”.

¹¹ VIEIRA, Márcia. Eleição da ABL, Todos querem um acento na academia. Estadão, São Paulo/SP, p.3, Caderno 2, 28 de mar. de 2010

E segue em tom de ironia narrando as medidas que Eros e Martinho têm que tomar: mandar telegrama (ela ironiza com a fala de Martinho, “não serve *email*”), o que reforça a idéia de uma instituição arcaica; fazer visitas a acadêmicos, e “é de bom tom” promover almoços, o “bom tom” cai aqui como a idéia de que não faz parte oficialmente da disputa, que não é obrigatório, mas recomendável, e quiçá, essencial para a garantia da vaga, até mais que enviar um livro de sua autoria. Ou seja, expõe que os critérios não são objetivos, e que se trata, na verdade, de apadrinhamento. “O que pesa mesmo nesta eleição, escreveu a jornalista, reforçando a sua tese, é a fidelidade aos amigos”. Outra: o candidato favorito, Geraldo Holanda, diplomata, de quem também debocha, sugerindo que o fato de ser casado com uma filha do assassino de Euclides da Cunha poderia comprometê-lo. E pergunta, logo em seguida, para não deixar dúvidas do tom que adota: “E qual será o mais querido?” Para então confirmar a sua tese nas palavras do atual presidente Marcos Vilaça: “ser imortal é um privilégio”. E dá a conta do privilégio: *jeton* de mil reais por sessão semanal a que comparece, plano de saúde e mausoléu no cemitério da academia.

Tornou-se imperativo ao jornalismo superar o texto meramente informativo. Os manuais da redação e as faculdades de jornalismo já pregam a superação do lide por um lide mais robusto, que envolva a contextualização do fato-notícia, que imprima um texto mais atrativo ao leitor, resultado não só da disputa diária do impresso com o digital, mas da própria formação dos jornalistas nas universidades que aponta para a formação de um juízo crítico da realidade. No Manual da Redação do jornal Folha de São Paulo está expressa a exigência a que se deve submeter o texto jornalístico, do informativo para o analítico:

A transição de um texto estritamente informativo, tolhido por normas pouco flexíveis, para um outro padrão textual que admita um componente de análise e certa liberdade estilística é consequência da evolução que estamos procurando identificar (...). A um texto noticioso mais flexível deve corresponder um domínio superior do idioma, bem como a redobrada vigilância quanto à verificação prévia das informações, à precisão e inteireza dos relatos, à sustentação técnica das análises e à isenção necessária para assegurar o acesso do leitor aos diferentes pontos de vista suscitados pelos fatos (MANUAL DA REDAÇÃO, 2007, p.15)

As redações devem procurar o aprimoramento técnico e intelectual que deve chegar à preparação do texto, respeitando seus atributos básicos. Lustosa (1996) é taxativa:

quanto melhor, habilitado no uso da língua, mais competente será o jornalista. A maior expressividade de um texto ou de uma frase resultará não apenas de um bom uso de palavras corretas, mas fundamentalmente da construção da oração, tendo em vista que a sua estrutura poderá sempre resultar em melhores e mais adequados efeitos (LUSTOSA, 1996, p.116)

Para o repórter Israel Tabak, o jornalismo deve superar o manejo da técnica:

Transcender' significaria aproveitar, em sua plenitude, a importância social que o jornalismo pode atingir, quando bem executado. Do contrário, ele se limitaria a uma simples feira de informações. Se o repórter não entender esta transcendência, como um esforço em prol da melhoria da sociedade, sua atividade já nasce esvaziada. Pode até aprender técnicas, ter um razoável manejo da língua e cumprir determinadas funções com alguma eficiência. Mas não será muito mais que um burocrata de redação. É um erro pensar que a postura interessada, indagadora, reflexiva, inquieta, se circunscreve a determinados setores da reportagem, como a política ou a economia. No esporte, suplementos e até na reportagem gastronômica, a atitude sempre faz a diferença (TABAK, in: CALDAS, 2002,p.62)

O lide é começo de tudo na etapa de redação da matéria. É a cabeça da matéria, a abertura do texto, deve privilegiar a idéia mais significativa, o ponto mais importante do evento noticiado ou reportado, “uma revelação, a idéia mais significativa de um debate, o aspecto mais curioso ou polêmico de um evento ou a declaração de maior impacto ou originalidade de um personagem” (MANUAL DA REDAÇÃO, 2007). A contextualização vem logo em seguida: o leitor pode não conhecer os fatos que antecederam a notícia. Também o jornalista deve ter sempre em mente que o leitor pode ter acompanhado os fatos do dia anterior pelo rádio, pela televisão ou pela Internet, por isso, há o reforço da originalidade da transmissão da matéria pelo impresso, a palavra escrita pode levar a uma reflexão mais acurada, sobretudo, quando no impresso se faz acompanhar da contextualização e da análise.

É atributo caro ao texto jornalístico, a clareza. O texto deve ser de fácil assimilação, e isto determina a forma como deve ser elaborado. Clareza na escrita é clareza de

pensamento. Por isso, antes de escrever é necessário que se pense no que se vai escrever, para então poder escrever da forma mais clara e mais simples possível (GARCIA, 2006). A escrita tem etapas distintas de elaboração. São elas o planejamento, a operação e a revisão. O planejamento envolve a delimitação do tema, é quando se elegem os objetivos, o gênero, a ordenação das idéias; a escrita é a fase da escolha das palavras, é quando se estabelece a ordem sintático-semântica; a revisão é o momento da análise do que foi escrito, é quando se verifica a coerência, a clareza, a ortografia e a pontuação. Escrever bem não é só resultado do uso e do abuso destas etapas, mas é também o exercício contínuo da escrita e, principalmente, da leitura (ABREU, 2008).

“O jornalista tem de se concentrar na obtenção de um bom domínio da língua portuguesa”, ensina o Manual da Folha de São Paulo: “a ponto de ser capaz não apenas de escrever com correção, mas também com precisão vocabular e variedade de recursos estilísticos” (MANUAL DA REDAÇÃO, 2007, p.30). Lage (1998) aponta que o texto jornalístico caminha entre o formal e o coloquial. Ao tecer considerações sobre o formal o comparará com a linguagem dos relatórios: a diferença básica reside no fato desta última (a cartorial), além de ser específica, tem um formato próprio. Considera a linguagem jornalística uma linguagem em movimento e que, por isso, se submete constantemente à renovação e à crítica. Posta entre o formal e o coloquial, assevera que língua padrão e norma culta devem ser respeitadas pelo jornalista.

São características da linguagem jornalística (LAGE, 1998): utilizar palavras de registro formal admissíveis; eliminar do texto expressões de preconceito; usar neologismos aceitáveis; tomar cuidado com os modismos: “idoso” que ultimamente é substituído por “melhor idade”. Não utilizar palavras estrangeiras e gírias;. usar de forma relativa a precisão vocabular; não aderir às flutuações regionais; evitar adjetivos de categoria e advérbios; uso da terceira pessoa sempre; estar sempre atento a uma série de erros que servem de exemplo do não fazer. Dentre eles, os ortográficos, sintáticos e de propriedade vocabular; e evitar o uso de estrangeirismos quando há um correspondente na língua portuguesa.

Lamentavelmente o que se vê todos os dias nos textos impressos é a mera justaposição de frases, os erros gramaticais, os parágrafos incompletos, frases ambíguas e sem sentido, problemas que podem ser evitados com uma boa revisão – e, como se não

bastasse, há os que acreditam que a revisão realizada por *software* é suficiente; embora o *software* aponte os erros ortográficos, ignora uma série de elementos caros à clareza do texto como as regras de pontuação, que apenas um conhecedor da língua é capaz de identificar e corrigir. A correção gramatical não é tudo. A comunicação só se faz plena e eficaz quando há no texto clareza, objetividade e coerência (GARCIA, 2006). Erros de acentuação, de emprego das iniciais maiúsculas, de colocação pronominal e tantos outros problemas que podem ser remediados pela revisão ortográfica.

A revisão de redação busca evitar as generalizações, as declarações gratuitas, os clichês, os rótulos, os falsos juízos, as afirmações carentes de prova; vai, portanto, da escolha das palavras, à ordem (organização) das idéias nos parágrafos. A revisão de redação propõe sugestões para aprimorar a estrutura do texto. Responsabilidade de quem escreve e edita que envolve a preocupação não só com a forma (fotografias, diagramação, fonte, etc), mas também com a qualidade e a correção do conteúdo escrito. Ao prezar pela norma culta, a revista, o jornal, o *site* atestam a qualidade e a seriedade do seu trabalho. Portanto, um texto limpo, claro, desprovido de vícios é atestado da credibilidade de quem o publica. Os clichês são condenados veementemente e sempre alvo de cutucadas dos críticos da imprensa, entre eles, José Carlos Aragão, no Observatório da Imprensa:

Mais uma vez, não é o termo que é inadequado; é o uso abusivo que incomoda e que cria o clichê. E, aí, a limitação do vocabulário do jornalista e a pobreza do texto se evidenciam. O atleta até poderá continuar sendo diferenciado, mas os textos jornalísticos ficam cada vez mais iguais. Porque algum repórter ou comentarista foi original e cunhou a expressão, os outros só a reproduzem, sem critério.

Por isso, toda vez que escuto um repórter dizer que fulano “é um jogador diferenciado”, preciso me segurar para não partir logo para as mais escabrosas especulações sobre o atleta. Será que o sujeito é azul? Veste fraque para jogar futebol? Calça 68, bico fino? Tem três cabeças? Cinco orelhas? Tem nadadeiras dorsais?

Sei lá, no fundo, talvez eu seja apenas um jornalista diferenciado, com passagem por antigas redações e pronto para ser engolido por alguma cratera que se abra em meu caminho e sepulte minhas ideias para sempre... (ARAGÃO, 2011)

Até a confecção dos títulos exige preparo e cuidado, segundo a *ombudsman* da Folha, Suzana Singer:

Ser atraente, sem apelar para o humor, e trazer informação nova já são desafios consideráveis. Além disso, os redatores, responsáveis pelos títulos, precisam atender regras básicas: fazer frases com verbo no presente (para dar ideia de ação recente), evitar o "pode" (afinal, tudo pode acontecer), esquecer negativas (notícia, em geral, é o que aconteceu e não o que deixou de ocorrer), não abrir mão de pontuação (dois pontos, exclamação, interrogação), de adjetivos e, principalmente, não chegar a conclusões que não estão no texto. Tudo isso em frases com 40 toques em média, incluindo os espaços em branco entre as palavras.

(...)

3. NÃO SER COLOQUIAL "Harry Potter é a próxima nova de Orlando" (29/4): a gramática até aceita, mas ninguém fala assim. "Após conflitos, Bancoc vive tensa calma" (21/5): idem.

(...)

4. FAZER SOPA DE LETRINHAS "Iraniano tenta convencer CS com jantar" (7/5): o que será CS? Era Conselho de Segurança da ONU. Siglas, só as mais conhecidas. "AP vai criar "Ecad" de material jornalístico nos Estados Unidos" (26/10): para entender isso, a pessoa precisa saber o que é AP e Ecad.

(...)

5. SER ÓBVIO "Perdas podem anular os lucros" (29/8): é verdade hoje e sempre. "Você tem o poder de decidir o que fazer com o seu dinheiro" (17/1/ 2011): que bom que a Folha avisou. "É preciso ter bom senso nas redes, dizem advogados" (30/1/ 2011): precisa ser formado em direito para dizer isso?

Os títulos -e a manchete da Primeira Página é o principal deles- ajudam a moldar a identidade de um jornal e podem ser um instrumento para aprimorar a qualidade dos textos. Em geral, títulos ruins saem de reportagens mal apuradas, sem foco ou redundantes. Se o exército anônimo de redatores se recusar a "fechar" (colocar no tamanho, corrigir e titular) textos que matem de tédio o leitor no dia seguinte, o jornal melhorará muito. Ou sairá com grandes espaços em branco.¹²

A opção, por esta, ou por aquela palavra, ou por esta ou aquela estrutura, por dizer isto e não aquilo é uma questão de escolha; por isso, o discurso é afirmação mas também é renúncia, é também escolha, que se apresenta ao receptor-leitor, sob uma série de intercâmbios. Segundo Eco (1997) para além da intenção do autor, e para além da forma como se apresenta – do estilo que emprega na confecção do seu discurso textual –, há a dimensão da compreensão, que escapa dos domínios do produtor do discurso. A leitura, quando o texto se completa, é uma espécie de recompreensão do texto que segue a perspectiva individual do leitor-fruidor. A linguagem não é mera associação e atribuição de nomes aos objetos e casos (MARCONDES FILHO, 2002). A língua é um sistema.

¹²SINGER, Susana. A arte de fazer títulos. Folha de São Paulo, Poder, A8, coluna do Omdsman, 06 de fev. de 2011

Um sistema de signos expresso através de um código. Para Flusser (2007) o objetivo do código é operacionalizar a comunicação:

um código é um sistema de símbolos. Seu objetivo é possibilitar a comunicação entre os homens. Como os símbolos são fenômenos, a comunicação é, portanto, uma substituição: ela substitui a vivência daquilo a que se refere. Os homens têm de se entender mutuamente por meio de códigos, pois perderam o contato direto com o significado dos símbolos. (FLUSSER, 2007, p.130)

O discurso pode, portanto, ser compreendido de múltiplas perspectivas porque no processo de leitura, a sensibilidade, a cultura, o gosto, tendências e preconceitos do leitor se envolvem no processo de re-compreensão, por isso um discurso nunca é realmente fechado, porque há esta porta para uma infinidade de leituras possíveis (ECO, 1997). O discurso é um uso da linguagem e uma forma, através do texto, de transmitir informação. Conotações e denotações que o leitor desperta ampliam a informação ao propor significados possíveis, e assim se estabelece a comunicação:

é nesse sentido que podemos falar de informação, como valor que consiste na riqueza de escolhas possíveis, individualizável ao nível de paisagem-significante; informação que é reduzida somente quando a mensagem-significante se torna mensagem-significado, e portanto escolha definitiva efetuada pelo destinatário (ECO, 1997,p.119).

Marcondes Filho (2002) assevera que “comunicação relaciona-se diretamente com *comum* e *comunhão*”(MARCONDES FILHO, 2002, p.10), comum, no sentido de que pertence a uma pluralidade de sujeitos; comunhão, no sentido dos sujeitos partilharem (ou compartilharem) das mesmas crenças e sentimentos; por isso, a comunicação é muito mais que apenas um sistema informativo que une uma cadeia de elementos intitulados meio, mensagem, emissor, receptor e código. A enunciação é um fenômeno social e a interferência de fatores extralinguísticos também integram o processo de comunicação. Há a circunstância, o contexto e os efeitos produzidos que também se deslocam estabelecendo o discurso como algo plural. A natureza da comunicação é, portanto, complexa:

Merleau-Ponty fala da experiência do diálogo que se constitui um terreno comum: ‘Meu pensamento e o do outro formam um tecido comum, meus propósitos e os de meu interlocutor são solicitados pelo estado de discussão, se inserem numa operação comum da qual nenhum de nós é criador. Há aí um ser em dois, e outro, para mim,

não é aqui mais um simples comportamento no meu campo transcendental, nem aliás eu no dele, nós somos, um para o outro, colaboradores numa reciprocidade perfeita, nossas perspectivas deslizam de uma para a outra, nós coexistimos através do mesmo mundo. No diálogo eu me libero de mim mesmo, os pensamentos do outro são seus pensamentos, não sou eu que os formo apesar de os apreender mal eles surgem ou os ultrapassar, e, ao mesmo, a objeção que me faz o interlocutor extrai de mim os pensamentos que eu não sabia possuir, de sorte que, se eu lhe empresto meus pensamentos, ele me faz pensar de volta (MERLEAU PONTY, M., *Phénoménologie de la Perception*, Paris, Gallimard, 1945, p.407, Apud: MARCONDES FILHO, 2002, p.12

Flusser (2007) afirma que fabricar é informar. Se fabricam idéias como se fabricam objetos. Um objeto é fabricado com uma intenção de uso e nele carrega uma informação. Uma faca é para cortar – função e significado. E assim formam-se os conceitos. Não se pode mais olhar para uma faca que foi feita (*design*) desprendida do seu significado (função) cortar. Função e comunicação são inseparáveis. Cultura, portanto, é fabricação e informação. Por isso, a comunicação é um processo artificial, é símbolos organizados em códigos. Uma comunicação não-natural porque fundada num artifício, a linguagem. O mundo é, portanto, codificado e repleto de significados.

A proposta de Flusser (2007) é que a teoria da comunicação seja empregada como uma teoria interpretativa, e que a comunicação humana é um fenômeno a ser interpretado a partir das intenções, e não das causas: “esse propósito busca alcançar a comunicação na medida em que estabelece um mundo codificado, ou seja, um mundo construído a partir de símbolos ordenados, no que representa informações adquiridas” (FLUSSER, 2007, p.96). Assim a comunicação é uma dupla hélice, é dialógica, porque exige a troca de informação; e é discursiva, porque compartilhada. Uma prescinde da outra, embora sejam processos distintos, e cada um em cada situação de comunicação pode se manifestar de forma diversa. Uma diversidade que se pode classificar, segundo Flusser (2007), semanticamente e sintaticamente: “a relação íntima entre significado e estrutura, entre ‘semântica’ e ‘sintaxe’, não deve ser negada: a forma é condicionada pelo conteúdo e ela o condiciona (embora ‘o meio não tenha que ser necessariamente a mensagem’)” (FLUSSER, 2007, p.100)

Imagem e texto, superfície e linha, é a forma em que a comunicação se desenvolve, cada uma com um processo de formação e leitura próprio. Flusser (2007): “precisamos seguir o texto se quisermos captar a mensagem, enquanto na pintura podemos apreender a mensagem primeiro e depois tentar decompô-la” (FLUSSER, 2007, p.105). No mundo dos fatos estão as coisas, no mundo da ficção, a imagem e o texto, que não são o significado da coisa:

as linhas escritas relacionam seus símbolos a seus significados, ponto por ponto (elas ‘concebem’ os fatos que significam), enquanto as superfícies os relacionam por meio de um contexto bidimensional (elas ‘imaginam’ os fatos que significam) –, se é que elas significam mesmo fatos e não símbolos vazios (FLUSSER, 2007, p.113).

Assim há dois tipos de ficção de acordo com a mídia, a conceitual e a imagética:

Agora podemos entender melhor nossa situação atual no que tange aos fatos e à ficção. Nossa civilização coloca à nossa disposição dois tipos de mídia. Aquelas tidas como ficção linear (como os livros e as publicações científicas) e outras chamada de ficção-em-superfície (como filmes, imagens de TV e ilustrações) (FLUSSER, 2007, p.113).

O jornal é um sistema de signos. Por ser um sistema tem sua coerência, lógica, contexto, ambiente. O jornal tem a sua própria gramática que decorre do seu *savoir faire*, expressa na organização dos textos e na relação de textos entre as páginas. É possível encontrar o seu sentido, desconstruindo-o, só assim é possível dispor de pistas, referências e soluções, uma tarefa que nasce maculada pela impossibilidade efetiva de decifrar a linguagem. Há na linguagem, na forma de sua construção e na forma em que se apresenta, uma maneira de desvendá-la através das diferenças, das idiossincrasias.

A construção do discurso jornalístico, do texto jornalístico exige também do jornalista preparação e conhecimento dos temas culturais. A Revolução de 1930, por exemplo, é um momento histórico importante. Marca o fim da República Velha, e início da Era Vargas. Está relacionada ao movimento cultural conhecido como Modernismo, que encontrou pleno desenvolvimento no novo governo que se instaurava. A redemocratização, período entre 1945-1964, está relacionada ao Cinema Novo, encabeçado por Glauber Rocha, que se voltava para a crítica social, a situação dos excluídos e marginalizados; também se pode relacionar ao surgimento de uma nova

maneira de fazer samba, de fazer música, a Bossa Nova, outro movimento cultural que marca o período sócio-político que passava o Brasil (FAUSTO,2004).

Um tema puxa o outro, e assim se percorre também outras áreas do conhecimento. Não é só da informação que depende um texto, o saber dizer também faz um bom texto. Os aspectos linguísticos empregados com consciência pelo jornalista traduzem o sentido exato que quer imprimir às suas declarações e afirmações, o uso de uma oração subordinada substantiva em detrimento de uma oração coordenada pode expressar mudança de sentido na afirmação. Exemplo: “O Brasil é um país de grandes riquezas, mas o padrão de vida do seu povo é um dos mais baixos do mundo”, período composto por coordenação; “Embora o Brasil seja um país de grandes riquezas, o padrão de vida do seu povo é um dos mais baixos do mundo.”, período composto por subordinação (GARCIA, 2006).

Nos dois exemplos duas idéias foram associadas. A primeira, que o Brasil é um país rico, a segunda que o povo é pobre. Semanticamente as frases são idênticas, a idéia é a mesma, a diferença sutil entre a coordenação e a subordinação, processo sintático-semântico que as une, está no valor que o contraste (entre a riqueza do país e a pobreza do seu povo) assume na subordinação: há um maior realce da oposição entre o país rico e o povo pobre. A oração subordinada, dependente, se sobressai. É a gramática que fornece subsídios para se dizer o que se sabe. O que leva o autor a afirmar que o Brasil é um país de grandes riquezas? A afirmação é genérica, é isso que ele há de defender no correr do seu texto. Escrever é defender um ponto de vista. Para tanto ele há de lançar argumentos que reforcem e expliquem, comprovem a sua afirmação. O período acima funciona como o tópico-frasal. É a enunciação, a declaração que carece de comprovação (GARCIA, 2006).

O que seriam estas riquezas? Riqueza é um substantivo abstrato, um substantivo feminino, mesmo conhecendo o seu significado para buscar mais informações sobre a palavra. O primeiro sentido que o Houaiss (2004) nos aponta é “grande quantidade de dinheiro e de bens materiais.”, o que pelo contexto do nosso período não corresponde ao que dissemos, pois não estamos explorando a conta bancária ou a poupança do Brasil, mas sim, pode ser, a terceira acepção: “abundância de qualquer coisa valiosa”

(descartamos também a segunda que aponta riqueza como “luxo”, como podemos descartar a quarta, “capacidade produtiva da terra.”).

O Brasil, diremos que é rico, pela diversidade de seu povo, um povo, como disse Vinicius de Moraes, “branco, preto, mulato”¹³, ou, formado pela junção de três raças, como ensina Gilberto Freyre, em *Casa-Grande e Senzala*, o branco português, o índio americano e o negro africano (FREYRE, 1952). Trouxemos dois argumentos de autoridade, o primeiro de um poeta e músico, literário; e o outro científico, de um estudioso das relações sociais. Mas não é este o sentido do texto, pois estamos opondo a idéia de riqueza à de pobreza. Então qual riqueza? Seria a abundância de terras agricultáveis, as oportunidades de trabalho que a má gerência e distribuição, os baixos salários, a concentração de renda, disseminam como pobreza e não riqueza?

Este último ponto de vista, mais condizente com a nossa alegação (o tópico frasal) nos permitiria explorar o problema como um fato histórico, uma herança do Brasil-colônia que entrou pelo Império e permaneceu com a República, da permanência das velhas estruturas fundiárias, do patriarcalismo e da escravidão e poderíamos citar então Sérgio Buarque de Holanda (HOLANDA, 1995, 2006), em *Raízes do Brasil*, que mostra que o nosso problema está na raiz – Sérgio utiliza a raiz como metáfora – , na personalidade do português que não separa o trato das coisas da vida da casa da vida da rua. Na rua reproduz a relação de mando e concentração de poder e riqueza da casa, é o senhor quem manda e tudo detêm.

Não é só de argumentos que se faz um texto, a forma que lhe damos é importante, a opção entre, no exemplo, a coordenação e a subordinação. Portanto, uma atenção especial para que se tenha um texto inteligível e de plena fruição pelo leitor deve ser dada a aspectos da organização e da compreensão do texto, aspectos que se traduzem em clareza, precisão de linguagem (a escolha da palavra certa), adequação das expressões à função do texto e aos elementos de sua situação, e o encadeamento dos vários segmentos do texto (elementos de coesão) etc.

¹³MORAES, Vinicius. *Samba da benção*.

Saber a quem vai se dirigir, para quem se vai escrever também permite uma adequação da linguagem, pois ao se escrever se quer transmitir uma mensagem, nada mais adequado do que estar de acordo com o auditório a que se dirige, assim a mensagem é plenamente aceita e entendida. É preciso ter idéias e saber apresentá-las de forma clara e coerente, como assevera o Manual de Redação da Folha de São Paulo (2007): o processo de produção e de edição deve sempre está a serviço do leitor.

Junho de 1979. O repórter Israel Tabak consegue cumprir mais uma pauta, depois de muitos percalços,

esforcei-me, no entanto para dar uma ajudinha à sorte: procurei valorizar na matéria, além de aspectos puramente relacionados ao transporte, outros componentes, presentes no personagem principal, no seu ambiente de trabalho, nos demais passageiros, na própria viagem, na paisagem. A intenção era dimensionar – muitas vezes correlacionando situações à primeira vista dissociadas – o quase insuportável cotidiano dos moradores pobres de um grande centro urbano. Acho que a reportagem fez sucesso porque continha falas, silêncios, atmosferas, dramas pessoais, descrição de comportamentos e, sobretudo, muita observação. Esse último elemento é algo que anda em falta no jornalismo brasileiro. Nos últimos anos estamos abandonando as ruas e nos pendurando no telefone e no declaratório de autoridade (TABAK, In: CALDAS, 2002,p.60)

Pena (2006) ao abordar o jornalismo no Brasil, e a imposição da técnica do lide empregada nos jornal em estudo, observa o caráter das notícias veiculadas pelas tribunas e diários: “A notícia nunca esteve tão carregada de opiniões. E um dos motivos é justamente atender ao critério de objetividade que obriga o jornalista a ouvir sempre os dois lados da história.” (PENA, 2006, p.51). E de fato é o que se verifica, o jornalismo informativo não se diferencia do jornalismo opinativo. A opinião e a subjetividade estão presentes até na escolha da pauta, quiçá na condução da matéria, em qual a primeira pergunta do lide a ser respondida, e na escolha lexical empreendida pelo jornalista. Lage (2001) define a linguagem empregada: basicamente constituída de palavras, expressões e regras combinatórias que são possíveis no registro coloquial e aceitas no registro formal (LAGE, 2001,p.38), enquanto Muniz (1986) não nos deixa esquecer que “a reportagem precisa da verdade factual para existir como gênero jornalístico. (MUNIZ, 1986,p.123)

Lage (2001) reforça a força e o papel da pauta quando trata de diferenciar a notícia da reportagem. A pauta é uma indicação de fatos programados e é dela que se produzirá a

notícia ou a reportagem. Os jornais seguem praticamente a mesma linha de abordagem que é informativa e opinativa. Informativa, através de notícias e reportagens; opinativa, nos artigos de opinião e colunistas de política, economia, cidades. Jornais fundados no século XX, e ganharam fôlego, sobretudo nas décadas de 1950 e 1960, passando pela evolução técnica da linotipo ao *off-set*, firmando-se bem no momento que SODRÉ (1983) denominou de industrialização da imprensa brasileira, de industrialização e concentração, quando se formam cadeias de comunicação.

Para além do gênero – José Marques de Mello (1996), classifica em duas categorias: jornalismo informativo (nota, notícia, reportagem e entrevista) e jornalismo opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura, carta) – e da divisão dos jornais em seções, os cadernos (cidades, cultura, esporte, geral, etc.). Os principais aspectos do estilo jornalístico são ritmo, linguagem, apresentação, símbolos, ética e personalidade. Cada veículo tem seu estilo próprio. O estilo é um caminho para a unidade de um texto, elaboração da linguagem e qualificação da notícia. Um aspecto que diferencia os jornais pelo texto, e que também é empregado na composição gráfica dos cadernos, porque há variação no emprego da diagramação, no uso da fonte, elementos que também compõem o estilo, no entanto, este, o estilo visual. No próximo capítulo, o caderno de cultural, e ainda o jornalismo, e o jornalismo cultural que se pratica no caderno e nas páginas de cultura...

O jornal diário, o caderno e a página de cultura

O caderno de cultura é uma invenção brasileira. Nos jornais do mundo, as notícias de cultura não são publicadas em cadernos exclusivos, estão espalhadas pelo jornal, segundo Dapieve (2002). Este jornalismo cultural que se vê nos cadernos de cultura brasileiros, no mundo está nas revistas semanais e especializadas, “não há na América do Norte ou na Europa, (sub)continentes pelos quais sempre nos pautamos, suplementos diários de cultura trazendo reportagens, resenhas críticas, colunas assinadas e, tão importante quanto, os chamado ‘serviço’” (DAPIEVE, 2002, p.95).

As matérias publicadas nos cadernos culturais brasileiros, no entanto, se aproximam, por um lado, das reportagens de revistas semanais e, por outro, da estrutura de análise cultural (crítica), sem desconsiderar o caráter da informação. A estrutura editorial compreende: matérias jornalísticas – notícia, reportagem entrevistas etc.; crítica cultural; coluna social; serviço, com sinopses dos filmes em cartaz nos cinemas e o endereço das salas de exibição etc.; programação ou guia de televisão, com destaque para filmes do dia dos canais da televisão aberta e seção de história em quarinhos, horóscopo, palavras cruzadas. Os cadernos de cultura geralmente contam com seis a doze páginas diárias, quando em formato *standard*; e entre doze e dezesseis páginas, o tablóide.

Na Folha de São Paulo, em circulação na cidade de São Paulo/SP e presente nas bancas das capitais do Brasil, o jornalismo cultura está essencialmente no caderno Ilustrada, considerado um suplemento cultural importante no Brasil, como espaço de discussão de temas culturais. Algumas características da sua formatação propõem um jornalismo cultural considerado ideal, por trazer a análise e a crítica tão prezadas. Em 1977, o Ilustrada já trazia a marca que faz dele um caderno de cultura respeitado, um “caderno com páginas frequentemente arejadas, com fotos abertas e títulos que procuravam ser atraentes. Publicava algumas boas críticas, tinha um roteiro de espetáculos, e seus articulistas de renome”. (GONÇALVES, 2008, p.64). Não muito diferente do Ilustrada de hoje.

O texto do Ilustrada também seguia (e ainda segue) a linha de romper as barreiras do jornalismo de cultura que se praticava, por isso, repórteres e articulistas sempre tiveram

liberdade de estilo. Na crítica, o jornalista Pepe Escobar, representou um marco, “jornalista que levou para a área *pop* da ilustrada um tipo de crítica sofisticada, idiossincrática, anglófila e ‘pós-moderna’ que se tornou marca registrada do caderno” (GONÇALVES, 2008, p.101). O caderno Ilustrada traduz a tradição do jornalismo cultural brasileiro feito por escritores e jornalistas e jornalistas-escritores de destaque; um caderno sempre atento e atualizado aos grandes movimentos culturais contemporâneos:

Tudo começou em 1958, ano em que o Brasil inventou a bossa nova, a seleção canarinho conquistou a Copa do Mundo e a indústria automobilística fabricou o primeiro fusca. (...) De Nelson Rodrigues a Tarso de Castro, de Glauber Rocha a Walter Moreira Salles, de Paulo Francis a Caetano Veloso, de Ruy Castro a Angeli, de Flávio Rangel a José Simão, de Paulo Coelho a Contardo Calligaris, de Constanza Pascolato a Erika Palomino, passaram por suas páginas intelectuais, escritores, artistas e jornalistas cuja atuação se entrelaça com a história da cultura, do entretenimento, da moda e da imprensa no Brasil (GONÇALVES, 2008, p.4).

A ousadia estilística, outra marca do caderno, foi uma conquista dos anos 1980. Funcionava bem, condizente com o plano da liberdade e da ousadia dos cadernos de cultura e a chegada tardia dos novos temas: *design*, moda e gastronomia; também uma maneira de romper com *establishment*; outro ponto de força, a presença de grandes repórteres afinados com os temas culturais: Ruy Castro e Sérgio Augusto, jornalistas e escritores que, “sabiam tudo e muito mais sobre aquilo que ainda estávamos descobrindo – *jazz*, literatura, cinema, cultura, enfim, dos anos 30, 40 e 50” (GONÇALVES, 2008, p.101). Um jornalismo que seguia a cabeça do seu editor, Matias Suzuki Jr., editor do caderno nos anos 1980, quem implantou, nas páginas do caderno, um jornalismo cultural e participativo e com humor; a receita era fugir do jornalismo de “apuração ruim com um texto mambembe, cheio de adjetivos, cheio de advérbios, com muito pouca informação” (GONÇALVES, 2008, p.121).

O trabalho para a redação era de equilíbrio editorial entre o que consideravam produtos da cultura de massa, que seria nada mais que o cenário *pop* e a alta cultura, dos concertos, exposições de arte vanguardista etc., sem perder a visão crítica; a inovação sempre foi o carro-chefe:

criar novos filhotes e edições fixas para abordar assuntos que antes eram tratados de maneira mais esporádica, como design, arquitetura e moda. Fizemos os cadernos de Livros, Televisão e Comida. Moda ganhou página semanal, com a coordenação da Costanza Pascolato, arquitetura e design também (GONÇALVES, 2008, p.267).

O Ilustrada vem em formato *standard* e circula de domingo a domingo, um caderno com cerca de dez páginas, em que se distribuem material publicitário, os guias de serviço, cinema, serviço e roteiro, com sinopses de filmes em cartaz, endereço de salas, programação de teatro, roteiros de museus, centros culturais, bares e demais espaços com atividades artísticas e culturais, horóscopo, quadrinhos, programação ou guia de TV, com destaque para filmes do dia, seriados em exibição e informações sobre atores de telenovela, geralmente dos canais da televisão aberta, e a matéria jornalística que são as notícias, reportagens, entrevistas, notas e colunas de crítica e opinião.

Na Folha a coluna social, publicada sempre na página dois, preenche toda a página com fotos e notas do circuito social, *high society* do Rio-São Paulo com o que acontece e quem acontece entre artistas e personalidades; a coluna é de responsabilidade Monica Bergamo, e aos domingos há a escolha de um tema ou de uma celebridade que é entrevistada ou perfilada; na primeira página do caderno, sempre uma reportagem; na página oito, comentário da tevê, seção “outro canal”, e na última página o espaço do articulista do dia ou publicação de crítica de cinema, teatro, dança etc.

A Tribuna do Norte e o Novo Jornal, jornais em circulação em Natal/RN, também não fogem desta formatação. Acontece que a cobertura se detém a esfera local e o caderno costuma a ser bem minguado. Na Tribuna do Norte, o Viver, caderno de cultura, tem apenas quatro páginas e publica apenas uma reportagem, na primeira página; na segunda página o informativo da tevê e o guia de serviços; na terceira, notas e coluna social; na quarta (contra-capas), coluna social, publicidade e notas, quando não, a crítica de livros na quarta-feira; e de cinema, sem dia fixo. O Novo Jornal não tem caderno de cultura, mas publica guia de cinema, coluna social e uma matéria (reportagem) relacionada à cultura. Conta com articulistas que flertam com o tema, como o publicitário Carlos Fialho e o jornalista Franklin Jorge, comentarista das matérias de

cultura, em *box*, quando emite opiniões controversas acerca dos temas suscitados pela reportagem.

O Novo Jornal aposta na reportagem narrativa, com flertes com o jornalismo literário, e na publicação de perfis; foge da agenda cultural e explora temas fora de pauta cotidiana, ou explora o cotidiano por um novo viés. O resultado são matérias interessantes e bem fundamentadas. Um exemplo, o perfil em duas páginas, publicado na edição de 28 de novembro de 2010, sobre o lançamento das memórias de um ex-soldado americano que durante a Segunda Grande Guerra Mundial esteve em Natal. O repórter Jalmir Oliveira recuperou todo o contexto da Segunda Guerra em Natal para apresentar o seu personagem e relatar a trajetória que contada no livro a ser lançado. O perfil do soldado americano Emil Anthony Petr :

A aparência tranqüila de Emil Anthony Petr não revela as histórias por trás dos seus grandes olhos azuis. Apesar da fala entrecortada, devido ao peso dos 91 anos, o ex-combatente da Segunda Guerra Mundial mantém uma notável lucidez para narrar sua trajetória no maior conflito bélico da humanidade. De fato, ele possui uma vida iluminada. Um verdadeiro marco histórico que narra os últimos momentos da Segunda Guerra Mundial e o início do desenvolvimento da capital nas últimas quatro décadas. Na entrada da casa, recostado a uma poltrona, Emil inicia o relato de sua grandiosa história.¹⁴

Mesmo quando o tema é da agenda cultural, o Novo Jornal procura uma nova perspectiva para abordar o assunto. Quando do lançamento do livro “A Rodagem” do escritor potiguar Pery Lamartine, enquanto a Tribuna do Norte¹⁵ seguiu a sua tradicional linha de reportar o lançamento do livro apresentando de forma superficial o autor e a obra em razão do lançamento (valendo-se, no entanto de recursos adotados pela Folha de São Paulo, como *boxes* com informações sobre o autor, ou com desdobramento de algum ponto da matéria); o Novo Jornal¹⁶ optou por uma entrevista, com apresentação em tom ensaístico escrita pelo editor Franklin Jorge, que procurou situar o autor e a obra dentro do cânone da literatura potiguar, apresentando a obra numa perspectiva

¹⁴ OLIVEIRA, Jalmil. O americano tranqüilo. Novo Jornal, Natal/RN, p.18, Cultura, 28 de nov. de 2010

¹⁵MONTEIRO, Maria Bethania. De ‘sopa’ no rumo da capital. Tribuna do Norte, Natal/RN, p.1, Viver, 04 de mar. De 2010

¹⁶ JORGE, Franklin. Na estrada do Seridó à Natal. Novo Jornal, Natal/RN, p.14, Cultura, 04 de mar. de 2010

crítica, lançando uma entrevista com autor do livro com perguntas livres, no entanto de cunho mais autoral. Franklin Jorge, do Novo Jornal:

Neto do governador Juvenal Lamartine com quem teve uma longa convivência, inclusive participando da administração da sua fazenda em Lagoa Nova, no município de Riachuelo, o escritor Pery Lamartine o lembra como ‘um homem íntegro, justo e cativante’. Porém, no livro que autografa nesta quarta-feira, às 19 horas, na Livraria Siciliano Midway o foco é a estrada de rodagem e a história das comunicações na região do Seridó e sua ligação com a capital do Rio Grande do Norte, numa época em que o trajeto era feito em lombos de animais e podia levar doze dias de Caicó a Natal.¹⁷

O jornalismo cultural, até na reportagem aproxima-se mais da crítica e da opinião, o juízo de valor do articulista e do repórter são bem-vindos nesta seara do jornalismo. A crítica cultural, no entanto, é explorada pelo próprio jornalismo cultural no viés da sua insuficiência e falência do jornalismo atual, falência e desconhecimento atribuídos também a universidade e a própria literatura contemporânea. Literatura considerada pela crítica como desconhecida pelo brasileiro. Esta é a opinião do articulista Woden Madruga, que pratica a crítica cultural fora do caderno de cultura, no seu canto, na página dois do caderno principal da Tribuna do Norte, onde publica diariamente o Jornal de WM. Woden Madruga pega carona nas ponderações do escritor Ignácio de Loyola Brandão, em entrevista publicada com o escritor na revista Língua Portuguesa:

"A crítica, se existe, não é mais a que existiu, observadora e contribuinte. O que há hoje são resenhas, indicações. Mesmo nos suplementos dos jornais, há mais releases do que outra coisa. Há crítica nas publicações universitárias, mas lidas por público restrito". Quem fala assim é o escritor Ignácio Loyola Brandão, numa entrevista que deu para a revista "Língua Portuguesa", deste mês de outubro [2008]. Título da matéria: "Literatura e profecia", assinada por Josué Machado. Ainda questionando o exercício da crítica literária e ao chegar ao patamar da "crítica acadêmica", o romancista paulista, autor de "Zero", "Veia Bailarina" e de "Não verás país nenhum", entre outros títulos, disse mais:

Os acadêmicos insistem em escrever ainda sobre Guimarães Rosa, Machado de Assis, Clarice Lispector. E sobre a literatura nova que está aí? O fato é que há pouca gente com capacidade

¹⁷ JORGE, Franklin. Na estrada do Seridó à Natal. Novo Jornal, Natal/RN, p.14, Cultura, 04 de mar. de 2010

crítica. Só um ou outro, como Wilson Martins, com espaço cada vez menor. Onde está o crítico que analisava o livro e conhecia a obra do autor e até o ajudava? A crítica está se dissolvendo.

Mais adiante, Loyola concede uma liminar para Heloísa Helena Buarque ("ela tem coragem de enfrentar o novo") e um outro para o jornal paranaense Rascunho: "A maioria parece que tem medo do novo. No jornal Rascunho, vez em quando há algo de novo. Mas em geral..."

Quem está na capa desta edição é o escritor Nelson Rodrigues, num texto assinado por Adriana Facina: "A prosa teatral de Nelson Rodrigues", no rastro do relançamento de sua obra pela Editora Agir. Para este batucador de notas esparsas, lá se vão mais de 50 anos de remendos, Nelson Rodrigues continua sendo o "novo" na literatura brasileira.

- Não se adia um olhar, um sorriso, uma frase. Há sempre uma palavra que não devemos calar. Somos perecíveis, mas esquecemos que somos perecíveis.

Bom, a propósito de todas essas coisas, o calendário aponta que hoje, 29 de outubro é o Dia Nacional do Livro. Haverá alguma lembrança nesta de Poti mais livresca?¹⁸

Quanto à crítica cultura, pelo que se vê no cenário traçado pelo escritor Loyola Brandão, a própria atividade da crítica torna-se objeto de reflexão do jornalismo no seu espaço de crítica. Na mesma Tribuna do Norte, o jornalista Carlos de Souza, na coluna "Toque livros & Cultura", que mantém às quartas-feiras no caderno de cultura Viver do jornal, trata do tema. Ao invés de traçar seus comentários sobre livros como habitual, entrevista o intelectual e crítico potiguar Laurence Bittencourt¹⁹, que costuma a exercer atividade na imprensa diária natalense. O título da entrevista trouxe o tom que permeia a atividade crítica, o impasse, "Os impasses da crítica cultural no RN". Alguns pontos nevrálgicos são discutidos pelo entrevistado, para quem a imprensa tem papel preponderante:

O que fazer para se criar uma crítica efetiva no cenário literário potiguar?

Do ponto de vista prático, a primeira condição é aparecer pessoas dispostas a assumir essa função e lugar. Sem isso nada feito. Segundo, com relação aos meios de comunicação, que

¹⁸ MADRUGA, Woden. Literatura e crítica. Tribuna do Norte, Natal/RN, p.2, Jornal de WM, 29 de out. de 2008

¹⁹ Carlos de Souza assim apresenta Laurence Bittencourt: "Laurence Bittencourt nasceu em Natal. É jornalista, psicólogo, crítico literário e professor universitário. Mestre em Literatura Comparada e doutorando. Tem publicações em jornais e revistas da capital e outros Estados. Desenvolveu e aprofundou seu interesse em literatura quando de seus estudos em São Paulo ainda muito jovem. O livro Por Que Não o Que é Nosso? Laurence Bittencourt Leite, Editora Sol, R\$ 30, foi lançado no dia 11 de maio, na livraria Siciliano do Midway Mall. Atualmente dedica-se ao trabalho de dois livros futuros".

sejam oferecidas condições profissionais e operacionais para o exercício dessa atividade. Terceiro, e talvez o mais importante, que quem venha a assumir essa função não tema as susceptibilidades que porventura possa provocar nos criticados. O importante é entender, Carlos, e isso é um pressuposto básico na minha avaliação, é que nenhum país floresce culturalmente sem a participação e a presença direta da crítica. Aliás, o pensamento crítico é condição *sine qua non* de toda a civilização e não me refiro apenas à civilização Ocidental. Criar um ambiente culturalmente rico é ter nesse ambiente a possibilidade da crítica.

A literatura potiguar tem alguma saída para ser vista pelo resto do país?

Esse é o ponto central. O nosso alheamento em relação ao resto do país desponta como algo terrível. A questão é, como fazer essa inserção. Dizer por exemplo que o Nordeste sofre de preconceito com relação a centros maiores, me parece não ser uma boa resposta, haja vista termos nomes no cenário nacional. Sempre tivemos. Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rego e tantos outros. Claro que nossas editoras locais ainda não conseguiram estruturar um projeto de divulgação nacional dos nossos autores atuais. Mas é preciso. Já me contaram que o escritor Carlos Fialho que é jovem e vem editando gente jovem ainda desconhecida, vem buscando atuar neste sentido para superar os impasses gerenciais e mercadológicos. Agora em paralelo, e essa é uma tese que eu defendo, é preciso que formemos uma estrutura cultural local mais sólida, mais rica, mais atrativa, mais diversificada. Criar uma estrutura local rica e dinâmica é imprescindível. Eventos como "Bienais", "Encontro de Escritores", são extramente importantes para fomentar esse ambiente. E aí a participação da iniciativa privada, do setor público, das universidades contam muito e são necessárias. Sei que fugi um pouco de sua pergunta inicial, mas inserir nossos nomes nacionalmente passa também por uma estrutura local mais sólida e menos tímida.²⁰

Jornalismo cultural de opinião é, além da crítica, também a resenha e o comentário. Há um fenômeno que contraria a idéia dos cadernos do jornalismo cultural brasileiro, que é aquele que não está no caderno de cultura nem na página de cultura, mas que não deixa de ser jornalismo cultural porque seu objeto é o objeto de escrita do jornalismo cultural: os temas culturais. Na Tribuna do Norte, na seção opinião, página dois, do primeiro caderno, há o espaço da crônica, da memória e dos causos; exercidas com frequência pelo romancista e poeta Nei Leandro de Castro, que trata de viagens e aventuras

²⁰ SOUZA, Carlos de. Os impasses da crítica cultural no RN [entrevista com Laurence Bittencourt]. Coluna Toque, Livros & Cultura, Viver, Tribuna do Norte, Natal/RN, p.4, 08 de jun. de 2011

literárias; há o espaço para a crítica literária e opinião do escritor e procurador aposentado, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Ivan Maciel de Andrade; do jornalista e memorialista Ticiano Duarte; e do *causeur*, escritor e conselheiro do Tribunal de Contas, Valério de Andrade.

Outro caso, em que o comentário e a opinião se combinam num texto com estilo inconfundível, do que melhor se produz em jornalismo de política, cultura e opinião é a coluna Jornal de WM, do jornalista Woden Madruga, com, também, a publicação que faz de cartas de leitores, sempre sobre temas em debate, temas espinhosos; e de cartas do médico e estudioso da cultura sertaneja, Paulo Bezerra, o Paulo Balá. No domingo, no caderno Geral, a seção Quadrantes, também de opinião, crônica e crítica, com Sanderson Negreiros, jornalista e cronista potiguar; e crônica da poetiza Carmen Vasconcelos, e crônica do conselheiro do Tribunal de Contas e escritor, Claudio Emerenciano; e crítica literária, pela pena do escritor e crítico Nelson Patriota. Uma prova destas cartas de leitores é uma carta do dr. Paulo Balá e outra de Gustavo Sobral, publicadas no Jornal de WM na Tribuna do Norte, edição do jornal de domingo 09 de maio de 2010, que seguem:

O bispo e o jumento

Tem aquela história do Margones Barros que, rastreando a carta de Paulo Balá sobre a chegada do jumento no Seridó, conta a sua sobre um monumento a um jegue que quase provoca um cisma entre o coronel Luiz de Barros, da Fazenda Lagéa Formosa, e a Santa Igreja Católica Apostólica Romana. Margones Barros é seridoense, vive em Paris, já faz muito tempo, janelas abertas para o Quai de la Loire. É leitor online de todos os dias desta coluna que nos deixa muito ancho. Bom, a palavra é do Monsieur Margonês Barrô.

"Paris, 25 de abril (domingo), 2010 (ás 18:17)

Prezado Woden,

Lendo em sua coluna a carta de Paulo Balá sobre o "Jumento no Seridó", deste domingo de 25 de abril, logo me deu a vontade de lhe contar um fato que ocorreu com o meu 'patriarca', Coronel Luiz de Barros, que em sua Fazenda Lagéa Formosa, município de São Rafael, mandou levantar um cruzeiro para homenagear o jumento. Aí mandou chamar o padre para benzer o cruzeiro.

O padre negou-se. Sucedeu, então, uma discussão entre o coronel e o vigário, primeiramente em tom leve para depois ficar acalorada. O coronel não aceitava que um "padreco" se negasse

a benzer uma obra sua. O padre não recuou. Não admitia benzer um símbolo sagrado dedicado a um animal bruto, rústico.

O caso chegou aos ouvidos do Bispo de Mossoró, que enviou emissários ao Coronel, na tentativa de demovê-lo da homenagem ao jumento: "O cruzeiro, eu autorizo benzer - o bispo mandou dizer - mas não com o jumento em cima".

O coronel, então, convidou o bispo a ir à sua fazenda. O bispo foi. E ao chegar, foi logo dizendo: "Coronel, com um jumento em cima não dá, animal grosseiro, feio..." O coronel retrucou: "Mas é o burro que quero homenagear, Senhor Bispo. O jumento é quem mais trabalha aqui. Sem ele nada teria sido feito aqui".

Foi a vez do bispo: "Coronel Luiz de Barros, se fosse um galinho, uma pomba, que são animais sagrados, vá lá. Mas um burro!?"

Então o coronel, com a autoridade de ser o fundador de São Rafael, sacou do fundo do baú suas convicções religiosas e apelou para o "irretocável" argumento teológico:

- Ô seu bispo, quando José e Maria fugiram de Belém para o Egito para salvar o menino Jesus da fúria de Herodes, eles foram de quê?

Como o bispo se manteve calado, nada dizendo, o coronel emendou sem pestanejar:

- Foi em cima de um jumento, Senhor Bispo. Não foi? Pois então, trate de benzer o cruzeiro do jumento, que o jumento é um bicho sagrado como consta da Bíblia.

E o cruzeiro foi benzido. E lá continua no terreiro da casa grande da Fazenda Lagéa Formosa."

Demolindo o poema

Na cidade perplexa continua a discussão sobre a demolição do Estádio João Cláudio Machado. Em seu lugar, imposição da FIFA e CBF, será construído outro, dizem "mais moderno", financiado com dinheiro público. Muitos milhões de reais que dariam para construir escolas, hospitais, creches. Para poder derrubar o atual estádio, que só tem trinta anos de inaugurado, é preciso destruir uma creche pública, que existe nas suas proximidades. Para onde irão as crianças?

Foi nessa trilha que recebi, esta semana, a carta de Gustavo Sobral.. Passo-a para você, leitor atento e consciente:

- No tempo de Cascudo, Natal podia não consagrar, mas também, pelo menos, não desconsagrava. Era um zero a zero menos maléfico. Dias de hoje, continua não consagrando, mas em matéria de desconsagrar, avançamos, e muito. Olhe que, antes de vir aqui dizer, corri as folhas online dos jornais dos países de Língua Portuguesa, também nada. Nenhum registro do pesar que é passar a borracha em mais um exemplar moderno de nossa arquitetura, um dos que chamaram, certa vez, de "poema em concreto" e assim ficou, embora não fique mais, porque chegou o tempo em que vão tombá-lo.

- E não esqueço o arquiteto João Maurício de Miranda dizer, disse em palestra para os estudantes de Arquitetura, ficou o eco no ouvido: Sorte de Roma e Paris não terem prefeito natalense, pois era certo por abaixo o Coliseu, era certo por abaixo a Torre Eiffel. É a cidade que o moderno conservou nos ares de chácara, que impressionou Mário de Andrade, desaparecendo a olhos vistos, como desaparecem a cada dia os exemplares modernos de nossa arquitetura, residências de Petrópolis e Tirol, coisa de gente - arquitetos - que veio da Escola de Recife, da Escola Carioca, pilares como o próprio João Maurício, Moacyr Gomes, Ubirajara Galvão, Daniel Holanda. É a memória se esvaindo do concreto para o plano da alienação total. Derruba-se hoje, como deputado troca de namorada, e prefeito de secretariado - coisa de invejar sangé de festival de quadrilha junina.

- Mas, isso aqui é tudo, como sei que é chegado num recorte , pra que fique no Jornal de WM, para a turma que não viu a mini-copa de 1972 (em que me incluo), para a turma que não sabe o que é poema, que não sabe o que é arquitetura, e que não sabe o que é monumento para uma cidade, seus símbolos. E ainda para a turma que não conheceu o cronista João Saldanha, o que escreveu em sua coluna no Globo, naqueles idos, sobre o novo Estádio (esse que virá abaixo), atente para os detalhes, espero que tenha alguém que traduza em bom português para a turma do sangé, e mande publicar no Diário de Notícias e nas folhas timorenses, angolanas, etc, Tudo tem que repercutir, pois não vale o alarde e o fausto, nesta terra de Poti mais sangé. Eis João Saldanha, no Globo, junho de 1972:

"Portuga, fácil.

Bom o jogo realizado no estádio mais bonito do Brasil e, penso, o de melhor concepção arquitetônica. Magníficas acomodações para o público de arquibancada e geral, o que não é comum em nossos estádios, que nem sempre conseguem dar conforto e comodidade ao público pagante.

Quando completado - e isto o Governador prometeu - ficará uma obra-prima. De qualquer parte se vê bem a partida e a entrada e saída do público são feitas por rampas que permitem um escoamento rápido e sem atropelos.

Os portugueses ganharam com facilidade e sem riscos. O time do Equador, reconhecendo a inferioridade, trancou-se num quatro-quatro-dois e conseguiu pouco mais de meia hora de resistência. Se o gol não saiu antes penso que foi porque a seleção de Portugal estava levando um banho-maria, pois se apertasse um pouco teria marcado mais cedo. Também é verdade que Jordão e Diniz andaram se atrapalhando no deslocamento e várias vezes embolaram (...)"²¹

²¹MADRUGA, Woden. O bispo e o jumento e demolindo o poema. Tribuna do Norte, Natal/RN, p.2, Jornal de WM, 9 de mai. de 2010

O Jornal de WM é um caso jornalismo cultural manifesto em colunismo. Entende-se por colunismo literário “um espaço em que você encontra em sentido genérico, a notícia de um livro que saiu ou vai sair, daquilo que os escritores escrevem ou estão escrevendo, do que se edita e vende nas livrarias (AMARAL, 1982, p.99). Um espaço em que não basta apenas noticiar. O público espera o julgamento do colunista sobre os temas que dispõe. Portanto é notícia e comentário. Ainda Amaral (1982) descreve o lugar do colunista e a natureza do esmero do seu trabalho, comparando-o a outras funções do jornal, a função do repórter, do redator e do comentarista: “o colunista disputa com o repórter o prazer da notícia em primeira mão, com o redator a capacidade de dizer o mínimo de palavras e com o comentarista a sutileza de espírito, a perspicácia e a finura” (AMARAL, 1982, p.96).

Uma coluna, o jornal de WM, que é também espaço da crônica social, dos registros dos desmazelos das figuras políticas, do descaso com a cidade vítima dos governantes, do registro de idas e vindas dos amigos, intelectuais e figuras tarimbadas da terrinha, ou da, como intitula, “terra de Poti mais bela”, como se refere a cidade, por isso, próximo do colunismo social do passado, aquele de notas de viagens e acontecimentos sociais; e do colunismo social do presente, nas críticas e sugestões, nas reuniões de destaque, na criação de palavras e expressões próprias, como o uso de “imeio” para *email* e de tratar a prefeita da cidade por “alcaidesca”, por exemplo. A essência das colunas de mexerico, no entanto, está no caderno de cultura, o Viver. Segue a cartilha (ERBOLATO, 1981) das notas de casamento, falecimento, batizados, jantares do *jet set* da cidade, as festas e as reuniões das pessoas de destaque, em fotos. O colunista dá nome à coluna, no Viver, J.Oliveira, com suas dicas e os bordões: “*take a note*”, um deles. Típico do gênero a criação de palavras e expressões que se incorporam ao vocabulário.

Matéria de crônica, da forma de fazer crônica, usual no jornalismo, devidamente explorada com maestria pelo cronista Sérgio Porto nas folhas cariocas, assinando com o codinome de Stanislaw Ponte Preta. “Sérgio Porto traz à luz o Stanislaw Ponte Preta para retomar a linhagem dos cronistas mundanos que sabem registrar a vida cotidiana, e, acima de tudo, para criticar aquele tipo que inventava ‘palavras e expressões como ‘piu-piu’, ‘hampanhota’, ‘fúria louca’, ‘bola branca’, ‘flor azul’, e outras baboseiras” (SÁ, 1987, p.31). No próprio jornal, há, via crônica, um diálogo dentro do jornal, comum na Tribuna do Norte na pena de Woden Madruga, quando o jornalista faz crítica a

atividade da imprensa – na Folha acontece de forma sistematizada e institucionalizada via a coluna do *Ombudsman*.

A crítica cultural é tida por matéria especializada, geralmente de responsabilidade de um *expert* no assunto, de responsabilidade de um intelectual tarimbado. Sarlo (2005) em suas reflexões sobre o papel do intelectual, a crítica, e os meios de comunicação, discorre sobre o espaço da crítica, sobretudo, no que tange a opinião política – que pode ser lida como uma conjuntura lúcida e atual do papel do intelectual e do exercício pleno da crítica, a que, com certeza, a crítica cultural pertence. Sarlo (2005) fala de uma crítica de especialização que se converteu em uma crítica de princípios unificadores em prejuízo a idéia de diversidade na crítica. A crítica sofreu um processo de homogeneização, quando a pluralidade é necessária à sociedade:

Vivemos numa época em que os discursos intelectuais (como ensinou a sociologia) competem entre si. Na verdade, os intelectuais ‘clássicos’, para nos nomear de algum modo, já estão completamente imbricados numa rede que incorpora técnicos, numa dimensão, e os intelectuais de comunicação de massa, na outra (SARLO, 2005, p.160).

Não faltam postulantes a condição de intelectual, jornalistas e comunicadores aspiram à categoria, e alcançam o posto pela proximidade, a presença diária da mídia, a sua platéia: “nesse cenário, que é midiático, novos intelectuais (que podemos chamar, sem ironia, de intelectuais eletrônicos) estabelecem fortes relações comunitárias com o seu público. Ninguém mais próximo que eles de um senso comum coletivo que interpretam e, ao mesmo tempo, constroem (...)” (SARLO, 2005, p.168). Sontag (2005) também provoca um exercício sobre a função crítica do intelectual. Ressalta a função do intelectual, que é a função de

promover o diálogo, apoiar o direito de uma diversidade de vozes serem ouvidas, reforçar o ceticismo acerca das opiniões geralmente aceitas (...) Os intelectuais têm a tarefa de Sísifo de continuar a ensinar (e defender) um padrão de vida mental, e de discurso, que não seja niilista, preconizado pelos meios de comunicação de massa (SONTAG, 2005, p.379).

Em resumo, a transformação da atividade intelectual também é uma transformação no exercício da crítica. Nos jornais, a crítica se manifesta em torno dos temas do dia ou da semana, manifestada em diversas vozes como a entrevista, a reportagem, o comentário, e o artigo. Muitas vezes são variações sobre um mesmo tema que percorrem o mesmo jornal, ou jornais diferentes, em diálogo. Um caso, o festival literário de Pipa em 2010. O II Festival Literário de Pipa foi matéria de capa do Viver, edição de 24 de novembro de 2010, quando publicou entrevista conduzida pelo colunista de literatura Carlos de Souza com o escritor João Ubaldo Ribeiro. Na cabeça da matéria, o estilo leve de Carlão, como é mais conhecido na redação e entre os colegas, a que se seguiu uma conversa sobre o fazer literário e as preferências de João Ubaldo em literatura, livros e leitores:

O II Festival Literário de Pipa mostrou mais uma vez seu vigor, trazendo para o Rio Grande do Norte grandes nomes da literatura brasileira e universal. Mas sem dúvida, um dos grandes nomes foi o escritor baiano João Ubaldo Ribeiro. Durante toda a semana que antecedeu o festival tentei falar com João Ubaldo, mas em virtude de viagens para cumprir compromissos semelhantes, ele não pode me atender. Porém, já em Pipa, concordou em conversar comigo, na Pousada Toca da Coruja, onde estava reunido com amigos. João Ubaldo Ribeiro dispensa apresentações. Somente seus livros Viva o Povo Brasileiro, Sargento Getúlio e o Sorriso do Lagarto já são suficientes para lhe garantir o prestígio que desfruta no cenário da literatura mundial. Além do mais, João Ubaldo é daquele tipo de escritor que detesta falar de literatura. Gosta mesmo é de escrever livros, contar histórias e viver de bem com a vida.²²

Noutro pólo, a coluna Cena Urbana, publicada no Jornal de Hoje, vespertino, no caderno Cidade, o jornalista, cronista, professor e intelectual Vicente Serejo, cede espaço da coluna para a polêmica, a publicação de artigo com críticas ao festival de Pipa. Vicente Serejo assim apresenta o artigo de Plínio, intitulado “FlipAut Onírica”:

Plínio Sanderson solta o grito e rasga o véu da tietagem da festa litero-oficial da Flipipa para celebrar estrelas com régios cachês. Ele mostra a reação do PlipAut, o festival alternativo que a comunidade da vila de Pipa realizou. Livre, sem grana pública,

²²SOUZA, Carlos de. O pouso do contador de histórias. Viver, Tribuna do Norte, Natal/RN, p.1, 24 de Nov. de 2010

SM confrontar com ninguém, sem o jet natalense que ostentou nas pousadas chics seu desbunde acintoso e inculto. O governo gastou mais de meio milhão na festança de Pipa, enquanto os médicos denunciavam aos jornais a falta de gaze e fio de sutura no serviço de urgência do Walfredo Gurgel.²³

Noutra margem, na sua coluna da Tribuna do Norte, o Jornal de WM, o jornalista Woden Madruga, dois dias depois, também abordou a Flipipa, o título do comentário “O poeta que não foi a Pipa”:

O Festival Literário de Pipa alcançou muito sucesso e as loas estão sendo entoadas destas praias de cá aos sertões do poente. Mas, aqui e acolá, na curva do atalho, de atalaia à sombra de mangabeira surge uma voz discordante, um cara do contra. É saudável o contraditório, mormente - como gostava de dizer o meu avô - quando a literatura é o prato servido. Verdade que muitas vezes o cara é contra porque já nasceu contra. Um DNA muito comum por estas paróquias daqui e da Sibéria. Mas que a festa literária de Pipa foi um grande êxito foi. Está dito e repisado por muita gente boa, entendidos nesses riscados. Sucesso de palco e de público. Isso é muito bom para as animadas (às vezes vaidosas, vaidosíssimas) letras potiguaras. Do lado de cá das falésias fico torcendo que o próximo Governo ponha Pipa em sua mesa.

Bom, mas o que me leva a falar outra vez sobre Pipa é um bilhete de Bartolomeu Correia de Melo, nosso grande escritor, que recebi no meio da semana. Bartola não pode pegar a estrada e ver de perto o que aconteceu naquela beira de praia cheia de poetas e poetas, escritores, artistas plásticos, músicos e outras espécimes interessadas nesses esportes do espírito e outros tantos que vão a esses lugares só para "desparecer" e jogar conversa fora. Que é legal paca. O poeta não foi à Pipa mas escreveu o que sentiu à distância

No bilhete, Bartolomeu junta um poema de sua lavra poética que a gente já conhece - e se encanta - de seus contos que anunciam, estou sabendo, um romance em construção. O poema chama-se "Alumbramento" e o bilhete, curtinho, como devem ser os verdadeiros bilhetes, que o antecede diz:

"Caro Woden:

Meio indisposto pra flunar na Pipa, assistindo as falatrias dos gurus e o tomando bençãos dos amigos, confesso que fiquei meio triste. Daí, não podendo a presença do corpo, viajei em espírito ao verdume do vale. E veja só o que deu:

Alumbramento

"Seguindo o atalho, pela chã do oiteiro, / surge a visagem dum tempo perdido / Ossos de engenho brotam no aceiro / do

²³ SEREJO, Vicente. Cena Urbana. Jornal de Hoje, Natal/RN, Cidade, p.11, 24 de nov. de 2010

canavial ao vento retangido. // O rio espelha o vulto do bueiro, / a casa-grande, o pau d'arco florido... / Soa um carro-de-bois, triste e ronco, / a carregar fantasmas no gemido // Uns cambiteiros xingam a burrama, / vêm vozes de moleques no bagaço, / nas ruínas da capela, um sino chama... // Paira, num vago cheiro de melão, / algum doce acalanto de mucama / ninando almas jazidas nesse espaço".²⁴

Na mesma edição da Tribuna do Norte, do dia 26 de novembro de 2010, no Caderno Viver, p.3, é publicado artigo do escritor João da Mata Costa, sobre a Flipipa, intitulado “A festa literária de Pipa”. O escritor não participa da polêmica e faz em tantas linhas um resumo de cada dia, de cada debate, e de cada fala, e já deixa claro na abertura o seu entusiasmo pelo sucesso do evento, “literatura em alto nível praticada por alguns dos seus principais protagonistas” (COSTA, 2010, p.3).

O jornal é, portanto, espaço para variações sobre um mesmo tema, seja pelo que se considera jornalismo informativo, a reportagem; seja pelo que se considera jornalismo opinativo, o comentário, a crítica o artigo de opinião (MELO, 1996). No entanto, esta classificação do jornalismo nas vertentes opinião e informação, demarcada por Melo (1996) é questionada por Chaparro (2008), que propõe pensar o jornalismo brasileiro por uma nova perspectiva para além da divisão do jornalismo em opinião e informação:

a leitura de uma quantidade significativa de textos jornalísticos (o equivalente a 6.600.000 cm² de área impressa) demonstrou que o Relato Jornalístico acolhe cada vez mais a elucidação opinativa, e que o Comentário da atualidade exige cada vez mais a sustentação de informações qualificadas. Surgiu daí a convicção de que seriam necessárias novas buscas, teóricas e de observação, para um novo entendimento da questão dos gêneros jornalísticos (CHAPARRO, 2008, p.160).

Chaparro (2008) identifica que, com as interações democráticas, as razões de mercado e as novas possibilidades de linguagem criadas pelas novas tecnologias, o jornalismo funciona com novas formas discursivas que ultrapassam a polaridade opinião *versus* informação e que ultrapassa a questão dos gêneros agrupados nesta polaridade. Chaparro (2008) identifica a diversidade em que o jornalismo se expõe, com gêneros mais fortalecidos, como a reportagem, e a diversificação destes gêneros em subespécies,

²⁴MADRUGA, Woden. O poeta que não foi a Pipa, Tribuna do Norte, Natal/RN, p.2, Jornal de WM, 26 de nov. de 2010

“além disso, surgiram e desenvolveram-se a entrevista e o fotojornalismo, técnicas de relato cuja eficácia, tal como acontece na reportagem, está na aptidão de associar fatos às idéias, os dados às emoções, os acontecimentos à reflexão, os sintomas ao diagnóstico...” (CHAPARRO, 2008, p.147). Não muito diferente, apesar de classificá-lo em opinativo e informativo, das considerações de Melo (1996): “se historicamente essas duas categorias no jornalismo – o informativo e o opinativo – contemporaneamente eles convivem com categorias novas correspondem às mutações experimentadas pelos processos jornalísticos” (MELO, 1996, p.24)

A conclusão a que se pode chegar é que os gêneros não são formas transparentes, com características próprias, imutáveis e de fácil identificação e classificação. A expressão do jornalismo é múltipla, o gênero não é puro e inalterável em suas disposições, na verdade, se dissolve em formas mistas, assim como o jornal se distribui em cadernos, os cadernos em seções, e as seções em notícias, notas, reportagens, etc. No jornalismo cultural algumas seções que permanecem são questionadas pelo próprio leitor, é o caso das palavras cruzadas, alvo da coluna do Ombudsman da Folha, Suzana Singer, no domingo 15 de maio de 2011:

Mesmo o que deveria ser pura diversão enfurece, de tempos em tempos, os leitores. Um alvo constante de reclamações são as palavras cruzadas, publicadas diariamente. (...) Não são apenas imprecisões que irritam os adeptos do passatempo. Vários sentiram que a dificuldade aumentou nos últimos tempos. ‘Qual é a intenção de colocar palavras como entrenó, bulboide, gadanha, antitênar? O passatempo é para o pessoal da Academia de Letras?’, questiona o vendedor Rogério Pinheiro, 50. (...) A empresa Recreativa, que faz as palavras cruzadas da Folha, diz que a idéia é alternar graus de dificuldade para ‘estimular’ a curiosidade dos leitores. Aos domingos, os passatempos são de categoria ‘difícil’, porque as pessoas tem mais tempo. O segredo de um passatempo é ser instigante, sem ser obscuro, sem apelar para termos fora de uso, ensina Wilson Shortz, editor de palavras cruzadas do ‘New York Times’ – sim, lá existe essa função. O jornal leva o assunto a sério: toda semana chegam de 75 a 100 sugestões de leitores, e as selecionadas passam por quatro testadores até serem publicadas. ‘Palavras cruzadas são uma das poucas coisas que ainda é melhor fazer no papel do que no online,’ provoca Shortz.²⁵

²⁵ SINGER, Suzana. Coluna do ombudsman.Folha de São Paulo, São Paulo/SP, p.A10, 15 de maio de 2011

O horóscopo também é outra seção/gênero controverso no jornalismo cultural. Apesar da reclamação de alguns leitores da Folha de São Paulo endereçadas ao *ombudsman*, que consideram medieval crendices em pleno século XXI, a *ombudsman* da Folha apresenta um dado significativo a favor da permanência do horóscopo no jornal,

para se ter uma noção da popularidade do zodíaco, a Folha.com registra 8 milhões de *page views* (cliques) todo mês no horóscopo, que é bem mais completo que o impresso. (...) ‘o horóscopo pode não ter validade científica, mas é um fato cultural incontestável da nossa sociedade’, diz a redação”. No entanto a ombusman é taxativa: “um jornal que preza pela racionalidade e a ciência deveria abrir mão da astrologia”.²⁶

Um gênero considerado pela literatura diferenciado no jornalismo cultural é a reportagem. A reportagem no jornalismo cultural teria uma peculiaridade de acordo com Gadini (2006): diferente das outras editoriais, no jornalismo cultural, a reportagem não está vinculada com a mesma frequência ao calor dos fatos, à cobertura em tempo real, mas, ainda assim, também é abordada como *hard news*, sem os diferenciais de profundidade e multiplicidade necessários. Entretanto, é possível fazer com que, mesmo não sendo fundamentalmente informativo, o jornalismo cultural conte com reportagens vinculadas a temas factuais.

O jornalismo cultural é, antes de mais nada, jornalismo. Com isso prescinde de um vínculo com a atualidade. Um relançamento, evento ou data comemorativa, neste sentido, pode ser usado como um gancho para a elaboração de uma reportagem especial. Segundo Gadini (2006) o investimento interpretativo deu origem a uma espécie de “jornalismo de auto-ajuda”, que em seu propósito de queimar etapas “ensina” como pensar sobre determinado assunto e direciona a conclusão, sem margem para maiores complexidades. Para o jornalista Fabio Cypriano, da Folha de São Paulo, em artigo, o que predomina na cobertura jornalística é:

O que predomina nas coberturas em geral é uma visão da cultura e da arte como entretenimento e diversão, tornado desnecessário qualquer espaço para um jornalismo crítico. A crítica ficaria assim restrita às resenhas, que no fim são sempre a opinião de

²⁶ SINGER, Suzana. Coluna do ombudsman. Folha de São Paulo, São Paulo/SP, p.A10, 15 de maio de 2011

algum especialista, portanto um texto com caráter pessoal, subjetivo” (CYPRIANO, 2009, p.2).

“Nesse sentido, o que eu posso testemunhar é que na “Folha de S. Paulo”, onde trabalho há quase dez anos, nunca tive algum tipo de pressão em falar bem de alguma instituição e, sinceramente, sou até mesmo estimulado à crítica. O que percebo, contudo, é que não é a instituição jornal que evita polêmica, mas os próprios jornalistas. Conseguindo ser unânimes, escrevendo de forma positiva sobre todo mundo, deixam o jornalismo de lado, tornando-se semipublicitários mal pagos. Contudo, não se pode esquecer que “jornalismo cultural” é composto por duas palavras e, por jornalismo se espera sempre um olhar crítico, independente do campo ao qual ele está associado”. (CYPRIANO, 2009, p.3).

O jornalismo cultural não pode jamais ser desvinculado da expressão em suas páginas de escritores, artistas e intelectuais, que foram os primeiros jornalistas, cronistas, redatores, repórteres. Câmara Cascudo, Mario de Andrade, Machado de Assis, fizeram jornalismo, fizeram literatura, pensamento, cultura. O jornalismo sempre foi o espaço das manifestações culturais, da vanguarda, das mudanças, sobretudo, na crônica. A crônica pelo jornal se tornou o gênero brasileiro, nas mãos, sobretudo, naqueles anos 1950 e 1960, de Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Rubem Braga, Fernando Sabino, entre outros. A crônica é reconhecida hoje como gênero literário e gênero jornalístico por excelência, está na fronteira entre a literatura e o jornalismo. Ora, o princípio básico da crônica é registrar o circunstancial. A crônica não apenas está entre o jornalismo e a literatura, mas resulta da soma desta e daquela em tudo que lhe é pertinente.

Jornalismo, porque seu espaço de publicação é o jornal, e dele herda a precariedade de ser efêmera e de consumo único e diário com a edição do dia, por isso, também, transitória. Toma do texto do jornal a coloquialidade, e do texto da literatura o lirismo. O cronista do jornal é repórter e escritor, e, acima de tudo, um grande redator: “não sendo um bom redator (ou se for um redator muito preso ao esquema impessoal de reportagem), ele se limitará a escrever: ‘João José Gualbeto, vulgo Sorriso, foi preso na madrugada de ontem, no Beco da Felicidade, por ter assaltado a Casa Garson, de onde roubara um lote de discos’” (SÁ, 1987, p.33), ao passo que o cronista, de um quilate de “Sérgio Porto, consciente das técnicas narrativas e dos recursos da língua portuguesa,

reescreverá a notícia assim: ‘O Sorriso roubou a música e acabou preso no Beco da Felicidade’” (SÁ, 1987, p.33). É o humor, segundo Sá (1987) que confere ao texto da crônica ser no jornalismo uma construção literária: “o jornalista, portanto, não deve simplesmente registrar uma notícia. Cabe a ele explorar o poder das palavras para que o leitor possa vivenciar com emoção semelhante à do repórter, aquilo que está sendo narrado (SÁ, 1987, p.33)

A liberdade e o descompromisso são a marca da crônica. Se um texto é essencialmente jornalístico, tem a função de informar; e informar não é a finalidade primeira da crônica. A crônica pode e não pode ter suporte na realidade – o seu exercício é um exercício de liberdade. Sua motivação é o banal, o diário, cotidiano. Tudo pode ser objeto de uma crônica. A crônica é relato sobre o cotidiano, leve, sem rigor, sem método.

Outra porção do jornalismo cultural, entre o jornalismo e a literatura, é a carta. Há uma certa experiência de cartas nas crônicas, pela liberdade do redator. A carta caracteriza-se também pela coloquialidade. Tornou-se comum nos jornais do Rio Grande do Norte. O poeta Henrique Castriciano de Souza publicou sob pseudônimo no jornal “A República” suas “Cartas holandesas”; o deputado e jornalista Eloy de Souza, com pseudônimo de Jacinto Canela de Ferro, por meio de cartas para o mesmo jornal documentou o sertão; o advogado Hélio Galvão, em cartas intituladas as “Cartas da praia”, publicadas na Tribuna do Norte, inventariou a vida do pescador de Tibau do Sul/RN. Hoje estas cartas são reconhecidas pelo seu valor sociológico e antropológico. Atualmente, o médico Paulo Bezerra, o Paulo Balá, publica suas cartas no canto de página do jornalista Woden Madruga.

O artigo é outra manifestação do jornalismo cultural literário. Tem o compromisso técnico de sustentar-se com seus próprios pés, precisa ser erguido pela proposta. O jornalismo opinativo é uma tomada de posição, e o argumento sustenta o ponto de vista, conduzindo-o aonde se quer chegar. No entanto, quanto mais rebuscado, mais postergará a compreensão para o leitor. A concisão e a clareza são elementos chave. A função teórica do artigo é levantar e discutir pontos. A missão do jornalismo opinativo está além da notícia. A não linearidade é a sua riqueza, como também o é a compreensão do contexto e das circunstâncias do tema. A finalidade não é ser taxativamente a favor ou contra, mas discutir o tema.

Não é preciso fechar a questão no artigo, pois no jornalismo nem sempre se trabalha com questões acabadas. A atitude é de expectativa diante do desenlace dos fatos. Tomar partido complica a visão jornalística. O jornalista é um observador atento dos movimentos da sociedade. O jornalismo não vende anacronismos. É uma atitude de observação permanente. A performance jornalística é viver com todas as tendências. Opinião alicerçada, argumentada, construída conscientemente. É capacidade de ordenar argumentos de forma lógica e coerente. O papel do jornal é suscitar, debater temas caros a sociedade. A dinâmica social não produz coisas conclusivas e o artigo é o espaço dos valores e choques de opinião. Um espaço de opinião e crítica do jornal, é a coluna do *ombudsman*, uma espécie de divã do jornalismo. É função do *ombudsman* tratar do “falha nossa” do jornal, a partir dos princípios e recomendações que regem a atuação jornalística do jornal, o código de ética, os bons costumes, os direitos e deveres resguardados e garantidos pela leis e decretos.

Suzana Singer, *ombudsman* da Folha de São Paulo/SP, repreendeu os colunistas da Folha, eles que não devem tratar de assuntos pessoais. Partiu, como de hábito, de uma provação de leitor. O colunista Ferreira Gullar, também poeta e crítico de arte, lá no seu canto de página no Ilustrada, contava o sofrimento de sua diarista para conseguir resolver um problema com a companhia telefônica. Um problema alheio, mas de seu universo – pode ou não pode? Não é dele, nem deste caso que Suzana tratou em sua coluna. São eles, Julio Vasconcelos, no Mercado, que festejou na coluna o aniversário da sua empresa, Peixe Urbano; e da atriz-colunista Fernanda Torres, no Ilustrada, que defendia o financiamento do blog da cantora Maria Bethânia pela Lei Rouanet.

Suzana expôs o detalhe: o marido de Fernanda Torres participa do projeto de Bethânia. E aí o detalhe partiu de uma leitora, pois é sabido, que o *ombudsman*, é um crítico do jornal a serviço do leitor, e a leitora indignada foi lá dedurar a Fernanda Torres para a Suzana Singer. Fernanda não gostou, devolveu, e a Ombudsman trouxe um trecho da resposta, a público, quando Fernanda se diz espantada com o fato de “a leitora ter chegado à conclusão de que eu escrevi com a disfarçada intenção de defender o pai dos meus filhos”²⁷. Suzana foi clara: colunista deve e tem que aceitar críticas e ponto final.

²⁷ SINGER, Susana. Negócios e o pai dos meus filhos. Folha de São Paulo, Poder, A8, coluna do Omdsman, 12 de abr. de 2011

Na seção, a *ombudsman* cumpriu com o seu vaticínio, que é apontar ao jornal e ao leitor em que a Folha errou ou no que não, foi fiel a sua doutrina do manual da redação. Função do *ombudsman* que, a bem da verdade, funciona como um indicativo para que o jornal mantenha-se na linha do que propõe como jornalismo, e que serve como incentivo aos jornalistas e colunistas a estarem mais atentos a forma e a repercussão do que apuram ou escrevem, porque o *ombudsman* expõe e o leitor dedura. O *ombudsman* é um crítico do jornal e porta voz do leitor.

Em maio de 1989 a Folha de São Paulo aceitou implantar a função do *ombudsman* no jornal. O modelo é uma coluna de crítica do jornal que, interruptivamente, era publicada nas edições de domingo do jornal; posteriormente, com a criação do site na Folha, anos 2000, a crítica passou também a ser diária e *online*, sem prejuízo da edição dominical. Uma mudança se operou no final do primeiro mandato do *ombudsman* Mário Magalhães. Abril de 2008, a Folha condicionou a renovação por mais um período – o estatuto permite até dois períodos de um ano (Mário Magalhães assumiu abril de 2007) – o que era praxe na Folha, e não observado em outros jornais. Segundo o *ombudsman* da Folha “na conferência da Organização dos Ombudsmans de Notícias, com participantes de 13 países, não encontrei quem digitasse todo santo dia, como fazemos aqui, uma crítica ou memorando”²⁸.

Na coluna do domingo 24 de fevereiro de 2008, quando completou dez meses e meio no cargo, Mário Magalhães assevera o crescimento da procura dos leitores pelo *ombudsman*, face reclamação dos leitores que acusavam a Folha de não honrar ao leitor o espaço para o leitor, pouco pluralista também na visão do *ombudsman*, apontando a efetividade do trabalho do *ombudsman* na melhoria de qualidade do jornalismo:

seria injusto, contudo, desconhecer conseqüências positivas de outras peijas nos meus dez meses e meio de função. Uma delas foi o crescimento de 12% das correções de erros em 2007. A maioria absoluta das retificações originou-se de aviso dos leitores. (...) Esse desempenho, bem como alguma influência no noticiário e em orientações editoriais, resulta do ano de maior atendimento de leitores pelo *ombudsman*, 13.374 contatos.
(...)

²⁸ MAGALHÃES, Mario. Coluna do *ombudsman*. Folha de São Paulo, São Paulo/SP, p.A6, 24 de fev. 2008

Foi o primeiro rompimento de contrato desde a instituição do ombudsman em 1989. A alegação é que jornalistas e editorias sentiam-se incomodados de verem expostos publicamente as falhas que porventura o ombudsman apresentava em sua coluna, como também a direção do jornal julgava que “no ambiente da concorrência exacerbada do mercado jornalístico, idéias e sugestões do ombudsman são implementadas por outros diários.”²⁹

A audiência do *ombudsman* como ponto de contato entre o jornal e o leitor se mostra um instrumento eficaz, conforme dados fornecidos pelo próprio Mário Magalhães na derradeira crítica: “Em 1991, primeiro ano do qual sobreviveu estatística, houve 3.748 contatos com o ombudsman. Em 2007, o recorde de 13.374. Em janeiro, fevereiro e março de 2008, marcas inéditas”³⁰. A partir de então, com a saída de Magalhães, as críticas passaram a ser apenas de acesso dos funcionários do jornal e da empresa e a coluna semanal permaneceu aos domingos. No próximo capítulo, o jornalismo que está na forma, a forma gráfica dos jornais, diagramação, projeto gráfico e seus elementos...

²⁹ MAGALHÃES, Mario. Coluna do ombudsman. Folha de São Paulo, São Paulo/SP, p.A6, 24 de fev. 2008

³⁰ MAGALHÃES, Mario. Coluna do ombudsman. Folha de São Paulo, São Paulo/SP, p.A6, 24 de fev. 2008

Para além do texto, outros suportes da informação

Ao jornalismo cultural cabe a liberdade de desamarrear o jornalismo (PIZA, 2004), não só, a fotografia, as ilustrações e o próprio design gráfico dos cadernos e páginas de cultura permitem a ousadia, como também o jornalismo explora outras linguagens, outras formas de comunicar por meio destes suportes. Na revista cultural Bravo!, o editor João Gabriel de Lima, em um dos editoriais aponta claramente como esta vertente é explorada na produção do jornalismo cultural. O espelho continua a ser o jornalismo norte-americano, caso de revistas de prestígio como a *New Yorker*, que lançou o *new journalism*, e que produz um jornalismo de excelência, conceituado e reconhecido pelo seu público leitor culto e politizado.

À revista, o jornal acompanha como um sucessor das inovações. A exposição dos temas culturais nas páginas dos jornais merece maior atenção do repórter e do editor na forma de expô-los. O uso de dados estatísticos, tabelas, infográficos, favorecem a uma explicação mais didática e eficiente, tornando o assunto de mais fácil assimilação, um complemento que pode ser essencial a matéria, ainda pouco utilizado pelo modelo tradicional do jornalismo praticado nas redações (NOBLAT, 2007), mas que já merece atenção de projetos editoriais, como projeto da Folha de São Paulo, assim exposto no Manual da Redação:

Esses adendos podem consistir numa memória histórica dos fatos, em mapas, gráficos, explicações didáticas, demonstrações visuais de acontecimentos, apresentação biográfica dos personagens envolvidos na notícia, glossário de termos técnicos ou específicos e indicações de leitura, entre outros recursos (MANUAL DA REDAÇÃO, 2007, p.23).

Cada jornal tem o seu próprio guia de estilo com recomendações de uso. Uma série de diretrizes que fixam a sua identidade escrita e gráfica. Seja ele publicado em forma de manual, seja em recomendações do chefe de redação. Quando se tratará de redação e estilo, o exemplo dos usos e empregos textuais da literatura, sobretudo, da moderna (pós-Flaubert; segundo Barthes 2004, Flaubert inaugurou a linguagem moderna) que preza pela simplicidade do texto, ordem direta das frases, emprego de frases curtas (Vinicius de Moraes, escreveu que uma frase longa é a possibilidade de ter sido duas curtas, MORAES, 2008). Dentre as determinações, usar a língua do dia-a-dia, escrever

um artigo com começo, meio e fim. Escrever para George Orwell (entre outras regras, expostas por George Orwell, que servem de baliza ao manual da redação da revista inglesa *The Economist*), é ter sempre em mente: “o que estou querendo dizer?” (STYLE GUIDE, 2010, p.14).

A cultura dos manuais é a cultura da imprensa anglo-saxônica e norte-americana importada por jornais brasileiros, caso da Folha de São Paulo e do Estadão (jornal O Estado de São Paulo, mais conhecido, como Estadão, como o trataremos daqui por diante) que dispõem, cada um, do seu. No entanto, o manual não é uma amarra, o editor deve respeitar o texto quando reconhecê-lo (STYLE GUIDE, 2010). Amaral (1982) sintetiza o estilo jornalístico, “é um estilo especial que se caracteriza por ser claro, direto, conciso, fácil, acessível a qualquer leitor. Requer o mínimo de palavras e o máximo de explicações, correção, compreensão e exatidão” (AMARAL, 1982, p.49), ou, na opinião de Jobim (1992) um estilo em que: “depois da concisão a virtude que mais agrada o leitor é a simplicidade do estilo. Quem é simples no estilo é claro no dizer” (JOBIM, 1992, p.75)

Recomendações que se coletam nos guias de estilo como o *Style Guide* da revista *The Economist* e o manual de Strunk Jr (2000), que o tempo todo balizam o manejo da língua e da escrita às recomendações feitas pelos ficcionistas quando dizem que escrever é ser claro, é ser conciso. Quando se tratará de estilo, o jornalista é um escritor como o ficcionista, a diferença está na matéria. O jornalista trabalha com o real, o ficcionista com a invenção. No entanto, ambos têm o texto por expressão e o estilo como governo. Em uma crônica deliciosa Vinicius de Moraes, que foi poeta e cronista, com muito tempero, discorre sobre essa coisa de elementos de estilo, em comentário ao manual de estilo de Strunk Jr (2000), coisas das regras e recomendações de bem escrever. Merece a transcrição na íntegra:

Leio no matutino El País, de Montevideú, uma boa crítica, ou melhor, resenha, do livro de William Strunk Jr., *The Elements of Style*, com revisão, introdução e capítulo adicional de E. B. White, editado por MacMillan em Nova York no ano curso. Um opúsculo de 84 páginas, aparentemente cheio de saber. À guisa de apresentação do autor, conta o crítico de El País que a parte de substância do livro já estava escrita por William Strunk Jr. desde 1918, quando era professor de altos estudos da língua

inglesa, sendo E. B. White, então, aluno seu. Há dois anos, já morto o mestre em 1946, recebeu White - que crescera em renome como contista, ensaísta, poeta e repórter dessa excelente revista americana que é o New Yorker - um exemplar do livrinho, de que nunca mais soubera, o que fê-lo escrever um nostálgico in memoriam para a sua publicação. A onda que fez o artigo foi colhida pelo receptor de MacMillan, e é este o resumo da ópera.

A dar crédito ao crítico de El País, o livro representa, para o escritor em língua inglesa, e mesmo nas demais, uma bengala de indisfarçável utilidade, sobretudo num momento climáxico de atividade editorial, como o que vivemos. E eis como situa ele, ao isolar num parágrafo o módulo do pensamento de Strunk:

A prosa vigorosa é concisa. Uma frase não deve conter palavras desnecessárias, nem um parágrafo frases desnecessárias, pela mesma razão que um desenho não deve ter linhas desnecessárias, nem uma máquina partes desnecessárias. Isto não quer dizer que um escritor faça breves todas as suas frases, nem que evite todo detalhe, nem que trate seus temas apenas na superfície; apenas que cada palavra conta.

Para Strunk (atenção, "focas", pois a linguagem jornalística é especialmente mencionada na obra!), os preceitos de um bom estilo podem resumir-se no seguinte:

1. Use uma linguagem positiva: em vez de "habitualmente não chegava à hora", diga "habitualmente chegava tarde"; em lugar de "não recordou" diga "esqueceu" - e isso porque, consciente ou inconscientemente, o leitor prefere que se diga o que é a o que não é.
2. Seja concreto: "Sobreveio um período de tempo desfavorável" constitui uma vagueza. "Choveu diariamente uma semana" seria a boa fórmula.
3. Abrevie o mais que puder: escrever "atos de natureza hostil" é alongar de dois centímetros "atos hostis".
4. Não qualifique: sempre que não se tratar de estabelecer uma opinião, a qualificação prévia é desnecessária. Dizer que é "interessante" o fato que se vai narrar, é pichar o leitor de inimaginativo.
5. Não use adornos: o estilo não é um molho para temperar uma salada; o estilo deve estar na própria salada.
6. Coloque-se atrás do que escreve: escreva de tal forma que a atenção do leitor seja despertada sobretudo pelo sentido e pela substância do que está dito, e não pelo temperamento e pelos modismos do autor. O primeiro conselho a dar ao escritor que começa seria, pois: para chegar a um estilo, comece por não ter nenhum.
7. Use substantivos e verbos: evite o mais possível adjetivos e advérbios. Não há adjetivo no mundo que possa estimular um substantivo exangue ou inadequado; isto sem subestimar adjetivos e advérbios, quando corretamente empregados. Mas a

verdade é que são os nomes e os verbos que dão sal e cor ao estilo.

8. Não superescreva (significando aqui, don't overwrite): a prosa excessivamente rica, adornada ou gorda torna-se mais facilmente nauseante.

9. Não exagere e seja claro: primeiramente, porque o exagero pode tornar o leitor suspicaz; e a clareza, é lógico, facilita a comunicação. Mais vale recomeçar uma frase longa com que se está brigando, que persistir na briga. Frequentemente uma frase longa nada mais é que duas curtas.

10. Não opine sem razão: ter por hábito ventilar opiniões próprias é prejudicar que o leitor as esteja pedindo, o que constitui um sinal de vaidade.

É isto em resumo. Há mais. Mas não espaço. E depois, é como diz o outro: se todos fossem da mesma opinião, o que seria da cor amarela? (Sendo que, neste caso, até que eu "entrava bem", pois trata-se da minha cor preferida ...). Mas pobre Proust, pobre Dickens, pobre Balzac, pobre Melville, pobre Otávio de Faria... (MORAES, 2008, p.126-128)

Lage (2001) propõe uma fração para estudo e análise entre linguagens ditas não digitais (gráfica, tipos de cores, fotografia, etc) e digitais (a verbal, o texto em si). Para Lage (2001), a linguagem jornalística seria universal, pois não só as leis gerais da linguagem jornalística são comuns a muitos idiomas, como também a linguagem jornalística mobiliza outros sistemas simbólicos além da comunicação linguística. A imagem no projeto gráfico do jornal (*layout*), o uso da cor, a composição da fotografia, também respeitam uma sintaxe própria, a sintaxe da linguagem visual,

a sintaxe visual existe. Há linhas gerais para a criação de composições. Há elementos básicos que podem ser apreendidos e compreendidos por todos os estudiosos dos meios de comunicação visual, sejam eles artistas ou não, e que podem ser usados, em conjunto com técnicas manipulativas, para a criação de mensagens visuais claras. O conhecimento de todos esses fatores pode levar a uma melhor compreensão das mensagens visuais (DONDIS, 2007, p.18)

No jornalismo há um avanço da imagem sobre o espaço da palavra; as imagens não ilustram os textos, mas se propõem também como textos. O texto não é apenas o texto-verbal, porque imagens e as cores também comunicam (BAITELLO JR, 1997, 2005). Marcondes Filho (2002) também entende a comunicação como algo mais complexo e nada restrito a estrita comunicação verbal, para Marcondes Filho (2002) tudo é comunicação, a comunicação é um processo complexo que vai além das dimensões

exploradas, e se expressa para além da palavra, está, por exemplo, também no gesto, é um todo complexo e indissociável. Comunicação é linguagem. Processo artificial, segundo Flusser (2007), que se organiza em símbolos e códigos e, por isso, a comunicação é linguagem. O código, a maneira de tornar inteligível e de expressar a primeira natureza, de comunicar (FLUSSER, 2007). No jornalismo, para entender a linguagem jornalística para além do texto, podemos observá-la também pela imagem e pela cor e pelo projeto gráfico.

Para Baitello Jr (2005) “a imagem é uma forma de escrita. Isto não se questiona, porque a escrita nasceu da simplificação dos registos iconográficos, dos desenhos e das pinturas. A relação entre as duas é indissolúvel porque ambas pertencem ao universo da visualidade” (BAITELLO JR, 2005, p.35); para Flusser (2007), a cor não é apenas um atributo estético, é comunicação: “O sinal vermelho quer dizer ‘stop’ (...) Somos envolvidos por cores dotadas de significado, somos programados por cores, que são um aspecto do mundo codificado em que vivemos” (FLUSSER, 2007, p.28).

Guimarães (2000) esmiúça o papel da cor na composição da mensagem: “As cores apresentam características de peso, distância e movimento que, combinadas à proporção e localização das formas, constroem uma informação complexa, cuja totalidade provoca reações diversas no observador.” (GUIMARÃES, 2000, p.75). A cor também é informação, é um elemento da sintaxe visual que, se utilizada de forma consciente, transmite também uma idéia acerca do objeto: “o domínio dos comportamentos da cor como informação pode torná-la tão freqüente nos processos de produção e recepção de textos culturais que o designer e o jornalista resolveriam uma imagem de forma tão natural quanto a escolha de um bom título para o texto”(GUIMARÃES, 2000, p.141).

A aceção que se considerará de linguagem, é aquela que abarca a totalidade do sistema de símbolos – desta feita, trata a informação como bem simbólico. Também a linguagem pode ser apreendida como subsistema de uso da língua, por exemplo, linguagem dos médicos, economistas, jornalistas. A linguagem jornalística, subsistema, mobiliza outros sistemas simbólicos além da comunicação lingüística. No Jornal, compõe e estrutura a distribuição das informações, o projeto gráfico que se delinea através dos sistemas analógicos (fotografias, ilustrações, charges, etc.), das legendas,

dos títulos, textos, legendas. O título e o subtítulo são matéria do essencial, sem eles, segundo Amaral (1982):

a matéria não está completa sem a titulação: antetítulo, título e subtítulo. Em caracteres grandes, sua finalidade é anunciar a notícia, de forma clara, objetiva e atraente, e vendê-la ao público. O antetítulo prepara o leitor para o título, o título é o anúncio propriamente dito da matéria; o subtítulo é o complemento do título. Ainda há os intertítulos, usados dentro do próprio texto, entre grupos de dois, três ou mais parágrafos, separando assuntos, iluminando a matéria e repousando psicologicamente o leitor com pequenas pausas (AMARAL, 1982, p.54)

O aporte informativo, o conteúdo, aquilo que afirma como texto verbal escrito, pode ter, frequente nos caderno de cultura, uma provocação alusiva, próxima e indicativa do assunto ou tema tratado na reportagem, crônica, artigo ou comentário, esta alusão pode ser a frase célebre ou consagrada. Todo jornalismo tem também um aspecto visual que é informativo. O título além do aspecto informativo, tem o aspecto (apelo) formal (visual). O formal está no destaque do tamanho do texto, estímulo visual, destacando-o, para chamar a atenção de quem lê; na escolha dos tipos, se com serifa ou não, no uso da cor no título, o que gera uma sobreposição de discursos. O uso da cor no título confere um novo discurso, porque a cor também é informação, sobretudo, quando o preto na escrita jornalista passa a ser cor neutra, e o uso de qualquer outra cor um indicativo.

A cor é mais uma forma de expressão no jornalismo. O sistema analógico obedece a uma forma de articulação, que também coaduna a construção da mensagem visual. A sua sintaxe são as linhas de criação e composição:

A caixa de ferramentas de todas as comunicações visuais são os elementos básicos, a fonte compositiva de todo tipo de materiais e mensagens visuais, além de objetos e experiências: o ponto, a unidade visual mínima, o indicador e marcador do espaço; a linha, o articulador fluido e incansável da forma, seja na soltura vacilante do esboço seja na rigidez de um projeto técnico; a forma, as formas básicas, o círculo, o quadrado, o triângulo e todas as suas infinitas variações, combinações, permutações de planos e dimensões; a direção, o impulso de movimento que incorpora e reflete o caráter das formas básicas, circulares,

diagonais, perpendiculares; o tom, a presença ou ausência de luz, através da qual enxergamos; a cor, a contraparte do tom com o acréscimo do componente cromático, o elemento visual mais expressivo e emocional; a textura, óptica ou tátil, o caráter de superfície dos materiais visuais; a escala ou proporção, a medida e o tamanho relativos; a dimensão e o movimento, ambos implícitos e expressos com a mesma frequência (DONDIS, 2007, p.23).

Caberá ao jornalista valer-se destes recursos simbólicos na confecção do seu trabalho, apropriando-se do uso da linguagem: “um texto sobre um caso de amor virá provavelmente com o título em letra cursiva, imitando a caligrafia; uma reportagem sobre computadores ou viagens espaciais terá o título em letras digitais; uma entrevista política, em letras romanas; matérias de impacto, em helvéticas” (LAGE, 2001, p.18). A parte o aspecto visual, há o texto jornalístico, espaço em que se explora a linguagem e em que se serve da língua escrita na sua construção. A clareza é sempre o norte, e a retórica deve sempre passar ao largo.

O jornalismo buscar conciliar o registro coloquial e o formal da língua que se manifesta nas escolhas lexicais e frasais. Assim incorporará neologismos de origem coloquial ou de grande expressividade; denominação de objetos novos, como *Ipad*, *e-book*, etc.; metáforas com intenção crítica (senador biônico, mordomia), entre outros. Lage (2001) é quem destaca esta preocupação de atualização do jornalismo. Atento a estas e outras questões atinentes a expressão do jornalismo, propõe uma definição para a linguagem jornalística: “é basicamente constituída de palavras, expressões e regras combinatórias que são possíveis no registro coloquial e aceitas no registro formal” (LAGE, 2001, p.38).

Outro suporte da linguagem jornalística, a ilustração. O uso da ilustração como imagem no jornalismo é cada vez mais recorrente e habitual. A porta de entrada é o jornalismo cultural. Uma ilustração pode ser realista ou abstrata, e envolve muito mais um apelo ao lúdico, ao emocional, ao cômico, ao trágico e ao irônico. Está mais próxima da arte, porque é tributária do desenho, das artes plásticas, é arte; mas, nem por isso, o jornalismo, perde seu caráter informativo. Mais aberta à criatividade, a ilustração tem a força do contraste, seja no uso do espaço, da cor, no apelo ao emocional.

A ilustração é tributária do desenho e das artes plásticas e, assim, rege-se pelos conceitos de forma, perspectiva, enquadramento. São muitos os recursos artísticos de que se pode valer, como a impressão e a expressão pela cor, o jogo de luz, claro e escuro, a sombra e o traço do ilustrador. A ilustração é presença antiga nos jornalismo e lhe confere um ar de sofisticação. Sempre presente também como elemento decorativo em artigos de opinião ou resenhas, e como jornalismo na capa de revistas consagradas, como a *New Yorker*. Um caso emblemático é o do ilustrador Saul Steinberg³¹ autor de inúmeras capas, durante muitos anos, da revista de idéias e opinião mais conceituada do mundo, a *New Yorker*. Um expediente muito comum. Ray Eames (junto ao marido Charles Eames, designer, juntos foram considerados o casal de designers que revolucionou o século XX, STUNGO, 2000), foi a artista e designer responsável por inúmeras capas entre 1942 e 1944 da revista mensal *California Arts and Architecture* (HOLLIS, 2005).



Figura 01 – Folha de São Paulo, Ilustrada, página 1, uso da ilustração na capa

Figura 02 – Folha de São Paulo, Ilustrada, página 1, uso da ilustração na capa intervenção sobre a fotografia da artista Rita Lee, também o uso da cor para destacar a palavra “Califórnia” no título; o título se integra a ilustração

³¹Sobre o trabalho de Steinberg, mais informações n o livro/catálogo da exposição (que acontece no Brasil, 2011), iniciativa em conjunto do Instituto Moreira Salles e Pinacoteca do Estado de São Paulo, organizado por Roberta Saraiva (curadora).

A fotografia é outro suporte, que não deve ser tratado como mero complemento do texto escrito. Fotografia é texto, é uma linguagem, porque, segundo FLUSSER (2011)³², representa o mundo, ao mesmo tempo que é produzida por um aparelho, e neste aparelho é compositor de imagens técnicas, por isso a fotografia também é técnica. Os motivos fotografados se combinam para produzir uma carga simbólica. Os jogos de luz e sombra para encenar as pessoas em movimento são um dos recursos, para citar apenas um. O editor e o repórter fotográfico devem ter em mente o espaço que terão na edição, assim o fotógrafo deve estar atento na hora de realização de seu trabalho, para captar diferentes planos e enquadramentos e produzir o maior número de opções possíveis para, posteriormente, na edição, poder dispor de imagens mais significativas. No Manual da Folha, uma indicação: “não constitui uma regra que boas fotos dependam de um grande espaço para serem exibidas. Obviamente, fotos maiores provocam maior interesse no leitor, desde que sejam também boas imagens” (MANUAL DA REDAÇÃO, 2007, p.35)

A fotografia exige experiência e conhecimento, sobretudo de história da arte e técnicas pictóricas. A fotografia compreende também as mudanças paradigmáticas da história da arte, que podemos chamar, de uma mudança de olhar que a arte moderna, sobretudo, inaugurou, ao tornar o olhar da arte um campo de impressão ou expressão. Uma tentativa que Costa e Silva (2004), entendem como “tentativa de superação dos impasses e contradições advindas do encontro da sensibilidade renascentistas com a nossa cultura para afirmação estética transformadora da modernidade” (COSTA e SILVA, 2004,p.13). Enquanto a perspectiva anterior, era de fixação de um espaço tridimensional numa superfície bidimensional, a foto no século XIX “levou a marca da melancolia: o homem incapaz de controlar as forças que transfiguravam o mundo, colecionando em larga escala miniaturas desse mundo” (COSTA e SILVA, 2004, p.18)

Costa e Silva (2004) expõem as características gerais da produção fotográfica do período: “quebra das regras clássicas de composição; uso corrente de claro-escuro radical; ênfase nas linhas de força constitutivas do referente, ressaltando o potencial abstrato dos temas; forte tendência a geometrização dos motivos e, por fim, a quebra da

³² Duas foram as revoluções culturais na história: a invenção da escrita linear, e a invenção das imagens técnicas, responsáveis pela mediação entre o homem e o mundo. Duas formas de leitura que se diferenciam no processo de apreensão: o texto linear se completa ao final da leitura, enquanto a imagem se apreende na decomposição das partes (FLUSSER, 2011)

integridade do processo fotográfico tradicional.” (COSTA e SILVA, 2004, p.50). Também destacam a força e o papel do fotojornalismo nas revistas ilustradas. O fotojornalismo como suporte da informação obedece as regras do jornalismo, por isso, seu objeto é registrar e retratar para transmitir informação, opinião e interpretação, é esta a sua significação como linguagem jornalística registrar os fatos, a “verdade”. A imagem fotográfica é noticiosa. Da sua linguagem e mecanismo, a narração e o registro do instante. Sua contribuição importa a verossimilhança do real ao construir o relato jornalístico.



Figura 03 – Folha de São Paulo, Ilustrada, página 1, a fotografia como suporte jornalístico, na porção superior da página, em destaque; o título centralizado utiliza-se da cor para destacar a palavra “íntimo”

Figura 04 – Tribuna do Norte, caderno Viver, a fotografia como suporte jornalístico, uso da cor amarela para destacar a palavra “lírico” e do branco para “um pássaro”, título alusivo a qualidade da cantora. O título está posto dentro da imagem fotográfica, que, por sua vez, retrata a postura solene e teatral da cantora no palco.

Os manuais de fotografia empregam e propagam muitos dos conceitos desenvolvidos pelos fotógrafos, como buscar um novo enquadramento para temas já fotografados; a reflexão sobre a possibilidade da imagem antes de realizá-la; e o estudo dos pormenores: de que lado provém a luz etc. Para a fotografia de paisagem, recomenda-se visitar antes o local para determinar a hora que se vai fotografar; ver como se distribui o relevo de onde provém a luz do sol em determinada hora; onde ficam as sombras na paisagem. Evitar as luzes violentas das horas centrais do dia. Costuma-se a se classificar as fotografias em categorias, que seriam: empíricas (profissionais/amadores); retóricas

(paisagens, objetos, retratos, nus); e estéticas (realismo/pictorialismo). No entanto, Barthes (1984), ao se debruçar sobre a fotografia, considera que essas divisões não são satisfatórias para descrever a essência da fotografia.

Para Barthes (1984) a fotografia é inclassificável. A foto não se distingue do seu referente; é inclassificável, porque não há como marcar a sua ocorrência. Envolve três práticas: fazer, suportar, olhar. A fotografia transforma o sujeito em objeto e não há um estilo próprio do artista em fotografia. O gosto imprime a fotografia um subjetivismo e a foto, portanto, tem uma atração. A verdade como representação pode atrair, como em fotografias que são testemunhos políticos, históricos etc. O homem participa do olhar culturalmente.

Sontag (2004), em uma série de ensaios sobre fotografia, chega a algumas constatações que servem, junto às observações de Barthes (1984), para pensar o campo da fotografia. Sontag (2004) dirá que fotografar é atribuir importância, que a câmera transforma a pessoa em turista na realidade do outro e, assim, em turista de sua própria realidade. Aceita que há a interferência do fotógrafo no que fotografa, é dele o olhar, e faz uma constatação lúcida entre o mundo real e o mundo da imagem. No mundo real, algo está acontecendo e ninguém sabe o que vai acontecer. No mundo-imagem, aquilo aconteceu e sempre acontecerá daquela maneira. Provoca questionamentos e propõe reflexões sobre a fotografia, muitas vezes inquietantes, e todas às vezes, um olhar incomum sobre o papel da fotografia e da imagem para a sociedade contemporânea (Sontag escreveu seus ensaios nos anos 1970, sua visão coerente sobre a fotografia permanece atual):

Como cada foto é apenas um fragmento, seu moral e emocional depende do lugar em que se insere. Uma foto muda de acordo com o contexto em que é vista: assim, as fotos de Minamata tiradas por Smith parecerão diferentes numa cópia de contato, numa galeria, numa manifestação política, num arquivo policial, numa revista de fotos, numa revista de notícias comuns, num livro, na parede de uma sala de estar. Cada uma dessas situações sugere um uso diferente para as fotos mas nenhuma delas pode assegurar seu significado. (SONTAG, 2004, p.122)

A foto não é só o que retrata, mas o momento e o espaço em que é contemplada, portanto. Assim como a foto para jornal, o texto para jornal deve ser compreendido no espaço em que se insere. A estética do jornal é o espaço do casamento das duas formas

de leitura, a leitura linear e a leitura em superfície (FLUSSER, 2007). Leituras que pela sua própria forma de ser exigem comandos diferentes para apreensão, mas que são complementares, sobretudo, quando texto e imagem convivem numa mesma página, a página do jornal. Porque, enquanto o texto é linear, sucessão de letras, sílabas, palavras, parágrafos, que vão compondo um significado aos poucos, na medida em que se ler, é só apreendido em sua totalidade (o significado) ao final da leitura. A imagem é total a primeira vista, decomposta para ser apreendida nos seus elementos forma, cor, textura, relação entre os objetos e profundidade.

Imagem e texto, superfície e linha, é a forma em que a comunicação se desenvolve, cada uma com um processo de formação e leitura próprio, “precisamos seguir o texto se quisermos captar a mensagem, enquanto na pintura podemos apreender a mensagem primeiro e depois tentar decompô-la” (FLUSSER, 2007, p.105). No mundo dos fatos estão as coisas, no mundo da ficção, a imagem e o texto, que não são o significado da coisa:

as linhas escritas relacionam seus símbolos a seus significados, ponto por ponto (elas ‘concebem’ os fatos que significam), enquanto as superfícies os relacionam por meio de um contexto bidimensional (elas ‘imaginam’ os fatos que significam) –, se é que elas significam mesmo fatos e não símbolos vazios (FLUSSER, 2007, p.113).

Assim, segundo Flusser (2007), há dois tipos de ficção, a conceitual e a imagética: “Nossa civilização coloca à nossa disposição dois tipos de mídia. Aquelas tidas como ficção linear (como os livros e as publicações científicas) e outra chamada de ficção-superfície (como filmes, imagens de TV e ilustrações)” (FLUSSER, 2007, p.113). O casamento destas duas expressões no jornal, a conceitual e a imagética, acontece na disposição das mensagens no jornal, o encadeamento texto-imagem via diagramação (forma como se articulam), que, por sua vez, também produz sentido. Há tipos e variações de diagramação, e há no caderno uma sequência entre as páginas, da relação de complementaridade (sentido único) ou disjunção (quando não entram em contradição, mas divergem):

Dependendo da interação entre texto e arte visual, um suplemento cultural pode, sim, transformar um meio em mensagem. O impacto da visão de uma página – facilitado pelo fato de que o mais comum é ela ser ilustrada por fotos de objetos e de gente bonita – pode facilitar a árdua tarefa do repórter ganhar a atenção do leitor. Fotos bem ampliadas, ilustrações precisas, gráficos elegantes, tudo pode ser explorado, desde que não comprometa a identidade visual fundamental do projeto gráfico do jornal ou da revista (DAPIEVE, 2002, p.111).

O jornal trabalha em colunas divididas em módulos compondo grades fixas ou flexíveis, com uma infinidade de combinações possíveis. Há variação na largura das colunas e espaço variável entre elas, alternância e variações na organização e tamanho do tipo, nas entrelinhas e no espaçamento – são recursos para evitar a monotonia. O espaço é dividido em colunas cuja largura pode variar conforme a disposição do texto e das imagens. Utiliza-se bastante o recurso do *box*, com informações complementares à matéria, fazendo às vezes de retranca. A largura da coluna depende do tamanho do tipo utilizado. Dependendo do tipo, uma coluna muito larga pode levar a dificuldade do leitor em encontrar o começo da linha seguinte. Quem determina a forma como a matéria será lançada na página, é o conteúdo. Assim se determina se se vai priorizar texto ou imagem. Na sequência página à página, a alteração no tamanho das imagens e na proporção entre texto e imagem torna o projeto interessante e provocativo ao leitor. Um recurso bastante utilizado é alterar a sua posição na página, ora na porção superior, ora na inferior.

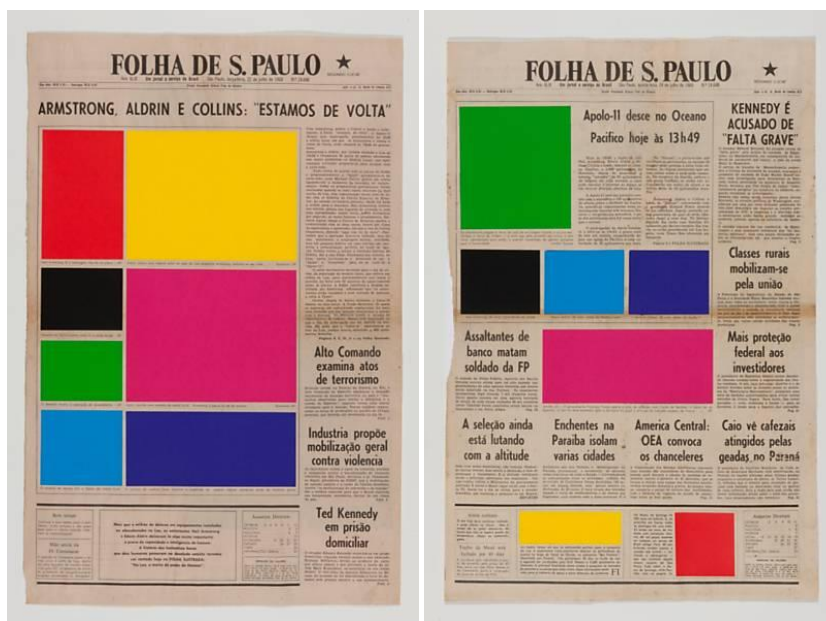
A diagramação obedece a um projeto gráfico determinado que lhe é anterior. A base do projeto gráfico e o planejamento da articulação entre os elementos do jornal: figuras, linhas, palavras e imagens. O primeiro ponto a considerar é o formato, é quando se estabelecem as relações e os arranjos entre os elementos no espaço do jornal. O projeto gráfico é importante porque o modo como os elementos estão dispostos orientam a leitura, estabelecendo, inclusive, uma ordem hierárquica, que na maioria dos casos respeita a forma habitual de leitura no ocidente, que é de cima para baixo, da esquerda para a direita. O projeto gráfico ao planejar a sequência e o ritmo do conteúdo, resolve as relações visuais entre texto e imagem. Os elementos devem ser distribuídos de forma que as partes sejam integradas. Há preferência, por exemplo, pela composição assimétrica, por causa do estranhamento, necessário para provocar a atenção do leitor.



Figura 05 – Tribuna do Norte, Viver, fotografia na porção superior e inferior, e destaque em vermelho para “palavra”, coadunando com a proposta do texto que é a exposição do artista Vicente Vitoriano, sobre a “palavra” pintada.

A fonte do projeto gráfico é arte (HURLBURT, 1999). O Cubismo de Picasso e Braque, as paisagens de Cezanne, o geometrismo de Mondrian, as experiências de Matisse, o *design* deve a sua evolução às manifestações artísticas modernas. Do *Art Nouveau*, a influência na criação dos formatos das letras; do Cubismo a idéia de combinar imagens a partir de fragmentos de outras imagens, e assim, comunicar idéias; do Dadaísmo, o uso da letra como experiência visual, e a libertação das restrições retilíneas; do Construtivismo, a combinação de palavras e imagens numa experiência simultânea. De Mondrian, o projeto gráfico importou as divisões assimétricas do espaço na composição dos módulos. O *design* descobriu com Mondrian a tensão da assimetria. A *Bauhaus* ensinou ao designer a usar as formas básicas, quadrado, triângulo e círculo; e as cores primárias, amarelo, vermelho e azul. A arquitetura também é uma forte influência do design, Frank Lloyd Wright e de Le Corbusier também representaram influências exploradas pelo projeto gráfico, a partir dos seus desenhos e pinturas com planos espaciais livres³³.

³³ Sobre o Cubismo, a arte moderna e os artistas aqui referendados, tomou-se por base e aconselha-se a leitura de Gullar (1999), “Etapas da arte contemporânea, do cubismo à arte neoconcreta”; e sobre arte e arquitetura moderna, Argan (2001), “Arte Moderna: do Iluminismo aos movimentos contemporâneos”. Sobre Mondrian o volume da editora Taschen “Piet Mondrian: construção sobre o vazio”, de Deicher,



Figuras 06 e 07 – Folha de São Paulo, intervenção da artista plástica inglesa Marine Hugonnier, a aplicação da cor em blocos de composição do jornal realçam a postura plástica do espaço da diagramação

O projeto gráfico estabelece um padrão e um *design* ao jornal que lhe confere uma identidade visual. É a personalidade do jornal que faz com que o leitor não se perca e o reconheça a cada edição. Este padrão compreende desde a configuração dos cadernos a elementos como titulação e disposição dos textos, imagens, fotos e ilustrações. Assim se organiza no jornal a matéria jornalística. O projeto Folha de São Paulo, exposto no Manual da Redação entende que “essa semiótica do espaço do jornalístico está ao alcance dos consumidores da cultura visual e não deve ser julgada um privilégio dos jornalistas e profissionais que lidam com elementos imagéticos, como os publicitários.” (MANUAL DA REDAÇÃO, 2007, p.35). A organização do *layout* do jornal obedece a um propósito de comunicação que perpassa a superfície do texto. Guimarães (2003) estrutura a urdidura dos elementos que tecem o jornal:

Na página impressa há uma multiplicidade de códigos organizados na estrutura que se convencionou chamar diagramação ou paginação, que torna possível criar diálogos complexos entre seus elementos. A escrita tipográfica, por exemplo, pode ser tão personalizada quanto a linguagem oral; as variações tipográficas transmitem muito mais do que uma sequência linear e diacrônica de texto, dando vazão a representações antes somente possíveis em locuções de rádio:

tamanho, espessura, condensação, expansão, inclinação e estilo dos caracteres impressos reinterpretem a leitura do texto com as diversas marcas de ênfases, exclamações, interjeições, volumes, tonalidades. O resultado dessa organização dos elementos gráficos na página impressa é uma simulação de tridimensionalidade que provoca reações físico-motoras no receptor – aproximando as informações graficamente “sussuradas” e que exigirão mais atenção, e afastando as informações ‘gritadas’ e que chegam positivamente aos olhos – e outros diversos movimentos do olhar em perscrutação (GUIMARÃES, 2003, p.67-68)

O diagramador é o responsável pela montagem das páginas: “aqui é fundamental a agilidade no mecanismo de capturar uma por uma as peças do quebra-cabeça e ajustá-las na tela do computador, de acordo com a intenção do editor da página (YAZBECK, 2002, p.132). O casamento disto tudo, produz uma página harmônica (ou não) e um cenário de comunicação entre a reportagem, a fotografia, os títulos, as legendas e anúncio publicitário. Técnicas e procedimentos artísticos cada vez mais empregados visualmente pelos jornais na exposição de sua matéria. O jornalista Woden Madruga no seu canto de página, o Jornal de WM na Tribuna do Norte, destacou essa combinação numa das edições de domingo da Tribuna, traçando tudo na fina ironia que lhe é peculiar, acerca da matéria e de sua apresentação, que dispensa mais comentários:

O caderno TN Família, da Tribuna de domingo que passou, veio com sexo na capa e mais a terceira página inteira, numa matéria bem elaborada pelo seu editor, o Isaac Ribeiro. O título, a partir de uma velha expressão feminina, que deve ter sido uma das preferidas de Eva para o insistente Adão, "Hoje não!", já desperta cosquinhas no leitor ou leitora. Até porque encima (sem intenção de trocadilho) uma foto, grande (meia página), que por si só já diz tudo: um casal na cama, a mulher lendo um livro (será de Paulo Coelho?), sem querer nada com o companheiro, como insinua o gesto da mão, e o cara se virando para a parede do quarto, a parceira, firme: "hoje, não, amor". Aquela velha história de que uma foto vale mais do que mil palavras. Ou seriam milhões?

O tema da reportagem do Isaac, está na cara (ou seria na cama?), é a disfunção sexual feminina. Tem um gancho que diz assim: "Apesar de atingir cerca de 40% das mulheres, disfunção sexual feminina é pouco discutida até mesmo entre médicos". E por aí começa o trabalho do repórter, ouvindo médicos, psicólogos, psicanalistas. Fala-se no prazer sexual reprimido nas mulheres de muito antigamente ao mesmo tempo em que os homens

sempre gozaram de inteira liberdade para praticá-lo, exercendo o seu "papel de predador de fêmeas". Eis o tema.

Adiante tem a intervenção da professora Maria Bernardete de Souza, médica, professora de Medicina e pró-reitora de Pesquisa da UFRN, que ressalta que "a despeito de a mulher ter se tornado mais liberada, desse ponto de vista delas terem o início da vida sexual cada vez mais precoce, de ela ser mais aberta do ponto de vista de relacionamento, a gente observa que a disfunção feminina ainda continua do mesmo jeito, pouco discutida".

Mais adiante a intervenção é da psicanalista Odete Bezerra. Aí é lembrado que "muito mais do que o homem, a mulher é regida pelos aspectos psicológicos, inclusive no sexo". Disse a doutora que "Na construção psíquica da mulher, o desejar dela é ser desejada pelo outro. E no homem, é ser o que deseja, ou seja, o ser desejante". Cita-se, então, a masturbação, toca-se no clitóris, tira-se um fino no pênis, aponta-se o momento em que a mulher passa a conhecer melhor o seu próprio corpo e passa ser dona de si. Disse a doutora Odete Bezerra:

- É importante que eu me autorize. Eu sou dona de mim. Esse gozo é meu antes de ser dele. É o caminho que ela poderá andar para conquistar a liberdade de fazer sexo sem tanta pressão psicológica. Porque o sexo é um prazer físico.

Gostei muito da matéria de Isaac e de como ele abordou o tema, que em muitas faixas da sociedade continua sendo tabu. Bom jornalismo. Gostei também da diagramação, do desenho da página, o uso correto do espaço, adequação exata, harmoniosa, afinada, entre o texto jornalístico e a mensagem publicitária. O anúncio colocado na página é do Sofá Picasso. De 2 e 3 lugares. Perfeito³⁴

A primeira página é o que há de mais importante, por isso figura a reportagem maior. É a vitrine do caderno. Na imagem reside o maior apelo, por isso, seu predomínio na página, tomando toda a porção superior. Uma pequena chamada, discreta, anuncia algum conteúdo do interior do caderno, disposto, geralmente, como se vê nas capas de Folha e Tribuna no canto superior esquerdo do cabeçalho. A estética do caderno embora aposte na assimetria, composição de quadros em espaços assimétricos, aposta na página (colorida) com hierarquia de informação expressa no uso da cor e na composição dos elementos imagem, título, texto e boxes. O arranjo é coerente e o leitor, na primeira apreensão (a visualização do caderno) da capa, alcança a totalidade e da imagem, legenda e título; corre para o texto escrito e para os boxes, na ordem de leitura que se

³⁴ MADRUGA, Woden. Tribuna do Norte, Natal/RN, Opinião, p.2, 04 de jun. de 2010

presume, da esquerda para a direita, de cima para baixo, privilegiando primeiro, imagem, legenda e título (ALI, 2009).

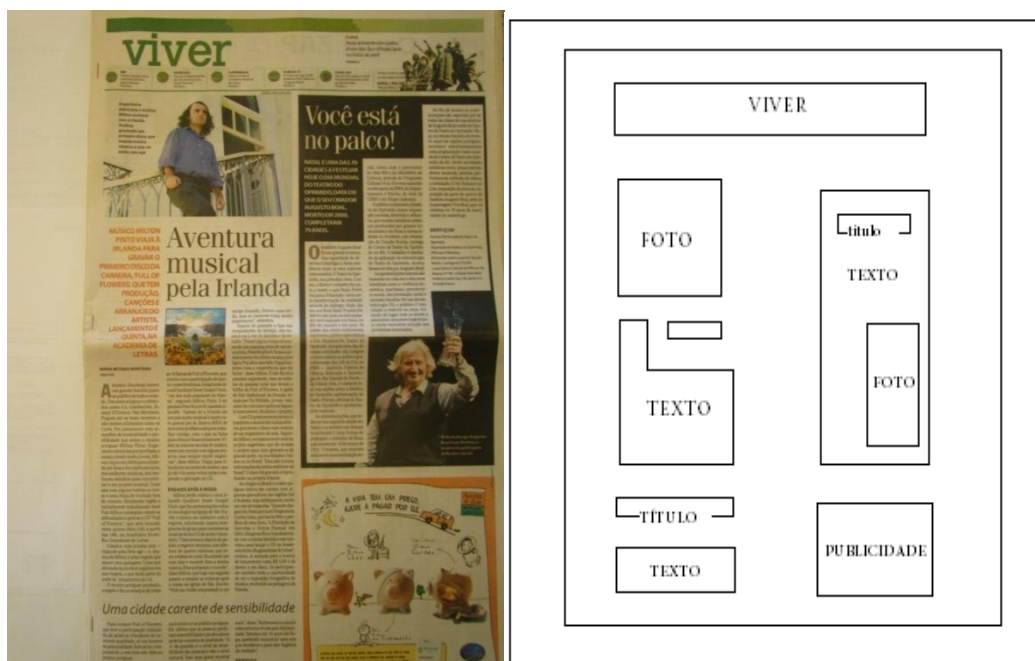


Figura 08 – Tribuna do Norte, Viver, página 1, o ritmo da página apresenta uma solução que mescla colunas blocadas, uma delas cuja marca é uma moldura preta que a separa da matéria da esquerda. No bloco da moldura preta, o *design* quebra a foto, invadindo-a com o texto. Há interferência da imagem que quebra o alinhamento das colunas, o que transmite uma idéia de movimento.

Uma preocupação que tem por marco a revolução gráfica implantada pelo Jornal do Brasil na década de 1950. Uma revolução na forma de fazer jornal; forma, porque o jornal ficou diferente, pôs abaixo a sisudez e se pôs moderníssimo na onda das transformações pela qual passava o Brasil, do auge da bossa (nova), do sucesso na arquitetura (moderna) de Niemeyer, na produção de uma literatura forte e genuína na esteira do que foi o sucesso e a vanguarda de 1922. No cinema altamente novo e básico de ter apenas uma idéia e uma câmera, e só. Nas Artes Plásticas o pictorialismo é considerado *démodé*, a arte transpassa a tela e o papel, vira instalação, é escultural, é cinética e, sobretudo, sensação, cujo marco é o trabalho de Lúcia Clark, extremamente inovador. A literatura passa da palavra e torna-se visual com a poesia transgressora e inovadora dos Concretos e Neoconcretos.

O jornalismo foi um espaço de experimentação. Quando falar de *design* era uma coisa tímida; quando *design* era ainda desenho e ergonomia, Jânio de Freitas, Reynaldo Jardim e os artistas Amilcar de Castro e Ferreira Gullar pensam o jornalismo além da palavra, propõem para o jornalismo uma experiência estética, a presença de um produto retrabalhado, visualmente confortável e funcional, duas características perseguidas pela cultura do bem estar, a espelho da experiência da Bauhaus, em que funcionalidade e beleza poderiam estar juntas e um produto não seria apenas a sua função, como um jornal apenas para informar, mas que poderia atingir muito melhor o seu propósito a partir de uma cultura do visual, pensado, trabalhado e planejado. E o Brasil teve que esperar até o fim dos anos 1950 para ver isso no seu dia-a-dia (no jornal).

“A direção gráfica da reforma do JB se estrutura a partir do caráter funcionalista, como a legibilidade do texto, diagramação modulada da página etc.” (LESSA, 1995, p.43), uma proposta altamente técnica que tinha por objetivo a boa legibilidade, por isso Almícar de Castro e companhia romperam com os fios, com as firulas, com a diagramação modular, pensaram nos espaços em branco como marcos regulatórios de separação entre as notícias do jornal. Tudo partiu de uma nova visão do jornal, uma mudança de perspectiva, de ponto de vista: “Sempre buscando melhorar a leitura, ele decide sublinhar a percepção vertical quando formula que jornal se lê da esquerda para a direita, de cima para baixo, primeiro a linha e depois as linhas organizadas em coluna. O “L” de classificados da primeira página marca graficamente esta opção ao acentuar a verticalidade do campo gráfico” (LESSA, 1995, p.43).

Parâmetros que foram aos poucos sendo definidos e implantados, uma reforma não radical, mais aos poucos, para não surpreender nem chocar os leitores de forma abrupta. Contudo, na contramão da padronização, há jornalistas que se insurgem e passam a condenar os rigorismos formais no tratamento das notícias. Um jornalismo que, em contrapartida, tem custos financeiros elevados e que demanda tempo para apuração e investigação. Custo que a imprensa-empresa não se dispõe a arcar, tempo que os jornalistas não dispõem em razão do volume do trabalho e da urgência em se publicar notícias. Um movimento único, mas em dupla face, mudava a forma de escrever o jornal como mudava a forma de apresentar o jornal. Novos experimentalismos. No aspecto visual, o “estilo Mondrian”:

distribuição balanceada das massas de fotos e preenchimento posterior dos vazios com texto, ou vice-versa (procedimento radicalmente diferente do hábito que, por exemplo, associava uma foto à matéria correspondente de tal modo que a sua largura devia corresponder à largura das colunas ocupadas pelo texto); potencialização da fotografia como foco de interesse gráfico; dinamização das massas através da contraposição de blocos de chamadas e de textos, diferenciados através de corpo, entrelinha, peso, criando texturas diferentes, conscientemente usadas como contrastes gráficos etc. (LESSA, 1995, p.54).

O Jornal do Brasil, um marco e uma fase importante da história do jornalismo e da cultura brasileira. Era abril quando Jânio de Freitas e Almícar de Castro deixaram o Jornal de Brasil. O jornal deixou de ousar, e reforma tal qual a do Jornal do Brasil jamais se viu, as mudanças que nos anos 1950 revolucionaram o jornalismo, hoje fazem parte do seu comum, do seu trivial. E há quem atribua a esta inércia um dos fatores do seu declínio, e também por visões maniqueístas que apenas enxergam o jornalismo como fato, Lage (2001), do que se discorda, ao abordar a linguagem jornalística, com

projetistas gráficos, repórteres fotográficos e redatores [que] não são artistas ou intelectuais: são trabalhadores de uma indústria de prestação de serviços que opera com bens simbólicos. Não se espera que, ao ver a notícia de um acontecimento qualquer, alguém diga ‘que notícia bem escrita!’, ou ‘layout espetacular!’, o redator ficará gratificado se o leitor se motivar pelo acontecido, entender o que aconteceu e tiver condições de formar juízo adequado a respeito (LAGE, 2001, p.9).

A reforma de um jornal sempre é tratada como um divisor de águas e um ponta-pé inicial para a produção de um jornalismo mais vanguardista, assim foi a reforma do Jornal do Brasil quando conteúdo e forma passaram por uma revisão para a apresentação de um jornal mais moderno. O Globo, o Estado de São Paulo e a Folha de São Paulo em 2010 lançaram-se a mesma proposta. Alegando muito mais uma mudança gráfica, o diretor de redação Octavio Frias Filho anunciou a reforma editorial da Folha de São Paulo. Reforma sutil sobretudo no visual do jornal, mas que não compromete a identidade da publicação e, assim, a fidelidade dos leitores. Nenhuma reforma é radical.

Outro marco de renovação dos jornais são as reformas estruturais, seladas pela compra de novos equipamentos, reciclagem das equipes de redação e colaboração de novos

articulistas, entre outras, um movimento de reorganização para sacudir e atualizar o jornal com o seu tempo. A Tribuna do Norte passou por este processo na década de 1970. Depoimento do jornalista Woden Madruga na edição comemorativa dos 60 anos do jornal e entrevista com o professor universitário e jornalista Emanuel Barreto traçam o cenário em que se institui e se consolidou o jornalismo potiguar. Woden Madruga: “Em meados de outubro de 1979 a Tribuna do Norte, comemorando 30 anos, inaugurava seu novo prédio, novos equipamentos e entrava na fase do off-set”³⁵; entrevista com o professor Emanuel Barreto:

Era um jornal em transição. O Caderno de Cultural da TRIBUNA era impresso na gráfica do jornal A República, enquanto o outro caderno saía da gráfica própria do jornal. Isso produziu uma dicotomia visível a olho nu. Enquanto o primeiro caderno, impresso na TRIBUNA, tinha aspecto envelhecido, o caderno de Cultura impresso na gráfica oficial do estado tinha uma aparência clara e radiante - era literalmente o casamento do velho com o novo. Seja como for, isso foi uma espécie de treinamento para o pessoal da TRIBUNA, que antecedeu a chegada ao jornal da impressora offset. Tinha início então um longo processo de consolidação da TRIBUNA DO NORTE, deixando de ser um jornal de partido para ser um jornal-empresa.³⁶

Um jornal diferente no aniversário de sessenta anos, em 2010:

Ao celebrar os 60 anos de sua fundação – a primeira edição circulou no dia 24 de março de 1950 – a Tribuna do Norte optou por oferecer ao público convidado uma palestra que tem relação direta com a sua visão de futuro: postura crítica, ação consciente e planejamento estratégico. Enquanto Gustavo Franco, economista e ex-presidente do BC, analisava os rumos da economia e o que é preciso fazer para retornar o crescimento pós-crise financeira, o jornal encarta, nesta edição de aniversário, 20 páginas especiais sobre como funciona, os serviços que oferece e atenção que dá aos seus leitores.³⁷

³⁵ MADRUGA, Woden, Memória da Tribuna, Tribuna do Norte, Natal/RN Opinião, p.2, 24 de mar. de 2010

³⁶ BARRETO, Emanuel. Entrevista. Tribuna do Norte, caderno especial 60 anos, p.3, 24 de mar. de 2010

³⁷ Tribuna do Norte, caderno especial 60 anos, p.1, 24 de mar. de 2010)

O caso do *Estadão* pode ser considerado como revolucionário, pois sempre a tradição e aversão a mudança foi a marca do jornal, conduzido pela família Mesquita à rédea curta desde sua fundação, mantendo até então uma linha austera e já pouco usual nos jornais que passaram pelas primeiras reformas gráficas na década de 1980, como a *Folha de São Paulo*. “O *Globo* contratou, escreve Lilia Diniz, colunistas e lançou novos cadernos”, e mais “desde o lançamento o projeto já contemplava o conceito de fotografias abertas e textos grandes, o que marca o diferencial em relação às mídias online” (DINIZ, 2010).

No programa semanal do Observatório da Imprensa na semana de anúncio das reformas, convidados para debater o tema, o professor Muniz Sodré e a professora Sylvia Moretzsohn, entenderam as mudanças no contexto da ameaça das mídias digitais e de campanha de marketing, ainda ressaltaram que não houve mudança na forma de produção da notícia. Alegaram também que o impresso tem a sua credibilidade garantida frente às mídias digitais (DINIZ, 2010). O jornalista Alberto Dines teceu comentários sobre o que representam para o jornalismo, as mudanças nos jornais, em editorial no Observatório da Imprensa:

Já houve um tempo em que as modificações nos jornais eram clandestinas, imperceptíveis. Quanto menos visíveis, mais bem sucedidas eram consideradas. Hoje os veículos impressos, especialmente os jornais, fazem mudanças frequentes, ostensivas, radicais e ainda aproveitam para badalar a sua capacidade de mudar.

O primeiro a submeter-se a uma completa transformação foi o *Estadão*, em março passado. No último domingo (23/5), em grande estilo, foi a vez da *Folha* exibir os seus novos atributos. No meio, entre um e outro, *O Globo* adotou uma estratégia diferenciada: está mudando devagar, em doses homeopáticas.

Nos três casos, a mesma motivação: mostrar que a imprensa, o jornalismo impresso, está vivo, ativo e apto a enfrentar a poderosa concorrência da mídia digital.

As primeiras perguntas que ocorrem têm a ver com a causadora deste rebuliço: a internet. Será que os jornais conseguirão enfrentar a web adotando algumas de suas características e maneirismos? Os 400 anos de existência do meio jornal não valem como prova de vitalidade e resistência às mudanças tecnológicas?

No meio de tanto confete, o importante é não esquecer que a festa da *Folha*, como a do *Estadão* e do *Globo* são dedicadas a

um serviço público fundamental para o regime democrático.
(DINES, 2010)

Um caderno especial, intitulado Novíssima, domingo 23 de maio de 2010, apresentou a nova Folha aos leitores, na capa o conceito da nova Folha:

Enquanto se discutia o futuro do jornal, a Folha fez o jornal do futuro.

Hoje nasce o jornal do futuro. Uma nova forma de ler e de fazer jornal.

Fazer o jornal do futuro é não se contentar em ser o maior e mais respeitado jornal do país. É se reinventar.

Justamente para continuar sendo a Folha que você admira.

Fazer o jornal do futuro é se reformular visual e editorialmente.

Não importa se em papel, internet ou celular. Importante é a informação exclusiva, a opinião e a credibilidade que fizera, da Folha o líder que é hoje.

Agora, você está convidado a virar

Uma página do jornalismo brasileiro.

Bem-vindo ao futuro.

As chamadas:

Novíssima, Folha se transforma para ficar mais legível e incisiva.

Reforma editorial e gráfica muda o jornal no papel e na rede.

Noticiário mais sintético; mais análise e opinião

Novos cadernos, novas seções, novos colunistas e novos ilustradores

Jornalismo preciso e confiável 24 horas por dia



Figuras 09 e 10 – Publicidade da nova Folha, na edição de lançamento

A nova Folha foi às bancas em 23 de maio de 2010. A motivação superficial é a latente questão da crise do impresso que perde leitores a cada dia. As editorias foram reorganizadas e os cadernos rebatizados na promessa de oferecer ao leitor um jornalismo mais atinente com a contemporaneidade. O caderno Mercado, substituiu o caderno Dinheiro. Política, passou a ser Poder. Ilustrada permanece Ilustrada, mas o caderno de idéias do domingo, o Mais!, passou a ser Ilustríssima. Novos colunistas assumiram velhas seções com novos títulos de coluna. Batizaram a campanha de Jornal do Futuro. O editor-executivo Sérgio Dávila questionado pelo jornalista Alberto Dines, apontou que a reforma foi amplamente discutida na redação do jornal. O jornal considerou sempre a fidelidade do leitor. Lilia Diniz, reporta as considerações de D'Ávila a Dines, relata:

Durante todo o processo, estiveram conscientes de que o leitor de jornais impressos é fiel e ligado ao veículo, diferentemente da maioria dos consumidores das mídias digitais. Por isso, os princípios editoriais da Folha foram mantidos. Dávila contou que após o novo jornal chegar as bancas, foi realizada uma pesquisa que constatou que 87% dos leitores aprovaram as mudanças (DINIZ, 2010).

O realce no projeto gráfico foi a tônica da nova Folha, na apresentação da edição especial de lançamento, Sérgio D'Ávila, diretor de redação, escreveu:

A Folha mudou. O jornal que você tem em mãos hoje traz as letras cerca de 12% maiores, em um formato e com uma diagramação que deixam a leitura mais fácil. Os títulos são mais fortes, a hierarquização das reportagens é mais clara, a identidade entre os cadernos mais evidente. As fotos ficaram maiores e os quadros informativos, mais limpos e clássicos” (...) o jornal estréia um novo suplemento, o Ilustríssima, que trará aos domingos o melhor em cultura, ensaios e reportagens de mais fôlego. (...) A nova forma e o conteúdo renovado são resultado do esforço de centenas de profissionais, que trabalharam por milhares de horas durante os últimos doze meses, (...) parte dos textos está mais enxuta, maneira de resumir os acontecimentos da véspera sem fazer o leitor perder tempo e paciência. Parte está mais analítica, um dos pilares do projeto novo, que priorizará a contextualização e a interpretação do fato conhecido.³⁸

A Tribuna do Norte, por sua vez, implementou o que chamou de “cultura gráfico-editorial de fazer jornal”. É que após a grande reforma gráfica que empreendeu em 1996, estabeleceu como política editorial “uma sucessão silenciosa de mini e pequenos ajustes”, fruto de uma política editorial firmada e “um processo contínuo de autoavaliação e mudança, garantindo equilíbrio entre a apresentação dos cadernos noticiosos e de pequenos e grandes anúncios, a fim de proporcionar-lhe não só requintes estéticos, mas, sobretudo, uma melhor utilização dos espaços das colunas e páginas” (TRIBUNA DO NORTE, 2010, p.21). Seguindo a tradição de reforma dos jornais brasileiros. Em meados dos anos 1970, a considerada primeira revolução técnica-gráfica no jornalismo brasileiro, a implantação das impressoras *offset*; em 1992, a segunda revolução: informatização das redações e uso irrestrito das cores nas páginas do jornal (YAZBECK, 2002)

Na Folha, a paleta das cores serve para identificar os cadernos. Cada caderno tem uma variedade de tons que derivam da sua cor principal, utilizada tanto na capa do jornal para identificar que a matéria pertence aquele caderno e editoria; quanto nas páginas internas, para reforçar a identidade temática. Nos cadernos, o fundo azul escuro predomina (a cor cyan), utilizado nos logotipos e elementos gráficos, que garantem uma unidade gráfica a todo jornal fortalecendo a sua identidade; também serve aos *sublogos*

³⁸D'AVILA, A informação exclusiva de cara nova, Sérgio D'Ávila, Folha de São Paulo, Novíssima, p.2, 23 de mai. 2010

demarcando o início das seções. Há também o uso das vinhetas e chapéus que indicam ao leitor o tipo de texto que está lendo, se análise, se foco, se opinião, se saiba mais (informação complementar) se outro lado (direito ao contraditório). A grade (diagramação também está pré-estabelecida), em uma página há doze módulos, cada qual com 3,5 cm ou nove linhas.



Figura 11 – Ilustrada, Folha de São Paulo, página 1. Colunas bloqueadas na parte inferior da página, título ocupa o quadro superior à esquerda, enquanto a imagem ocupa a porção superior da página. Um arranjo assimétrico de blocos que compõem uma grade modular (conforme o detalhamento da figura 12) flexível que permite que se comporte elementos, módulos de texto, título, imagem e destaques, em diferentes proporções, como se vê. Destaque para uso da cor no título, e fotografia em preto e branco submetida a uma intervenção, montagem, que a torna uma ilustração.

Na primeira página de uma matéria, colunas bloqueadas na parte inferior da página; o título ocupa o quadro superior à esquerda; e a imagem a porção superior, um arranjo assimétrico dos blocos, uma grade modular flexível que permite compor elementos em diferentes proporções. Módulos de texto, título, imagem e destaques. Destaque para o uso da cor no título, e imagem (fotografia) em preto e branco submetida a uma intervenção, uma montagem, que a torna uma ilustração. A matéria continua nas páginas internas, porque jornal é uma sucessão de páginas, e uma sucessão de elementos como estes apresentados, que configurados conferem a cor ao jornalismo cultural impresso, que não é apenas o texto escrito, o texto não-verbal também informa; o visual, cada vez mais explorado pelo novo jornal, o jornal que se espera seja o jornal do futuro...

A edição de amanhã, um novo jornal(?)...
(uma tentativa de conclusão para um tema inconcluso)

Uma leitura do jornal como forma, os elementos gráficos que o compõem, desde a composição do texto, trabalho do jornalista, escolhas lexicais e sintáticas, composição da imagem, escolha e determinação da pauta para o repórter fotográfico, ao arranjo destes elementos na página, em respeito ao projeto editorial de diagramação, até o uso da cor nas matérias como textura e escala. Fórmulas que se escondem no olhar rotineiro e cotidiano da superfície, mas que é fruto do trabalho jornalístico da pauta, passando pela redação até a montagem e a exposição do produto final, o caderno ou a página de cultura. Em suma, foi o que se apresentou: os “eus” que governam o jornal diário, que fazem o jornalismo cultural inovador, e sempre porta de entrada para as mudanças.

O que se percebe é a passagem para um jornal diferente, se novo ou jornal do futuro, não cabe a previsão, mas um jornal que poderia se chamar plurimidiático, uma tendência que se verifica nos indícios do impresso. Na edição 500 (5 de julho de 2011) o Novo Jornal promoveu uma interseção com a plataforma digital, a criação de um *blog* e a participação nas redes sociais, *twitter* e *facebook*, e a disponibilidade em suportes que permitam acessá-lo pelo celular e pelo *Ipad* – uma tendência a que se voltam jornais e revistas para além da existência de seus sites e portais. No *blog* se compartilhará o conteúdo do impresso na Internet, um expediente que coaduna e reforça a missão editorial do Novo Jornal, de privilegiar a análise e a opinião (NOBLAT, 2007), condizente com a idéia do jornal do futuro, ciente de que não há como concorrer com a instantaneidade da notícia do rádio, tevê e *online*, e assim, preza pela análise e pela opinião (MEYER, 2007).

Seria uma tendência do jornalismo, a confluência dos espaços em que se apresenta, confluência entre o impresso e as plataformas *online* (*site*, *blog*, formato para *Ipad*, presença nas redes sociais). O impresso remete ao digital, para complementar a informação, e o *online* remete ao impresso; divulga a edição impressa, e apresenta o conteúdo do dia, como uma vitrine do que estará nas bancas e na casa dos assinantes. Na Tribuna do Norte, impresso e *online* praticamente são o mesmo jornal, a diferença: um na tela, outro no papel. A Folha de São Paulo, sobretudo em razão de sua estrutura tecnológica e financeira, explora outras mídias, produz matéria em áudio, que no

jornalismo cultural, se apresenta como comentário ou avaliação crítica de um determinado produto cultural, um artista, uma peça em cartaz, um evento (feira literária) disposto no formato de *podcast*; e também produz vídeos com o assunto cultura, exibido *online* na Tevê Folha.

O que leva a crer, nessa tendência de mescla dos espaços da mídia – se a fotografia e a cor representaram um adendo ao jornalismo do passado, o *podcast* e o vídeo são outras maneiras de expor o conteúdo, que vieram a somar formas de comunicação do jornalismo –, obedece aos mesmos ditames insuperáveis do jornalismo: uma empresa jornalística, um jornalista, uma pauta, e seus formatos de composição, reportagem, artigo, comentário, etc. O jornal expressa-se por diversas linguagens. O jornalismo cultural, não seria diferente. E também se expandiu. Se primeiro seu espaço foi o das revistas ilustradas, dos clubes lítero-recreativos, e das críticas e artigos de jornal, e publicação de eventos e acontecimentos cujo tema é a cultura, outras mídias não deixaram de reserva-lhe um espaço noticioso digno. Na tevê há a agenda cultural e reportagens quando a cultura é destaque, o mesmo no rádio, e com a Internet, há a disseminação dos temas do jornalismo cultural em portais e *blogs* noticiosos e opinativos.

O que não muda é a essência deste jornalismo. Seja anunciado com a morte dos jornais e sobrevivida da Internet, o que não muda é que sempre haverá análise, reportagem (no sentido de reportar), notícias, serviço, informação; a essência do jornalismo cultural também permanece, e ampliada nos seus temas, diversificada nas suas plataformas, mas sempre pautada, reportada, redigida, com os caracteres que fazem o jornalismo seja qual a sua plataforma, seja qual o seu público, seja qual for o veículo e a linha editorial. Sempre haverá um texto, sempre se exigirá clareza, estilo, apuração, sempre o projeto gráfico será pensado previamente, sempre o projeto gráfico será intencional, e passará por reformas, para acompanhar o novo gosto estético (assim também é a arte) e a imagem continuará a ganhar espaço privilegiado também como informação e o uso da cor também continuará uma plataforma de comunicação. Diverso, múltiplo, polifônico e ao mesmo tempo fiel ao seu cânone, o jornalismo nunca foi tão diferente, e nunca deixou de ser tão igual.

Referências

- “A redação, onde a Tribuna ganha vida”, Tribuna do Norte, Natal/RN, caderno especial 60 anos, p.6, 24 de mar. de 2010
- ABREU, Bento Fagundes de. *Bravo!:* desenho, design e desígnios nas perspectiva dos estudos da cultura visual. Canoas: Editora da ULBRA, 2009
- ALI, Fátima. *A arte de editar revistas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009
- AMARAL, Luiz. *Jornalismo: matéria de primeira página*. 3 ed. Rio de Janeiro: UFCE, 1982
- ARAGÃO, José Carlos. “Clichê, o highlander de todas as mídias” Observatório da Imprensa, 09 de Agosto de 2011 , www.observatoriodaimprensa.com.br, acessado em 09 de agosto de 2011
- BAITELLO JR, Norval. *A era da iconofagia: ensaios de comunicação e cultura*. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- BAITELLO JR, Norval. *O animal que parou os relógios*. São Paulo: Annablume, 1997
- BAKTHIN, Mikhail. *Estética da comunicação verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- BARRETO, Emanuel. Entrevista. Tribuna do Norte, caderno especial 60 anos, p.3, 24 de mar. de 2010
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. trad. de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984
- BRITO, Judith. O valor do jornalismo, Tribuna do Norte, Natal/RN, Opinião, p.2, 26 de fev. de 2010
- CALDAS, Álvaro (org). *Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet*. 2 ed. Rio de Janeiro: Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2002
- CARIELLO, Rafael. Fetiches Conceituais: hora de pendurar o jaleco retórico. Folha de São Paulo, São Paulo, caderno Ilustríssima, p.3, 27. mar. 2011.
- CASTILHO, Carlos. “A internet cria uma nova unidade básica no jornalismo contemporâneo”, Observatório da Imprensa, 24 de maio de 2011, www.observatoriodaimprensa.com.br, acessado em 11 de novembro de 2009)
- CHAPARRO, Manuel Carlos. *Sotaques d’aquem e d’além mar: travessias para uma nova teoria dos gêneros jornalísticos*. São Paulo: Summus, 2008
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2007.
- COELHO, Marcelo. *Crítica cultural: teoria e prática*. São Paulo: Publifolha, 2006
- Folha de São Paulo, caderno Novíssima, domingo 23 de maio de 2010

- COSTA, Helouise; SILVA, Renato Rodrigues da, *Fotografia moderna no Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2004
- COSTA, João da Mata. A festa literária de Pipa. *Tribuna do Norte*, Natal/RN, p.3, Viver, Opinião, 26 nov. 2010
- CYPRIANO, Fabio. Jornalismo cultural: polêmica ou propaganda? *Aurora*, 5: 2009
<http://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/viewFile/4537/3121> , acessado em 05 de agosto de 2011
- D`AVILA, A informação exclusiva de cara nova, Sérgio D`Ávila, *Folha de São Paulo*, Novíssima, p.2, 23 de mai. 2010
- DAPIEVE, Arthur. Jornalismo cultural. In: CALDAS, Álvaro (org). *Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet*. 2 ed. Rio de Janeiro: Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2002
- DEAK, André. Novo new journalism, Muito além do papel e da tinta, *Observatório da Imprensa*, 29/06/2010, acessado em 08 de julho de 2010
- DIDONÊ, Débora. Redações enxutas, equipes muito jovens [online]. Disponível na Internet via <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=591IMQ008>. Consultado em 25/5/2010
- DINES, Alberto. “Reformas na imprensa”. *Observatório da Imprensa*, Editorial, *Observatório da Imprensa na TV* n° 547, 25 de maio de 2010, www.observatoriodaimprensa.com.br, acessado em 31 de maio de 2010
- DINIZ, Lilia. Os jornalões se renovam, *Observatório da Imprensa*, 25 de maio de 2010, www.observatoriodaimprensa.com.br, acessado em 31 de maio de 2010
- DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007
- ECO, Umberto. *Obra aberta*. 8 ed. São Paulo: Perspectiva, 1997
- ERBOLATO, Mário. *Jornalismo especializado: emissão de textos no jornalismo impresso*. São Paulo: Atlas, 1981
- FARO, J. S. *Jornalismo Cultural: Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural*. *Comunicação e Sociedade*. São Bernardo do Campo, Metodista, 2006, Ano 28, n° 46.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12 ed. São Paulo: Edusp, 2004
- FERREIRA, Luana. Eu acredito no jornalismo impresso. *Novo Jornal*, Natal/RN, *Cultura*, p.25, 02 de dez. de 2009
- FLUSSER, Vilem. *Filosofia da caixa preta: ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Annablume, 2010

- FLUSSER, Vilem. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify, 2007
- Folha de São Paulo, Caderno Especial “Novíssima”, 23 de mai. De 2010
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1952
- GADINI, Sérgio Luiz. *Grandes estruturas editoriais dos cadernos culturais: principais características do jornalismo cultural nos diários brasileiros*. Revista Fronteiras estudos midiáticos VIII(3): 233-240, set/dez 2006
- GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna: aprender a escrever, aprendendo a pensar*. 25 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006
- GODEIRO, Marcelo. Colunismo mundano devora a cultura, evento, encontro de escritores coloca em discussão jornalismo cultural de sua origem aos dias atuais, Novo Jornal, Natal/RN, Cultura, p.14, 28 de out. de 2010
- GONÇALVES, Marcos Augusto. *Pós-tudo: 50 anos de ilustrada*. São Paulo: Publifolha, 2008.
- GUIMARÃES, Luciano. *A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores*. São Paulo: Annablume, 2000
- GUIMARÃES, Luciano. *As cores na mídia: a organização da cor-informação no jornalismo*. São Paulo: Annablume, 2003
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006 (edição comemorativa dos 70 anos)
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- HOLLIS, Richard. *Design gráfico: uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed.Moderna, 2004
- HURLBURT, Allen. *Layout: o design da página impressa*. São Paulo: Nobel, 1999
- JOBIM, Danton. *Espírito do jornalismo*. São Paulo: Edusp, 1992
- JORGE, Franklin. Na estrada do Seridó à Natal. Novo Jornal, Natal/RN, p.14, Cultura, 04 de mar. de 2010
- Jornalista. São Paulo: Publifolha, 2006
- KOTSCHO, Ricardo. *A prática da reportagem*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2005
- LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005

- LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. 5 ed. São Paulo: Ática, 2005
- LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 7 ed. São Paulo: Ática, 2001
- LESSA, Washington Dias. *Dois estudos de comunicação visual*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995
- LIMA, João Gabriel de. O dia em que Gay Talese esteve entre nós, abr//2010, Carta do Editor, p. 10
- LIMA, João Gabriel de. O valor da reportagem, revista Bravo!, fev/2010, Carta do Editor, p.6
- LIMA, João Gabriel de. Os detalhes, os detalhes, revista Bravo! Jun./2010, Carta do Editor, p.10
- LINDOSO, Felipe (org). *Rumos [do] jornalismo cultural*. São Paulo: Summus, Itáu Cultural, 2007
- LUSTOSA, Elcias. *O texto da notícia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996
- MADRUGA, Woden, Memória da Tribuna, Tribuna do Norte, Natal/RN Opinião, p.2, 24 de mar. de 2010
- MADRUGA, Woden. Literatura e crítica. Tribuna do Norte, Natal/RN, p.2, Jornal de WM, 29 de out. de 2008
- MADRUGA, Woden. O bispo e o jumento. Tribuna do Norte, Natal/RN, p.2, Jornal de WM, 9 de mai. de 2010
- MADRUGA, Woden. Tribuna do Norte, Natal/RN, Opinião, p.2, 04 de jun. de 2010
- MADRUGA, Woden. O poeta que não foi a Pipa, Tribuna do Norte, Natal/RN, p.2, Jornal de WM, 26 de nov. de 2010
- MAGALHÃES, Mario. Coluna do ombudsman. Folha de São Paulo, São Paulo/SP, p.A6, 24 de fev. 2008
- MAGALHÃES, Mario. Coluna do ombudsman. Folha de São Paulo, São Paulo/SP, p.A6, 06 de abr. de 2008
- MANUAL DA REDAÇÃO: Folha de S.Paulo. São Paulo: Publifolha, 2007
- MARCONDES FILHO, Ciro. *O Espelho e a máscara: o enigma da comunicação no caminho do meio*. São Paulo: Discurso Editorial/Unijuí, 2002.
- MATTELARD, Armand. *História das teorias da comunicação*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2005
- MELLO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996

- MEYER, Philip. *Os jornais podem desaparecer?: como salvar o jornalismo na era da informação*. São Paulo: Contexto, 2007
- MONTEIRO, Maria Bethania. De 'sopa' no rumo da capital. *Tribuna do Norte*, Natal/RN, p.1, Viver, 04 de mar. De 2010
- MORAES, Vinicius. *Para viver um grande amor*. 1 ed. Rio de Janeiro: MEDIAFashion, 2008
- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: neurose*. 9 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2007
- MUNIZ, Sodré; FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.
- NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo: Contexto, 2007.
- OLIVEIRA, Gildson. *Câmara Cascudo: um homem chamado Brasil*. Brasília: Brasília Jurídica, 1999
- OLIVEIRA, Jalmil. O americano tranqüilo. *Novo Jornal*, Natal/RN, p.18, Cultura, 28 de nov. de 2010
- OLIVIER, Bruno. *As Ciências de informação e comunicação como interdisciplina frente à globalização e à Web 2.0: construção de pesquisas e metodologias*. Minicurso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, PPGEM, Natal/RN, 24 a 26 de maio de 2010.
- PACHECO, Daniela. Uma entrevista com o criador do 'Substantivo Plural', *Jornal de Hoje*, Cultura, p.19, 3 de jan. de 2011
- PENA, Felipe. *Teoria do jornalismo*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006
- PIZA, Daniel. *Jornalismo cultural*. São Paulo: Contexto, 2004.
- ROSSI, Clovis. *O que é jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1986
- SÁ, Jorge de. *A crônica*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1987
- SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994
- SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, artes e meios de comunicação*. São Paulo: Edusp, 2005
- SEREJO, Vicente. Cena Urbana. *Jornal de Hoje*, Natal/RN, Cidade, p.11, 24 de nov. de 2010
- SINGER, Susana. A arte de fazer títulos. *Folha de São Paulo*, Poder, A8, coluna do Omdsman, 06 de fev. de 2011
- SINGER, Susana. Negócios e o pai dos meus filhos. *Folha de São Paulo*, Poder, A8, coluna do Omdsman, 12 de abr. de 2011

- SINGER, Suzana. Coluna do ombudsman. Folha de São Paulo, São Paulo/SP, p.A10, 15 de maio de 2011
- SONTAG, Susan. *Diários (1947-1963)* São Paulo: Companhia das Letras, 2009
- SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SOUZA, Carlos de. O pouso do contador de histórias. Viver, Tribuna do Norte, Natal/RN, p.1, 24 de Nov. de 2010
- SOUZA, Carlos de. Os impasses da crítica cultural no RN [entrevista com Laurence Bittencourt]. Coluna Toque, Livros & Cultura, Viver, Tribuna do Norte, Natal/RN, p.4, 08 de jun. de 2011
- STRUNK JR, WILLIAM. *The elements of style*, with revisions, and introduction, and a chapter on writing by E.B. White. 40 ed. Longman Publishers, 2000
- STUNGO, Noami. *Charles e Ray Eames*. São Paulo: Cosac & Naif Edições, 2000
- SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à estética*. 4 ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1996.
- The style guide: the bestselling guide to english usage*. 20 ed. Britain: Profile Books, 2010
- TIBAU, Iván. *Teoria y practica del periodismo cultural*. Barcelona: Editorial Ate textos de periodismo, 1982
- Tribuna do Norte, Caderno Especial 60 anos, 24. mar.de 2010
- VARGAS, Herom. Reflexões sobre o jornalismo cultural contemporâneo. Estudos de Jornalismo e Relações Públicas. Dezembro de 2004, ano 2, no. 4. São Bernardo do Campo: UMESP.
- VIEIRA, Márcia. Eleição da ABL Estadão, São Paulo/SP, p.3, Caderno 2, 28 de mar. de 2010
- VILAS BOAS, Sérgio. *O estilo magazine: o texto em revista*. Sérgio. São Paulo: Sumus, 1996
- WOLF, Mauro. *Teoria das comunicações de massa*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005
- WOOLF, Virgínia. *Mrs. Dalloway/Orlando*. São Paulo: Abril, 1972
- YAZBECK, Ivan. A era das cores. In: CALDAS, Álvaro (org). *Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet*. 2 ed. Rio de Janeiro: Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2002